

**UNIVERSIDADE DO ALGARVE**  
**FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS**  
Departamento de História, Arqueologia e Património  
Mestrado em História da Arte Portuguesa

## **O RETÁBULO EM SETÚBAL**

(Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em História da Arte –  
especialização em História da Arte Portuguesa)

Patrícia Cristina dos Reis Fonseca Afonso

FARO  
2009

**UNIVERSIDADE DO ALGARVE**  
**FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS**  
Departamento de História, Arqueologia e Património  
Mestrado em História da Arte Portuguesa

## **O RETÁBULO EM SETÚBAL**

(Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em História da Arte –  
especialização em História da Arte Portuguesa)

Patrícia Cristina dos Reis Fonseca Afonso

FARO  
2009

**NOME:**

Patrícia Cristina dos Reis Fonseca Afonso

**DEPARTAMENTO:**

História, Arqueologia e Património

**ORIENTADOR:**

Prof. Doutor Francisco Ildfonso da Claudina Lameira

**DATA:**

29 de Maio de 2009

**TÍTULO DA DISSERTAÇÃO:**

O Retábulo em Setúbal

**JÚRI:**

**Presidente:** Doutor **Francisco Manuel de Almeida Correia Teixeira**, Professor Auxiliar da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade do Algarve;

**Vogais:** Doutor **Francisco Ildfonso da Claudina Lameira**, Professor Auxiliar com Agregação da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade do Algarve;

Doutor **Carlos Alberto Moura**, Professor Auxiliar da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

## **RESUMO**

A presente dissertação, subordinada ao tema “O retábulo de Setúbal”, tem como objectivo principal estudar e analisar uma das manifestações artísticas que mais notabilidade teve durante o Antigo Regime. Pretende este estudo, acima de tudo, contribuir para a divulgação, valorização e salvaguarda deste património cultural através da elaboração de um inventário.

O estudo divide-se em três partes. A primeira tem como finalidade caracterizar a evolução histórica da actual cidade de Setúbal, dando destaque ao aspecto religioso, quantificando e descrevendo, por um lado, as igrejas, ermidas e casas religiosas que aqui se foram implementando ao longo dos tempos, e por outro, as expressões e vivências religiosas da sociedade.

A segunda parte dá ênfase ao conjunto retabulístico de Setúbal, abordando questões como: a encomenda, usos e funções, materiais e técnicas, a periodização, tipologias e exemplares ímpares, a complementaridade das artes e a produção artística.

A terceira e última parte restringe-se ao catálogo dos retábulos recenseados. De um total de setenta e um retábulos, fez-se ficha de inventário de cinquenta e um, excluindo-se os revivalistas pelo facto de corresponderem a um período de declínio a nível produtivo.

**Palavras-chave:** Setúbal, Retábulo.

## **ABSTRACT**

The principal purpose of the present dissertation, under the theme “Reredoses of Setúbal”, is to study and analyze one of the most notable artistic manifestations during the Dictatorship. This study aims, above all, at contributing to the promotion and safeguard of this cultural heritage through the elaboration of an inventory.

The study is divided into three sections. The first one is intended to characterize the historical evolution of the present city of Setúbal, by pointing out the religious aspect, quantifying and describing both the churches, chapels and religious houses that were built over the years, and the expressions and religious life of the society.

The second part emphasizes the set of reredoses existing in Setúbal, answering questions such as: who commissioned it, uses and functions, materials and techniques, periods, typologies and unique examples, complementing the arts and artistic production.

The third and last section is restricted to the catalogue of the registered reredoses. Of a total of seventy one reredoses, one inventory file was done for each of fifty one, excluding the revivalists because they correspond to a period of production decline.

**Key-words:** Setúbal, reredoses.

## AGRADECIMENTOS

Quero agradecer a todas as pessoas que, de uma forma directa ou indirecta, ajudaram na concretização deste trabalho.

Em primeiro lugar, ao orientador Prof. Doutor Francisco Lameira pelas palavras de incentivo, pela atenção e disponibilidade com que sempre me recebeu, e pelas sugestões dadas ao longo da elaboração deste trabalho.

Agradeço a colaboração de várias entidades que tornaram possível este estudo: à Câmara Municipal de Setúbal, especialmente aos funcionários do Museu Municipal, pela simpatia com que sempre me receberam, pelo acesso ao coro alto da igreja do antigo convento de Jesus, bem como pelo registo fotográfico e pela cedência de documentação / imagens. Aos funcionários do Museu do Barroco, localizado na Casa do Corpo Santo, pela autorização concedida no registo fotográfico. Aos funcionários do Arquivo Distrital de Setúbal e aos funcionários da Biblioteca Central de Gambelas.

Agradeço a todos os Párcos e responsáveis dos templos, em especial ao Padre Rui Rosmaninho (Paróquia de Santa Maria da Graça e de São Julião), ao Padre Vítor Portugal Martins (Paróquia de São Sebastião) e ao Padre Fernando Alves (Paróquia de Nossa Senhora da Anunciada) por permitirem o acesso às igrejas e o registo fotográfico.

Agradeço aos amigos e colegas, pelas palavras de incentivo, e nalguns casos pelo ombro amigo e apoio incondicional: Fernanda Zacarias, Paula Policarpo, Tânia Rodrigues, Luís Santos, Dália Paulo e Teresa Valente.

Por último agradeço à família pelo apoio, carinho e preocupação constante, em especial aos meus pais, à minha irmã e ao Nuno.

## ÍNDICE

INTRODUÇÃO.....	1
1. ENQUADRAMENTO HISTÓRICO .....	4
1.1 A estrutura urbana e a criação das paróquias.....	7
1.2 Ermidas .....	13
1.3 Conventos .....	19
1.3.1 Fundações quatrocentistas e quinhentistas (1. <sup>a</sup> metade do século XVI) .....	19
1.3.2 Fundações pós-tridentinas.....	21
1.4 Casas de Assistência .....	25
1.5 Manifestações das vivências religiosas.....	27
1.5.1 As Confrarias .....	28
1.5.2 As Relíquias .....	30
1.5.3 Festividades religiosas .....	31
1.6 O terramoto de 1755 e os anos da reconstrução .....	34
1.7 Setúbal nos séculos XIX e XX .....	38
2. O RETÁBULO DE SETÚBAL .....	42
2.1. Encomenda .....	43
2.2 Usos e funções .....	49
2.3 Materiais e técnicas.....	52
2.4 Periodização.....	56
2.4.1 Prenúncios do Triunfalismo Católico .....	57
2.4.2 Barroco Pleno .....	58
2.4.3 Barroco Final .....	60
2.4.4 Tardo-Barroco / Rococó .....	61
2.4.5 Revivalismos.....	63
2.5 Tipologias e exemplares ímpares.....	64
2.6 A Complementaridade das artes .....	65
2.7 Produção Artística.....	68
3. CATÁLOGO DOS RETÁBULOS RECENSEADOS .....	78

3.1 Freguesia de Santa Maria da Graça .....	80
3.1.1 Planta da Igreja Matriz de Santa Maria da Graça, actual Sé.....	82
Retábulo – mor.....	83
Retábulo do São Luís, Bispo.....	85
Retábulo de Nossa Senhora do Bom Sucesso.....	87
Retábulo de Sant’ana .....	89
Retábulo de Santo André .....	91
3.1.2 Planta esquemática da Igreja do antigo Convento de São João .....	94
Retábulo – mor.....	95
3.1.3 Planta esquemática da Ermida de Santo António .....	98
Retábulo da Capela-mor .....	99
Retábulo colateral .....	101
Retábulo lateral .....	103
3.1.4 Planta esquemática da Ermida do Senhor do Bonfim.....	106
Retábulo da Capela-mor .....	107
Arco triunfal retabular .....	109
3.1.5 Planta esquemática da Casa do Corpo Santo.....	112
Retábulo principal.....	113
3.2 Freguesia de São Julião .....	116
3.2.1 Planta da Igreja Matriz de São Julião .....	118
Retábulo da Capela – mor .....	119
Retábulo do Santíssimo Sacramento.....	121
Retábulo das Almas .....	123
Retábulo de Nossa Senhora .....	125
3.2.2 Planta da Igreja do antigo Convento de Jesus.....	128
Retábulo da Capela-mor .....	129
Retábulo relicário.....	133
Retábulo relicário.....	135
Retábulo de Nossa Senhora da Purificação .....	137
Retábulo de Nossa Senhora da Conceição.....	139
Retábulos do coro alto .....	141
Retábulos do coro alto .....	143
3.2.3 Planta esquemática da Igreja de Nossa Senhora dos Anjos.....	146
Retábulo da Capela-mor .....	147

3.3 Freguesia de São Sebastião.....	150
3.3.1 Planta da Igreja do antigo Convento de São Sebastião – actual	
Igreja Matriz de São Sebastião.....	152
Retábulo da Capela-mor .....	153
Retábulo de Nossa Senhora do Rosário .....	155
Retábulo do Santíssimo Sacramento.....	157
3.3.2 Planta esquemática da Igreja de Nossa Senhora da Boa Hora do	
antigo Convento de Santo Agostinho.....	160
Retábulo da Capela-mor .....	161
3.3.3 Planta esquemática do Cemitério da Santa Casa da Misericórdia.....	164
Retábulo das Almas .....	165
3.4 Freguesia de Nossa Senhora da Anunciada .....	168
3.4.1 Planta esquemática da Ermida de Nossa Senhora da Saúde .....	170
Retábulo da Capela-mor .....	171
Arco triunfal retabular .....	173
3.4.2 Planta esquemática da Capela do Forte de São Filipe .....	176
Retábulo principal.....	177
3.4.3 Planta esquemática da Capela do Forte de Santo Antão.....	180
Retábulo principal.....	181
CONCLUSÃO .....	184
FONTES .....	188
BIBLIOGRAFIA .....	191
APÊNDICE DOCUMENTAL.....	206
APÊNDICE COM OS ELEMENTOS FOTOGRÁFICOS E GRÁFICOS .....	262

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho foi realizado no âmbito da cadeira de História do Retábulo do Mestrado em História da Arte Portuguesa.

A escolha do tema surge na sequência de outros trabalhos realizados, nomeadamente o trabalho de final de curso da licenciatura em Património Cultural, apresentado em 2003 na Faculdade de Ciências Humanas e Sociais desta Universidade, onde foi abordada a talha na vila de Almodôvar.

Setúbal foi a localidade escolhida para a realização deste estudo. A sua eleição não se deve a motivos pessoais, mas sim por se tratar de um local onde ainda não tinha sido efectuado um estudo aprofundado sobre esta temática. Convém, no entanto, destacar alguns trabalhos de investigadores contemporâneos, que se debruçaram sobre este tema e que cabe aqui mencionar pela importância que tiveram na concretização deste estudo. Fernando António Baptista Pereira nos artigos publicados sobre o já desaparecido retábulo da igreja do antigo convento de Jesus: *Iconografia da Morte e Ressurreição de Cristo (desvios heterodoxos em dois painéis do Antigo Retábulo da Igreja de Jesus em Setúbal)*, de 1984 e *Retábulo da Igreja de Jesus de Setúbal*, de 1989; Vítor Serrão, *Uma Obra-Prima do Estilo Nacional: O Retábulo da Igreja de Santa Maria da Graça de Setúbal (1697-1700)*, de 1989, onde publica um documento inédito que revela José Rodrigues Ramalho como artista responsável pela execução do retábulo-mor da Igreja Matriz de Santa Maria; e por último, José Custódio Vieira da Silva na monografia que fez sobre Setúbal em 1990, onde dá informações inéditas acerca da produção artística de alguns retábulos. É ainda de destacar várias publicações de Laurinda Abreu, que muito contribuíram na realização do presente trabalho, sobretudo na questão de tentar perceber a vida religiosa de Setúbal, nomeadamente, *A Santa Casa da Misericórdia de Setúbal de 1500 a 1755: aspectos de Sociabilidade e*

*Poder*, de 1990, *Confrarias e Irmandades de Setúbal: redes de sociabilidade e poder*, de 1991, e *Memórias da Alma e do Corpo – A Misericórdia de Setúbal na Modernidade*, de 1999.

Os objectivos mais importantes deste estudo são: contribuir para valorização e salvaguarda deste património artístico através da realização de um inventário dos retábulos existentes na actual cidade de Setúbal, sendo por isso abrangidas as quatro freguesias urbanas de Santa Maria da Graça, São Julião, Nossa Senhora da Anunciada e São Sebastião; e caracterizar esta realidade artística, nesta localidade em particular.

Após a recolha fotográfica, bibliográfica e documental, procedeu-se ao tratamento de dados e à análise formal, de modo a responder a algumas questões que consideramos fundamentais:

- Será que a vila de Setúbal, inserida na região da Estremadura – principal centro produtivo e artístico do país – e pertencente ao arcebispado de Lisboa, era auto-suficiente em termos produtivos? Ou recorria frequentemente a artistas com oficina aberta em Lisboa? Ou se ainda, porventura, recorria a artistas de outros centros produtivos e artísticos?

- Os artistas com oficina aberta em Setúbal regulavam-se pelos parâmetros artísticos vigentes no país, de forma actualizada ou retardatária? Ou será que apresentam características próprias?

- Quem eram os principais responsáveis pela encomenda?

O trabalho estrutura-se em três partes distintas. A primeira pretende caracterizar a evolução histórica da actual cidade de Setúbal, com vista a descrever e dar particular

ênfase ao aspecto religioso. Assim sendo, são apresentadas as igrejas matrizes, ermidas, conventos e recolhimentos que se foram implementando ao longo dos séculos, bem como as principais expressões das vivências religiosas da sociedade que se manifestavam pelas diversas procissões e festas religiosas e pela criação de Confrarias. Neste capítulo é ainda abordado os danos do terramoto de 1755, bem como uma caracterização da vila nos séculos XIX e XX, de modo a entender as principais alterações que sofreu, sobretudo ao nível religioso e administrativo.

A segunda parte deste trabalho é dedicada aos retábulos de Setúbal, onde são abordadas importantes questões como: a encomenda, usos e funções, materiais e técnicas, a periodização, tipologias e exemplares ímpares, a complementaridade das artes e a produção artística.

Para finalizar, na terceira parte apresentamos o catálogo dos retábulos recenseados, organizado por freguesias, onde constam quarenta e nove retábulos, tendo sido excluídos vinte e um exemplares revivalistas por corresponderem a um período de declínio em termos produtivos. Consequentemente procede-se à descrição de cada um dos retábulos, onde acompanhados pela respectiva fotografia são dadas as seguintes informações: localização, encomenda, artista responsável pela sua execução, conjuntura artística, usos e funções, tipologia, análise formal, a interação com outras artes e finalmente, o estado de conservação.

## 1. ENQUADRAMENTO HISTÓRICO

Setúbal situa-se a sul do Tejo na região da Estremadura e desfruta de uma localização privilegiada, limitada a norte pela serra da Arrábida e a oeste pelo estuário do Sado.

As suas características geomorfológicas associadas à riqueza de recursos marinhos e agrícolas favoreceram desde muito cedo a ocupação humana.

O nome da localidade, segundo autores antigos, deriva do seu fundador. Reza a lenda que: *nas raízes do Barbárico promontório em formosa enseada, fresca e alegre praia do oceano, onde desagua e perde o nome o rio Sado, tem seu assento a nobre, e notável vila de Setúbal que fundou Tubal filho de Japher, e neto de Noé, 2103 anos antes da vinda de Christo, chamando-lhe Setubala (que quer dizer ajuntamento de Tubal) ...*<sup>1</sup>

Os vestígios mais antigos encontrados no núcleo urbano de Setúbal remontam à Idade do Ferro (finais do século VIII / inícios do século VII) com a ocupação fenícia, na Travessa dos Apóstolos<sup>2</sup> – freguesia de São Sebastião. Seria um aglomerado urbano que funcionava como um importante entreposto comercial, sobretudo com navegadores e comerciantes oriundos de Gadir.

Posteriormente, sob o domínio romano, esta localidade denominada Cetóbriga, conheceu particular desenvolvimento. Continuou a exercer importantes funções enquanto entreposto comercial e tornou-se num importante núcleo urbano e industrial, especializado

---

<sup>1</sup> António Carvalho da Costa, *Corografia Portuguesa e descripçam topografica do famoso reyno de Portugal* (...), tomo 3, Lisboa, Officina Real Deslandesiana, 1712, p. 289.

<sup>2</sup> Carlos Tavares da Silva e Joaquina Soares, “Na Procura das Origens de Setúbal” in *Almandan*, n.º 3, Almada, Centro de Arqueologia de Almada, 1984, p. 2.

na produção de salgas e molhos de peixe. Prova disso são os diversos vestígios encontrados ao longo dos anos, nomeadamente os tanques de salga, na Travessa de Frei Gaspar<sup>3</sup>.

Os diversos estudos efectuados têm deixado à margem a hipótese dos romanos terem-se fixado, primeiramente em Tróia, na margem sul do estuário do Sado, e só depois expandiram-se para a actual zona do núcleo urbano de Setúbal. Cada vez mais, acredita-se na teoria que esta localidade era contemporânea e estava estreitamente relacionada com a de Tróia. Esta, aliás, dependia de Setúbal no que diz respeito, por exemplo, a produtos alimentares e materiais de construção.

Com a decadência do Império romano, no século V, esta localidade foi alvo de um progressivo abandono<sup>4</sup>.

Localizando-se num ancoradouro, bastante vulnerável a ataques, quer por via marítima quer pela Serra da Arrábida, e havendo nas proximidades sítios que ofereciam boas condições de defesa, como é o caso de Palmela e Alcácer do Sal, a localidade de Setúbal em época islâmica esteve bastante condicionada em termos de expansão.

Até à presente data não existem fontes documentais ou vestígios arqueológicos que indiquem o desenvolvimento de Setúbal neste período. Os registos da presença árabe nesta localidade são bastante escassos, no entanto os poucos vestígios encontrados, principalmente cerâmicas no Largo da Misericórdia e na Praça do Bocage<sup>5</sup>, refutam a teoria de que este lugar terá sido abandonado e inundado pelas areias do Sado. Aqui residiam,

---

<sup>3</sup> Carlos Tavares da Silva e Joaquina Soares, “Na Procura das Origens de Setúbal” in *Almandan*, n.º 3, Almada, Centro de Arqueologia de Almada, 1984 p. 3.

<sup>4</sup> Fernando António Baptista Pereira, “O Centro Histórico de Setúbal e os seus principais valores patrimoniais” in *A Cidade*, Lisboa, Universidade Aberta, 1993, p.503.

<sup>5</sup> Isabel Cristina Ferreira Fernandes, “Aspectos da litoriedade do Gharb al-Andalus: os portos do Baixo Tejo e do Baixo Sado” in *Arqueologia Medieval*, n.º 9, Porto, edições Afrontamento, 2005, p.49.

muito provavelmente, pequenas comunidades de pescadores<sup>6</sup> que aproveitavam as riquezas marítimas, dedicando-se a actividades pesqueiras.

Por ocasião da reconquista cristã, nos inícios do século XIII, Setúbal não detinha qualquer poder político, económico ou militar como as localidades vizinhas de Alcácer do Sal, Palmela e Sesimbra, sendo quanto muito ocupada por uma pequena comunidade piscatória.

Foi com a conquista das localidades supra indicadas e o conseqüente estabelecimento da Ordem Militar de Santiago, que Setúbal volta a ser alvo de uma regular fixação populacional<sup>7</sup>. Esta situação deve-se principalmente ao facto da sua localização permitir o desenvolvimento de um porto com activo tráfego marítimo, como aliás veio a acontecer.

D. Afonso III concede carta de foral aos moradores de Setúbal em 1249, ficando a administração a cargo da Ordem Militar de Santiago<sup>8</sup>.

Setúbal desenvolveu-se significativamente, numa relação directa com o rio e o mar, e os seus habitantes começaram gradualmente a adoptar uma posição de afirmação de identidade face às vilas vizinhas de Palmela e Alcácer do Sal. A confirmar, há a carta que a Câmara envia ao Rei D. Afonso IV a solicitar a demarcação do termo de Setúbal. Em causa estavam, sobretudo, as dificuldades que os setubalenses sentiam face à entrada e venda de produtos trazidos de Sesimbra, Palmela e Alcácer. Em 1343, o monarca remete resposta ao mestre da Ordem de Santiago D. Garcia Peres, ordenando a demarcação do termo de Setúbal com terrenos de Palmela e Alcácer do Sal: (...) *os homens bons, e concelho de*

---

<sup>6</sup> Isabel Cristina Ferreira Fernandes, “A península de Setúbal em época islâmica” in *Arqueologia Medieval*, n.º 7, Porto, edições Afrontamento, 2001, p. 187.

<sup>7</sup> Lénia Nogueira, “História e Memória na Paróquia de São Sebastião de Setúbal” in *Paróquia e Igreja de S. Sebastião de Setúbal. História e Arte*, Setúbal, Paróquia de São Sebastião, 2004, p. 19.

<sup>8</sup> *Idem, Ibidem*, p.19

*Setúbal, me enviaram dizer, em como não havia termo, e recebiam muito dano dos de Palmella, porque o termo da dita villa de Palmella chegava até à villa de Setúbal (...) e pelos ditos danos que recebiam, pediram-me por mercê, que considerasse em como eu recebia deles muito serviço (...) e que lhes mandasse dar termo (...) e eu vendo o que me pediam por que entendo que é muito aguizado da dita villa de Setúbal haver termo, em que possam os moradores d'ahi aproveitar (...) e por que as ditas de Palmela e Alcácer hão tamanhos termos que isto lhe não é damnoso ...”<sup>9</sup>*

### **1.1 A estrutura urbana e a criação das paróquias**

À medida que a vila cresce, assiste-se a uma organização do espaço em termos administrativos e eclesiásticos.

O rol das igrejas, realizado entre 1320 e 1321, apresenta para a Península de Setúbal dez igrejas e Setúbal enquanto localidade apresenta apenas duas, que seguramente correspondem às igrejas de São Julião e de Santa Maria, sedes das freguesias mais antigas da vila<sup>10</sup>.

Setúbal desenvolveu-se a partir de uma pequena colina, onde se encontra actualmente a igreja de Santa Maria da Graça, actual Sé. Por isso, tudo leva a crer que a freguesia de Santa Maria terá sido a primeira a surgir, datando de 1248 a consagração do templo. O edifício, tal como se encontra actualmente, é do século XVI. Em 1513, D. Manuel I ordenou que se reedificassem, com as esmolas do povo e as rendas do Mestrado de Santiago, as duas igrejas matrizes, pelo facto de serem bastante pequenas para o número

---

<sup>9</sup>Alberto Pimentel, *Memória sobre a História e Administração do Município de Setúbal*, Lisboa, Typografia de G. A. Gutierrez da Silva, 1877, p. 136 – 137.

<sup>10</sup>Lénia Nogueira, “História e Memória na Paróquia de São Sebastião de Setúbal” in *Paróquia e Igreja de S. Sebastião de Setúbal. História e Arte*, Setúbal, Paróquia de São Sebastião, 2004, p. 23.

de habitantes. As obras desta igreja, ao que se julga, não terão iniciado naquela data, no entanto sabe-se que entre 1565-1570 já estava concluída<sup>11</sup>. A autoria desta obra foi atribuída ao arquitecto António Rodrigues, cavaleiro da Casa de El-rei<sup>12</sup>.

Segue-se a criação da freguesia de São Julião, cuja igreja matriz foi consagrada na segunda metade do século XIII na antiga Praça do Sapal<sup>13</sup> (actual Praça do Bocage).

Foi a primeira a ser reedificada, após a ordenação de 1513 do rei D. Manuel I, entre 1516 e 1519, pelo pedreiro João Favacho<sup>14</sup>.

A vila teve um crescimento longitudinal, de nascente para poente, numa relação directa e peculiar com o rio Sado, cuja economia assentava na pesca e no comércio marítimo.

Entre os anos de 1325 e 1375<sup>15</sup>, a vila foi guarnecida de uma muralha com *altas torres quadrangulares coroadas de ameias*, com cinco portas<sup>16</sup> e nove postigos<sup>17</sup>. Envolveu apenas a zona urbana de habitação, ficando extramuros os locais de Palhais, a nascente, e Troino, a poente. Esta nova construção, não só garantia a defesa como também um maior controlo fiscal de uma povoação que queria a todo o custo afirmar-se socialmente e sobretudo economicamente. Por ordem de D. João I, é ainda construído neste século, mais

---

<sup>11</sup> José Custódio Vieira da Silva, *Setúbal*, Lisboa, Editorial Presença, 1990, p.62.

<sup>12</sup> José Eduardo Horta Correia, “A arquitectura – maneirismo e estilo-chão” in *História da Arte em Portugal*, vol. VII, Lisboa, Alfa, 1989, p. 109-110.

<sup>13</sup> A sua antiga designação deve-se ao facto desta zona ser bastante pantanosa, o que não favoreceu desde logo a sua ocupação.

<sup>14</sup> José Custódio Vieira da Silva, *Setúbal*, Lisboa, Editorial Presença, 1990, p. 68.

<sup>15</sup> Alberto Pimentel, *Memória sobre a História e Administração do Município de Setúbal*, Lisboa, Typografia de G. A. Gutierrez da Silva, 1877, p. 185.

<sup>16</sup> Porta Nova, Porta de Évora, Porta dos Padres da Companhia, Porta de São Sebastião e Porta do Sol.

<sup>17</sup> Santa Catarina, Sapal ou do Buraco de água, São Cristóvão, da Ribeira, dos Lobos, de Santo António, do Carvão, da Alfandega e da Pedra.

precisamente em 1390, a torre de Santiago do Outão<sup>18</sup>, que tinha como principal objectivo proteger a Barra do Sado.

O século XIV foi de facto de um grande incremento, reflectindo-se no crescimento demográfico e consequentemente na expansão da vila: “*um maior número de produtos a serem comercializados em quantidades cada vez maiores, começa a atrair gente que à vila se deslocava não só para vender e comprar, mas também muitos que por lá se fixavam, tentando a sua sorte.*”<sup>19</sup> O poder económico da vila estava concentrado nos pescadores e nas actividades marítimas. Em 1340 é criada a Confraria do Corpo Santo, constituída por mareantes e carpinteiros navais. Os membros que constituíam esta confraria *gozavam de muitos e importantes privilégios*<sup>20</sup>, e muitos deles ocupavam cargos relevantes na administração da vila.

Vários estudos têm vindo a mostrar que no primeiro terço do século XVI e sobretudo no século XVII, há uma reestruturação social que desloca *o poder das mãos dos marítimos para os proprietários das marinhas*<sup>21</sup> de sal. Ainda pelas palavras de Laurinda Abreu, *a produção do sal aumentava continuamente e, por sua causa, Setúbal conhecia um desenvolvimento de tal forma extraordinário que não só guindaria a vila ao topo dos*

---

<sup>18</sup> Sofreu ao longo dos séculos diversas obras de remodelação e ampliação. Em 1890 foram realizadas obras de forma a ser adaptado a residência de veraneio, para D. Carlos e D. Amélia. Em 1900, D. Amélia cedeu as instalações para aí se instalar um sanatório. Mais tarde foi então adaptado a Hospital Ortopédico de Santiago do Outão, funções que ainda exerce.

<sup>19</sup> Lénia Nogueira, “História e Memória na Paróquia de São Sebastião de Setúbal” in *Paróquia e Igreja de S. Sebastião de Setúbal. História e Arte*, Setúbal, Paróquia de São Sebastião, 2004, p. 20.

<sup>20</sup> Alberto Pimentel, *Memória sobre a História e Administração do Município de Setúbal*, Lisboa, Typografia de G. A. Gutierrez da Silva, 1877, p. 192.

<sup>21</sup> Laurinda Abreu, *Memórias da Alma e do Corpo – A Misericórdia de Setúbal na Modernidade*, Viseu, Palimage, 1999, p. 8

*produtores nacionais, destronando a liderança de Aveiro, como dava ao sal do Sado foros de marca internacional*<sup>22</sup>.

A produção de sal nesta vila começa a ter realce logo no século XIV. A comprovar há uma carta de confirmação de D. Afonso IV, referindo que a produção de sal excedia as necessidades de consumo local<sup>23</sup>. Esta actividade económica começa cada vez mais a ganhar ênfase e em 1511, o rei D. Manuel promulga uma lei com o intuito de proteger a actividade salineira. Na Carta de Foral que este mesmo monarca concede em 1514, destaca a importância do sal e da sardinha salgada na vida económica de Setúbal<sup>24</sup>.

No entanto, é a partir do século XVI que a produção de sal supera e dá início a uma época áurea na vida económica de Setúbal. Na origem deste período económico esteve o contributo do mestre da Ordem de Santiago, D. Jorge Duque de Coimbra, que cedeu, em 1525, sesmarias e aforamentos para a construção e exploração de marinhas de sal no estuário do Sado.

O êxito desta actividade económica vai reflectir-se no desenvolvimento da vila. Foi de tal forma bem sucedida que, para além de diversos elementos da elite, como Desembargadores e Comendadores, estarem profundamente relacionados com a exploração e comércio do sal, também quase todas as associações e instituições religiosas<sup>25</sup> (clero regular e secular) da vila possuíam uma ou mais marinhas.

---

<sup>22</sup> Laurinda Abreu, *Memórias da Alma e do Corpo – A Misericórdia de Setúbal na Modernidade*, Viseu, Palimage, 1999, p. 25

<sup>23</sup> Albérico Afonso Costa Alho, *Cronologia Geral da História de Setúbal 1249 – 1910*, Setúbal, Escola Superior de Educação, 1980.

<sup>24</sup> Sobre este assunto ver Virgínia Rau, *A Exploração e o Comércio do Sal de Setúbal. Estudo de História Económica*, Lisboa, 1951.

<sup>25</sup> Fernanda Olival, “A Ordem de Santiago e o Sal do Sado” in *Oceanos*, nº 4, Lisboa, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses, 1990, p. 96.

Vários investigadores têm-se debruçado sobre este tema e defendido a ideia que o Rei e o mestre da Ordem de Santiago disputaram entre si os rendimentos desta economia<sup>26</sup>. Neste sentido, pode-se entender as obras que o rei mandou executar na primeira metade do século XVI, como também a atribuição do título de “Notável Vila”. Segundo Laurinda Abreu, *o poder central, aproveitando a maré de crescimento que se vivia, lançava redes envolventes sobre a vila impondo-lhe a sua soberania*<sup>27</sup>.

No entanto, só a partir de 1551, é que, através da Bula *Praeclara Cahrissimi*, a Coroa passa a dominar todos os territórios anteriormente sob a jurisdição das Ordens Militares. Em Setúbal, a partir dessa data, o rei começa a actuar com dois poderes distintos: enquanto rei e enquanto mestre.

O apogeu económico atingindo no século XVI e que se prolongou por todo o século XVII e inícios do século XVIII, é bem demonstrado pelo crescimento demográfico<sup>28</sup> e pela construção de importantes edifícios e novos equipamentos, necessários a uma vila em grande desenvolvimento.

---

<sup>26</sup> Laurinda Abreu, *Memórias da Alma e do Corpo. A Misericórdia de Setúbal na Modernidade*, Viseu, Palimage, 1999, p. 21.

<sup>27</sup> *Idem, ibidem*, p. 27.

<sup>28</sup> O numeramento de 1527 regista 1220 fogos; a *Carta de Desmembração e Separação, e nova criação de igrejas matrizes* de 1553 contabiliza 1913 fogos; Para 1619, Nicolau de Oliveira, *Livro das grandezas de Lisboa*, refere a existência de 2330 fogos; Para 1712, António Carvalho da Costa, *Corografia Portuguesa*, refere a existência de 11000 pessoas de comunhão; Para 1741, Gregório de Freitas, *Memória Geográfica e Histórica da Província da Estremadura*, indica 11 421 almas; Para 1745, João Baptista de Castro, *Mappa de Portugal*, refere a existência de 3000 fogos; para 1746, Almeida Carvalho, *Acontecimento, Lendas e Tradições da Região Setubalense*, vol. IV, refere a existência de 4000 fogos; para 1753, Gregório de Freitas, *Memória Geográfica e Histórica da Província da Estremadura*, indica 12 955. Segundo ainda Laurinda Abreu, a população de Setúbal aumentou entre 1527 e 1640 cerca de 139 % e entre 1619 e 1753 aumentou cerca de 50 %. Sobre este assunto ver as obras *Memorias da Alma e do Corpo: A Misericórdia de Setúbal na Modernidade*, p. 31-40 e *A Santa Casa da Misericórdia de Setúbal de 1500 a 1755: Aspectos de sociabilidade e poder*, Setúbal, Santa Casa da Misericórdia, 1990, p. 18.

A 5 de Fevereiro de 1513, D. Manuel I ordena a ampliação das igrejas matrizes de Santa Maria e São Julião. Em 1525, D. João III concede o título de “notável villa”<sup>29</sup> e no ano seguinte promove a construção da Casa da Câmara, Paço do Trigo, Açougues e Cadeia<sup>30</sup>, bem como o alargamento da Praça do Sapal, a reparação das vias, a criação de novos caminhos e a construção de fontes<sup>31</sup>. Finalmente, por carta de 14 de Março de 1553, o arcebispo de Lisboa, D. Fernando, cria mais duas freguesias: a de Nossa Senhora da Anunciada por desmembramento da freguesia de São Julião, a poente da vila e no denominado bairro de “Troino”, instalando-se na ermida de Nossa Senhora da Anunciada; e a de São Sebastião por desmembramento da freguesia de Santa Maria da Graça, a nascente da vila e no denominado bairro de “Palhais”, que se instalou na ermida de São Sebastião<sup>32</sup>.

Ainda durante este século, mas já sob o domínio filipino, é construído em 1582 o forte de São Filipe, por ordem do rei D. Filipe I. Foi responsável pela sua construção o engenheiro Filipe Terzi<sup>33</sup>, radicado em Portugal ao serviço do rei.

Em período de pós-restauração, uma nova linha de muralha com onze baluartes e dois meios baluartes envolveram a vila, abrangendo as novas freguesias. Por volta de 1642,

---

<sup>29</sup> Alberto Pimentel, *Memória sobre a História e Administração do Município de Setúbal*, Lisboa, typografia de G. A. Gutierrez da Silva, 1877, p. 145.

<sup>30</sup> José Custódio Vieira da Silva, *Setúbal*, Lisboa, Editorial Presença, 1990, p. 15.

<sup>31</sup> Laurinda Abreu, *Memórias da Alma e do Corpo. A Misericórdia de Setúbal na Modernidade*, Viseu, Palimage, 1999, p. 26.

<sup>32</sup> (...) *que na villa de setubal deste Arcebipado havia muita gente, e povoação, e que as egrejas parochais, a que todos na dita villa era obrigados a ir, como freguezes, são somente duas, em que não podiam caber os que eram fregueses, nem os Prioeres, e Curas podiam bem acudir ao que lhes convinha por sua obrigação por o número de gentes (...) Por na freguesia de S. Gião da villa de Setúbal haver mil e trinta e seis fogos ordena Sua Alteza, que se faça d'esta freguezia outra de Nossa Senhora da Annunciada em Trouno para serem duas: ficam à dita freguezia de S. Gião quinhentos e cincoenta fogos (...) e há na Freguezia de Santa Maria oitocentos setenta e sete fogos, Manda Sua Alteza, que se faça desta freguezia outra a S. Sebastião em Palhaes (...) cabe a esta freguezia de Santa Maria quinhentos e dezasseis fogos, e cria Sua Alteza na Ermida de S. Sebastião a Palhaes (...) cabem a esta freguezia trezentos e sessenta e um fogos (...)*. Documento transcrito na obra: Alberto Pimentel, *Memória sobre a História e Administração do Município de Setúbal*, Lisboa, typografia de G. A. Gutierrez da Silva, 1877, p. 142-144.

<sup>33</sup> José Custódio da Silva, *Setúbal*, Lisboa, Editorial Presença, 1990, p. 84.

aquando da visita do engenheiro militar Cosmader que estava encarregue de fiscalizar as fortalezas aqui existentes, foi realizada pelo seu colaborador (engenheiro militar francês João Gilot) a planta da fortificação de Setúbal. Mostra essa planta que a freguesia de Nossa Senhora da Anunciada estava bastante desenvolvida, ao contrário da de São Sebastião. Esta, talvez por se encontrar num terreno mais acidentado.

O desenvolvimento socio-económico, aliado à forte religiosidade da população, contribuiu significativamente para o enorme surto de edificação de casas religiosas (ermidas, conventos, recolhimentos ...), apresentando-se de seguida, uma breve referência a cada um destes edifícios.

## **1.2 Ermidas**

Existiram cerca de vinte e duas ermidas no termo de Setúbal. Entre elas, algumas foram elevadas a sede de paróquia, outras deram origem à fundação de conventos e outras há apenas referências documentais, desconhecendo-se o local exacto onde foram edificadas.

Desconhece-se qual terá sido a primeira ermida a ser construída. Fontes documentais referem que, entre 1235 e 1250, surgiu uma forte devoção a Nossa Senhora da Anunciada, havendo inclusive uma lenda referente à aparição desta santa na Praia do Troino. Reza a lenda que *“havia nesta villa de Setuval em pobre caza huma mulher (...) tão necessitada dos bens da fortuna que sahia às margens do rio que banha as praias deste povo a buscar os fragmentos combustíveis que o mar aly aloja (...) e aconteceu que trazendo de huma vês (...) á hora de servise delles vio que applicando todos ao lume, um que hera de diminuta grandeza, fugindo á voracidade das lavaredas, salatava para fora da fornalha, (...) a admirada mulher principiou a examinar a cauza daquelles assombrosos*

*prodígios vindo do pleno conhecimento de que não era tosco cavaco o que se não deichava tocar de lume mas sim um lenho venerável, enquanto hera imagem de Maria Santíssima*<sup>34</sup>.

A devoção à milagrosa imagem da Virgem levou à criação da primeira Confraria de Setúbal e à edificação, em 1325, da ermida de Nossa Senhora da Anunciada. Esta localizava-se no bairro de Troino, no sítio que actualmente corresponde à Praça Teófilo Braga. Em 1462, este edifício é dotado de uma importante obra. Trata-se do portal da igreja, financiada pelo infante D. Fernando, mestre da Ordem de Santiago<sup>35</sup>.

Na visitação efectuada pela Ordem de Santiago entre 16 de Julho e 18 de Outubro de 1510<sup>36</sup> são referidas seis ermidas: São Sebastião, São João, Santa Catarina, Nossa Senhora da Graça, Nossa Senhora de Tróia e Nossa Senhora da Misericórdia<sup>37</sup>.

A ermida de São Sebastião foi erguida com a ajuda das esmolas dos pescadores por volta de 1490<sup>38</sup> nos arrabaldes da cidade, em local extramuros e no denominado lugar de “Palhais”, mais precisamente num local que actualmente dá pelo nome de Largo dos Defensores da República, mais conhecido por Largo do Miradouro.

A primitiva ermida de São João foi provavelmente construída em meados do século XV num vale denominado “Santas”. Segundo consta na visitação da Ordem de Santiago de 1510, foi construída por *hũu Johão Piris que foi allmoxarife do jfamte Dom Fernando e foy sogro de Fernamdo Afomso de Aguiar e ora tem carrego della Lopo Guomez de Abreu que*

---

<sup>34</sup> AMS, *Compromisso da Irmandade de Nossa Senhora da Anunciada*. (cópia quincentista). Citado por José Custódio Vieira da Silva, *Setúbal*, Lisboa, Editorial Presença, 1990, p. 13.

<sup>35</sup> Albérico Afonso Costa Alho, *Cronologia Geral da História de Setúbal 1249 – 1910*, Setúbal, Escola Superior de Educação, 1980.

<sup>36</sup> *Documentos para a História da Arte em Portugal, Visitações de Alvalade, Casével, Aljustrel e Setúbal - Ordem de São Tiago*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1969.

<sup>37</sup> Daremos mais atenção a esta igreja no capítulo dedicado às casas de assistência.

<sup>38</sup> Lénia Nogueira, “História e Memória na Paróquia de São Sebastião de Setúbal” in *Paróquia e Igreja de S. Sebastião de Setúbal. História e Arte*, Setúbal, Paróquia de São Sebastião, 2004, p. 24.

casou com hũa filha do dito Fernamdo Afomso<sup>39</sup>. Em 1515, por patrocínio do mestre D. Jorge e da duquesa sua mulher, D. Brites de Vilhena, esta ermida foi reconstruída nouro local por se encontrar em *sítio agreste e doentio*<sup>40</sup>. O local escolhido foi o “Chão do Sapal”, mais próximo da vila, onde poucos anos depois foi construído o convento dominicano de São João.

A ermida de Santa Catarina foi *edificada per Mem Rojz Pymto escudeiro morador que foy nesta villa e sua moolher Caterina Lourenço*<sup>41</sup> na “Coutada de Motrena” – actual localidade de Mitrena. Desta ermida subsiste apenas a fachada principal.

A ermida de Nossa Senhora de Tróia, também denominada por ermida de Nossa Senhora dos Prazeres<sup>42</sup>, remonta ao século XV<sup>43</sup>.

A ermida de Nossa Senhora da Graça, localizada em Praias do Sado, terá sido construída em meados do século XV pelo clérigo Fernão de Afonso<sup>44</sup>. Estando este templo bastante danificado por altura das Visitações de 1510, ficou determinado pelo mestre de Santiago, D. Jorge, que os herdeiros tinham de o reparar<sup>45</sup>.

A ermida de Nossa Senhora dos Anjos, apesar de não aparecer mencionada nas Visitações da Ordem de Santiago, já existia nos inícios do século XVI. A 5 de Fevereiro de 1500, Rodrigo Afonso, do Conselho do rei D. Manuel I e Vedor da Senhora Infanta doou

---

<sup>39</sup> *Documentos para a História da Arte em Portugal, Visitações de Alvalade, Casével, Aljustrel e Setúbal – Ordem de São Tiago*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1969, p. 102.

<sup>40</sup> Alberto Pimentel, *Memória sobre a História e Administração do Município de Setúbal*, Lisboa, typografia de G. A. Gutierrez da Silva, 1877, p. 201.

<sup>41</sup> *Documentos para a História da Arte em Portugal, Visitações de Alvalade, Casével, Aljustrel e Setúbal – Ordem de São Tiago*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1969, p. 102.

<sup>42</sup> Rogério Peres Claro, *Setúbal no século XVIII. As informações paroquias de 1758*, Setúbal, Tipografia Rápida, 1957, p. 2 e 3.

<sup>43</sup> Pedro de Azevedo, *O Arqueólogo Português*, 1897.

<sup>44</sup> *Documentos para a História da Arte em Portugal, Visitações de Alvalade, Casével, Aljustrel e Setúbal – Ordem de São Tiago*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1969, p. 115.

<sup>45</sup> *Idem*.

esta ermida à Confraria da Misericórdia. No século XVII passou a pertencer ao convento de Jesus e desde o século XVIII que pertence à Ordem Terceira de São Francisco.

Datam do século XVI as ermidas de Nossa Senhora do Socorro, Nossa Senhora do Livramento, São Pedro de Alcube, Nossa Senhora da Saúde, a capela de São Filipe e a capela de São Tiago.

A ermida de Nossa Senhora do Socorro localiza-se junto à ermida de Nossa Senhora dos Anjos, na actual rua do Balneário Dr. Paula Borba. O Compromisso desta Confraria foi criado em 1598 e a construção do templo iniciou-se em 1600, tendo contado com o patrocínio dos trabalhadores do Paço do Trigo. Actualmente funciona como capela funerária.

A ermida de Nossa Senhora do Livramento foi construída pela Confraria dos mareantes num local próximo da actual Travessa das Lobas, junto da Avenida 22 de Dezembro. Entre 1660 e inícios do século XVIII foi ocupada pelos frades da Ordem dos Carmelitas Descalços. Em 1721, estando novamente na posse da sua Confraria, foi alvo de uma campanha de obras. Sofreu grande destruição com o terramoto de 1755 e em 1833, o edifício é adaptado a teatro<sup>46</sup>. Posteriormente funcionou como fábrica de conservas, no entanto e apesar de ser sido classificada em 1933, acabou por ser destruída na década de 40<sup>47</sup>.

A data mais antiga relativa à ermida de São Pedro de Alcube é de 1596 e pertencia à freguesia de Nossa Senhora da Anunciada<sup>48</sup>.

---

<sup>46</sup> Alberto Pimentel, *Memória sobre a História e Administração do Município de Setúbal*, Lisboa, typografia de G. A. Gutierres da Silva, 1877, p.189

<sup>47</sup> [www.monumentos.pt](http://www.monumentos.pt)

<sup>48</sup> Alberto Pimentel, *Memória sobre a História e Administração do Município de Setúbal*, Lisboa, typografia de G. A. Gutierres da Silva, 1877, p. 214.

A ermida de Nossa Senhora da Saúde localiza-se na freguesia de Nossa Senhora da Anunciada na rua do Outeiro da Saúde, sobre o Baluarte da Saúde. A sua construção, iniciada por volta de 1598, está relacionada com uma promessa que o povo desta vila fez por ocasião da peste que ocorreu nesse ano e que dizimou muitos habitantes. Em 1660, estando a ermida arruinada, a Irmandade obteve autorização para a sua reedificação<sup>49</sup>. Junto a este edifício, foi construído em 1747 um Recolhimento, destinado a donzelas, com as esmolas dos proprietários das marinhas do Sado.

A capela de São Filipe, localizada na freguesia de Nossa Senhora da Anunciada, é uma obra régia e a sua data de construção remonta muito provavelmente à época de construção da fortaleza de São Filipe, onde se encontra integrada.

A capela de São Tiago, integrada no Forte de Santo Outão na freguesia de Nossa Senhora da Anunciada, será também uma obra régia e foi construída, muito provavelmente, aquando das obras realizadas no século XVI. Entre 1643 – 1665, durante novas obras de ampliação da fortaleza, há indicação da capela ter sido remodelada.

No século XVII foram construídas as seguintes ermidas: Santo António e Anjo da Guarda.

A ermida de Santo António do Postigo<sup>50</sup> localiza-se na freguesia de Santa Maria da Graça no Largo de Santo António. É actualmente utilizada como capela funerária.

A ermida do Anjo da Guarda, actualmente designada de Senhor Jesus do Bonfim, localiza-se na Praça do Vitória Futebol Clube no Campo do Bonfim – freguesia de Santa Maria da Graça. Foi fundada pelo padre Diogo Mendes, em data anterior a 1669<sup>51</sup>. Foi um

---

<sup>49</sup> José Custódio Vieira da Silva, *Setúbal*, Lisboa, Editorial Presença, 1990, p. 42.

<sup>50</sup> Assim chamada pelos populares por encontrar-se junto a um postigo da muralha medieval.

<sup>51</sup> Data de falecimento do padre, conforme nos demonstra a inscrição da lápide da capela-mor.

local de grande fé e devoção, onde vinham pessoas de várias localidades pagar as suas promessas, inclusive o rei D. João V, em 1711<sup>52</sup>.

Entre finais do século XVII, inícios do século XVIII, foram construídas duas ermidas dedicadas a Nossa Senhora da Conceição. Uma, denominada por Nossa Senhora da Conceição da Porta de Évora<sup>53</sup>, localiza-se na freguesia de Santa Maria da Graça, na avenida de 5 de Outubro, e tem a particularidade de estar construída sobre a porta de Évora da muralha medieval. A outra localizava-se junto à Casa do Corpo da Guarda na Praça do Bocage e foi encerrada para poder receber um dos *Passos*<sup>54</sup>.

No século XVIII foi construída a ermida do Corpo Santo pela Irmandade dos mareantes de Setúbal, cujo primeiro Compromisso data de 1340. Inicialmente, esta Confraria tinha a sua capela sedeada na igreja matriz de Santa Maria. No século XVIII, dispondo de dinheiro suficiente, a Confraria mudou-se para as instalações do palácio dos Cabedos, localizado na rua lateral à igreja de Santa Maria e que actualmente se denomina Rua do Corpo Santo. As obras de adaptação terão sido realizadas por volta de 1714, data que se pode ler no portal deste edifício.

A ermida de Nossa Senhora da Soledade foi construída em conjunto com um Recolhimento com a mesma denominação em 1747, tendo sido fundador o padre D. António de Sousa<sup>55</sup>. Localiza-se na Avenida Luísa Todí, na freguesia de Nossa Senhora da Anunciada.

---

<sup>52</sup> Alberto Pimentel, *Memória sobre a História e Administração do Município de Setúbal*, Lisboa, typografia de G. A. Gutierres da Silva, 1877, p.195

<sup>53</sup> A confirmação da sua Irmandade data de 25 de Novembro de 1712.

<sup>54</sup> Julga-se que os pequenos edifícios dos *Passos*, semelhantes entre si, tenham sido construídos por João Baptista Barros. Isto porque o *Passo* da Rua do Ourives, tem inscrita a data de 1738. Este arquitecto exerceu funções, entre 1715 e 1743, na Ordem Militar de Santiago e São Bento. José Custódio Vieira da Silva, *Setúbal*, Lisboa, Editorial Presença, 1990, p. 35.

<sup>55</sup> Alberto Pimentel, *Memória sobre a História e Administração do Município de Setúbal*, Lisboa, typografia de G. A. Gutierres da Silva, 1877, p.210.

As *Memórias Paroquiais de 1758* fazem ainda referência às seguintes ermidas, cuja data de fundação se desconhece: Santo Ovídio<sup>56</sup>, que localizava-se na actual freguesia do Sado, junto às marinhas<sup>57</sup>; São João<sup>58</sup>, pertencente à actual freguesia de Gambia, Pontes e Alto da Guerra, e Nossa Senhora da Assunção da Água Alva<sup>59</sup>.

### **1.3 Conventos**

O crescimento económico que se fez sentir em Setúbal motivou a presença das Ordens religiosas. Foram construídos 10 conventos e dois Recolhimentos na vila de Setúbal. Houve duas fases de construção conventual que se dividem pelo fenómeno da contra-reforma.

#### **1.3.1 Fundações quatrocentistas e quinhentistas (1.<sup>a</sup> metade do século XVI)**

Numa primeira fase foram construídos três conventos: São Francisco, Jesus e São João.

O convento de São Francisco, da Ordem dos Observantes da Província dos Algarves, fixou-se em 1410 nos arrabaldes da cidade e em zona sobranceira à vila, actualmente próxima da Avenida São Francisco Xavier. A sua construção deve-se a D. Maria Annes Escolar, uma mulher nobre e rica, filha de João Alves Escolar, antigo Vedor

---

<sup>56</sup> Rogério Peres Claro, *Setúbal no século XVIII. As informações paroquiais de 1758*, Setúbal, Tipografia Rápida, 1957, p. 3.

<sup>57</sup> Segundo informações solicitadas à Junta de Freguesia, esta ermida foi destruída e o local onde se encontrava, está actualmente ocupado por vivendas.

<sup>58</sup> Rogério Peres Claro, *Setúbal no século XVIII. As informações paroquiais de 1758*, Setúbal, Tipografia Rápida, 1957, p. 4.

<sup>59</sup> *Idem, Ibidem*, p.4.

da Fazenda do Rei D. Fernando. Em 1476, Vasco Queimado de Vila Lobos, fidalgo da Casa do Rei D. Afonso e neto da fundadora, promove uma campanha de obras.

Vários foram os reis que deram muita atenção a este convento, destacando-se D. Afonso V, que lhe concedeu várias doações e isenções, e D. João III, que por diversas vezes visitou-o, procurando o sossego dos seus claustros<sup>60</sup>.

Em meados do século XVIII, o convento encontrava-se bastante arruinado e a 18 de Novembro de 1747 iniciaram-se as obras do novo edifício que se prolongaram até 1750, cujo fundador foi Frei Francisco da Epifania<sup>61</sup>. Em 1840 foi adquirido por Joaquim Torlades O'Neill e em 1874 foi vendido ao comerciante Francisco José Pereira. Actualmente pertence ao Ministério do Trabalho e da Solidariedade Social.

Em 1490 foi fundado o convento feminino da Ordem de São Francisco (Clarissas), em local extramuros mas muito próximo do núcleo populacional. Esse local, anteriormente situado no “Sapal de Troino”, corresponde à actual Praça Miguel Bombarda. Este convento, integrado no regime de clausura, foi fundado pela ama do rei D. Manuel I, Justa Rodrigues Pereira. Em 1491, D. João II visita Setúbal e compromete-se a financiar a obra, ordenando, inclusivamente, a sua ampliação. Os trabalhos foram dirigidos pelo mestre Boitaca.

O convento de São João foi fundado por D. Jorge, duque de Coimbra e mestre da Ordem Militar de Santiago, e sua mulher D. Brites de Vilhena no local onde existia uma

---

<sup>60</sup> Almeida Carvalho, *Acontecimentos, Lendas e Tradições da Região Setubalense*, vol. IV, Setúbal, Junta Distrital de Setúbal, 1972, p.144 e 145.

<sup>61</sup> *Idem, Ibidem*, p.140

ermida invocada a São João<sup>62</sup>, em zona extramuros e igualmente próxima do núcleo populacional. A ideia de erguer um convento surgiu logo após a construção da ermida de São João. A confirmar está a carta<sup>63</sup> que D. Jorge escreve à Câmara em 1520 para obter autorização. Segundo parece, alguns frades vieram alojar-se junto da ermida, “*mas, as obras não só não corriam, como parece que nem sequer começavam (...) o sítio porém era sazonal, os padres adoeciam, e afinal abandonaram o local*”<sup>64</sup>. D. Jorge não desistiu do seu intento e propôs que o convento fosse destinado a freiras da Ordem Dominicana. A proposta foi aceite em 1525 e a construção iniciou-se em 1529.

### 1.3.2 Fundações pós-tridentinas

Na segunda metade do século XVI inicia-se uma segunda fase de construção conventual. Desta vez, os cânones do Concílio do Trento aliados à prosperidade que a vila vive em prol da exploração do sal, vai motivar a construção de novas casas conventuais.

---

<sup>62</sup> Ermida de origem medieval localizada anteriormente em local distante do núcleo populacional. Nos inícios do século XVI é transferida para local mais próximo da vila, em terras pertencentes à Ordem de Santiago.

<sup>63</sup> Carta de 20 de Junho de 1520, feita em Nossa Senhora de Azeitão; “*Nós o mestre de Sant’iago e de Avis, duque de Coimbra: faço saber a vós Juizes, Vereadores, oficiais e homens bons da nossa vila de Setúbal, e a quaisquer outros, a que o caso pertencer, considerando nós o crescimento em que a dita vila vai e com a ajuda de Nossa Senhor vai em caminho para que em poucos anos crescerem muita quantidade de vizinhos e moradores dela. E vendo que nela há dois mosteiros, um de S. Francisco, e outro de Jesus, e que será muita honra, e enobrecimento da vila, haver nela outro mosteiro de Frades da Ordem de São Domingos. Porque além da devoção que as pessoas na dita Ordem têm, são religiosos mui proveitosos, para com as suas pregações trazerem às gentes o bom viver. Pelo que a nós praz, darmos, como de facto damos, a ermida, que agora novamente se fez de S. João, que há na Estrada que vai para Évora, a dita religião, e Ordem de São Domingos; para que na dita ermida edifiquem, e façam um mosteiro de frades da dita Ordem. O que assim faremos, pelo sentirmos por serviço de Nosso Senhor, e honra, e enobrecimento da dita vila. E os religiosos da dita Ordem poderão cada hora, e quando lhes bem vier, edificar, e fazer na dita ermida o dito mosteiro. E por guarda e firmeza dele, lhe passamos esta nossa carta. E queremos, que valha e se guarde, como se fosse passada pela nossa chancelaria (...)*” Almeida Carvalho, *Acontecimentos, Lendas e Tradições da Região Setubalense*, ob. cit., vol. III, 1972, p.54.

<sup>64</sup> Almeida Carvalho, *Acontecimentos, Lendas e Tradições da Região Setubalense*, vol. IV, Setúbal, Junta Distrital de Setúbal, 1972, p.55.

O convento de São Sebastião, destinado a frades da Ordem de São Domingos, foi edificado entre 1567 e 1568<sup>65</sup> nos arrabaldes da vila e em local sobranceiro denominado de “Palhais”, que actualmente conhecemos por Largo de São Domingos. Desde o início da sua construção que gozou de alguma estabilidade financeira, tendo beneficiado dos bens do convento de Jesus do Bom Pastor da vila de Azeitão, extinto em 1566, e contou ainda com as esmolas dos pescadores.

Os Agostinhos Descalços (Grilos) instalaram-se em Setúbal por volta de 1566, ano de fundação da respectiva igreja de Nossa Senhora da Boa Hora por parte do frade Jacinto de Melo. Os frades, instalados num hospício, solicitaram em 1701 apoio à Câmara para a fundação de um convento. A Câmara concedera-lhes um terreno no sítio de “Palhais”. A igreja de pequenas dimensões foi reconstruída na segunda metade do século XVIII, tendo ficando concluída entre 1786 e 1787.

A Ordem dos Carmelitas Calçados instalou-se em Setúbal em 1598. Frei António da Visitação foi o fundador da igreja e convento, cuja construção, realizada entre 1600 e 1640, deveu-se às esmolas dos habitantes da vila. Com o terramoto de 1755 este edifício ficou muito danificado e posteriormente, após a extinção das Ordens religiosas, foi construída numa das dependências do convento uma igreja destinada aos Irmãos Terceiros de Nossa Senhora do Carmo<sup>66</sup>, cujo acesso se faz actualmente pela Rua António Maria Eusébio.

---

<sup>65</sup> Patrícia Martins, “Arte na Igreja de São Sebastião” in *Paróquia e Igreja de S. Sebastião de Setúbal. História e Arte*, Setúbal, Paróquia de São Sebastião, 2004, p, 57.

<sup>66</sup> A Irmandade dos Terceiros do Carmo da vila de Setúbal foi criada em 1674.

Os frades da Santíssima Trindade chegaram a Setúbal em 1656 com a função de libertar os cristãos da vila que estavam em poder dos mouros. Fundaram a sua igreja e Hospício no Largo da Fonte Nova, cujas instalações foram transformadas em convento em 1686. Em 1834, devido à extinção das Ordens religiosas, o edifício foi vendido a particulares e actualmente já não existem vestígios destas dependências conventuais.

Em 1660 chegaram à vila de Setúbal os frades da Ordem dos Carmelitas Descalços e instalaram-se provisoriamente na ermida de Nossa Senhora do Livramento. O convento e igreja, dedicado a Santa Teresa, foram fundados por volta de 1703 pelo padre Luís da Silva da Costa e seu primo Sebastião da Costa, num local que actualmente se designa como Largo Mártires da Pátria.

Em 1682 foi criado o Convento da Ordem dos Missionários Apostólicos, em invocação a Nossa Senhora dos Anjos, por frei António das Chagas. Localiza-se na encosta de uma serra e é vulgarmente chamado de “Brancanes” devido ao local onde se encontra instalado<sup>67</sup>. A construção deste convento deveu-se não só às esmolas dos proprietários das marinhas de sal, como também ao apoio prestado pelos reis D. Pedro II e D. João V. Em 1688, as casas religiosas desta Ordem passaram a ter a designação de Seminário.

O colégio de São Francisco Xavier, da Companhia de Jesus, foi fundado em 1655, no sítio de “Palhais”, e ampliado em 1703. Esta construção que contornava, pelo lado exterior, a muralha medieval, motivou o encerramento da Porta dos Apóstolos. Foi pela

---

<sup>67</sup> O nome advém do facto deste local ser no século XV uma quinta da propriedade de Branca Annes.

mão desta comunidade que em 1703, a população de Setúbal, a viver dificuldades devido à falta de peixe, elege como padroeiro São Francisco Xavier.

Para além destes conventos, existiram ainda nesta vila dois Recolhimentos (casas religiosas que se assemelham aos conventos, mas que não têm votos), um dedicado a Nossa Senhora da Saúde e outro em devoção a Nossa Senhora da Soledade da Ordem Terceira do Carmo.

A ideia de criar o Recolhimento de Nossa Senhora da Saúde surgiu pela primeira vez em 1700, no entanto só em 1746 é que o projecto segue em frente. Os padres missionários de Brancanes foram os percursores do projecto, pois *“tendo reconhecido pelas suas missões que muitas donzelas honestas, virtuosas e recolhidas se achavam em perigo iminente de se perderem pelas forças das necessidades, não lhes sendo possível, acolherem-se a alguns dos mosteiros que existiam em Setúbal, por carecerem dos meios indispensáveis para conseguirem admissão em qualquer deles (...)”*<sup>68</sup>.” Por escritura de contrato de 26 de Junho de 1746 foi decidida a construção deste Recolhimento<sup>69</sup> junto à ermida de Nossa Senhora da Saúde, cuja Irmandade cedeu para esse efeito seis casas contíguas à igreja e consentiu que utilizassem a sua igreja e se fizessem algumas alterações na mesma, como por exemplo a execução dos confessionários. Foi inaugurado em 1748 e a sua construção deveu-se bastante às esmolas dos proprietários das marinhas de sal do Sado.

---

<sup>68</sup> Almeida Carvalho, *Acontecimentos, Lendas e Tradições da Região Setubalense*, vol. 3, Setúbal, Junta Distrital de Setúbal, 1972, p. 164.

<sup>69</sup> Este Recolhimento deu lugar ao Asilo da Infância Desvalida, actualmente Casa de Nossa Senhora da Saúde, onde se encontram as irmãs da Apresentação de Maria.

A igreja e o Recolhimento de Nossa Senhora da Soledade, da Ordem Terceira do Carmo, foram fundados pelo padre D. António Domingos de Sousa. À construção da igreja, entre 1747 e 1749, seguiram-se de imediato as obras do Recolhimento, começadas em 1750<sup>70</sup>. Localiza-se na Avenida Luísa Todi, na freguesia de Nossa Senhora da Anunciada, e actualmente é um infantário.

#### 1.4 Casas de Assistência

A prestação de caridade e assistência aos mais necessitados é, em Setúbal, uma prática habitual desde a Idade Média.

O auxílio aos grupos mais carenciados era praticado tanto pelas diversas Irmandades existentes, erectas em igrejas paroquiais, ermidas e conventos, como por hospitais.

Segundo Laurinda Abreu, a lenda de Nossa Senhora da Anunciada e a conseqüente criação da Confraria, terá dado origem à criação do primeiro espaço assistencial em Setúbal<sup>71</sup>.

Há referência de ter existido, durante a Idade Média, sete hospitais<sup>72</sup>: de João Palmeiro<sup>73</sup>, de Catarina Domingos, de Maria da Pipa e da Gafaria, sendo os restantes três

---

<sup>70</sup> Almeida Carvalho, *Acontecimentos, Lendas e Tradições da Região Setubalense*, vol. III, Setúbal, Junta Distrital de Setúbal, 1972, p. 176.

<sup>71</sup> Laurinda Abreu, *Memórias da Alma e do Corpo. A Misericórdia de Setúbal na Modernidade*, Viseu, Palimage, 1999, p. 60.

<sup>72</sup> Maria Conceição Quintas, *Monografia de Setúbal*, Setúbal, Junta de Freguesia de São Julião, 1993, p.280.

<sup>73</sup> Ainda subsiste o portal gótico desse hospital que se localizava no terreiro de Santa Maria – parte lateral da igreja matriz de Santa Maria da Graça. Tinha como objectivo principal “recolher, dar cama, água e luz por três dias” aos peregrinos que se dirigiam a Santiago de Compostela, aos estrangeiros mercadores e a outros doentes que necessitavam de tratamento. Trata-se de um dos vestígios arquitectónicos mais antigos de Setúbal.

administrados pelas Confrarias do Santo Espírito, Corpo Santo<sup>74</sup> e Nossa Senhora da Anunciada<sup>75</sup>.

Em 1500 é criado mais um espaço assistencial em Setúbal com a implementação da Confraria da Misericórdia<sup>76</sup>, cuja acção inovadora vai provocar grandes alterações nesta área<sup>77</sup>.

A 5 de Fevereiro desse ano, Rodrigo Afonso, do Conselho do rei D. Manuel I e Vedor da Senhora Infanta doou, para ajuda da criação da Misericórdia de Setúbal, a ermida de Nossa Senhora dos Anjos. É neste local que a Confraria se instala até à construção do seu próprio templo, que começa a ser erguido em 1505 na freguesia de Santa Maria<sup>78</sup>.

Na Visitação efectuada pela Ordem de Santiago, a 29 de Agosto de 1510, a igreja da Misericórdia é referida da seguinte forma: *“a ousya e asy ho corpo da jgreija he tudo de pedra e caall e ho arco da ousya he de pedraria muito bem lavrado (...) a dita ousya e o corpo da jgreija são ladrilhados mujto bem e na sua ousia há alguus azulejos (...) a ousia tem de leuamte a ponente bj varas e do norte ao sull sete varas e o corpo da igreija tem de comprido omze varas e meia e de larguo sete varas escasas e diamte da porta primçipall he todo de pedraria mujto bem obrado e o alpemdere tem seys varas menos sesma de largo*

---

<sup>74</sup> Dava sobretudo assistência aos mareantes e localiza-se, segundo as visitasões da ordem de Santiago de 1510, junto à igreja de santa Maria com *seys leitos e hũa cama pêra os enfermos e estaa muyto lympo e bem comçertado*.

<sup>75</sup> Foi fundado em 1372 e tratava quase exclusivamente de mulheres. Albérico Afonso Costa Alho, *Cronologia Geral da História de Setúbal 1249 – 1910*, Setúbal, Escola Superior de Educação, 1980.

<sup>76</sup> Criada por iniciativa régia a 5 de Agosto de 1498.

<sup>77</sup> Sobre este assunto vide as obras de Laurinda Abreu, *A Santa Casa da Misericórdia de Setúbal entre 1500 e 1755: aspectos de sociabilidade e poder*, 1990; *Memórias do Corpo e da Alma. A Misericórdia de Setúbal na Modernidade*, Viseu, Palimage, 1999.

<sup>78</sup> Destaca-se o facto das Misericórdias não pertencerem a nenhuma divisão administrativa, pelo facto da sua acção abranger toda a área em que se inserem. Neste caso concreto, ao termo da vila de Setúbal.

*e de lomgo quatro varas menos sesma e as portas da jgreija sam nouas e fortes e bem fechadas.”*<sup>79</sup>

Inicialmente, esta Confraria, cujo propósito era socorrer os mais necessitados, não possuía hospital e como tal tratava os pobres, doentes e desamparados nos hospitais existentes em Setúbal. Nos primeiros tempos, vivendo da generosidade e doações dos fiéis, a Confraria da Misericórdia de Setúbal passou por grandes dificuldades económicas. Estas só foram superadas em 1566, aquando da anexação dos dois hospitais existentes na vila. Segundo Laurinda Abreu, a provisão de anexação refere-se aos hospitais do Santo Espírito e de Nossa Senhora da Anunciada, uma vez que os hospitais de João Palmeiro, Catarina Domingos e Maria da Pipa já se encontravam extintos desde 1501, tendo os seus bens incorporado no hospital do Santo Espírito.

No entanto, a anexação do hospital de Nossa Senhora da Anunciada foi anulada em 1567.

A Santa Casa da Misericórdia passou a exercer as suas funções no hospital do Espírito Santo, junto do qual havia sido construída a igreja da Misericórdia, onde permanece até ao século XIX.

### **1.5 Manifestações das vivências religiosas**

A população de Setúbal, inspirada em grandes devoções e fortemente catequizada, participava intensamente na vida religiosa. Destacam-se seguidamente os exemplos que melhor retratam as vivências religiosas desta comunidade, entre os quais se destacam as

---

<sup>79</sup> *Documentos para a História da Arte em Portugal, Visitações de Alvalade, Casével, Aljustrel e Setúbal – Ordem de São Tiago* –, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1969, p. 125 e 126.

várias Confrarias que se institucionalizaram na vila, o culto de relíquias, e as várias festividades como romarias, procissões e festas populares.

### 1.5.1 As Confrarias

Vários estudos realizados sobretudo por Laurinda Abreu<sup>80</sup>, indicam que até 1500 existiam apenas quatro Confrarias<sup>81</sup> e, de 1540 até ao século XVIII surgiram pelo menos trinta e cinco, sobretudo devocionais<sup>82</sup> e algumas socioprofissionais<sup>83</sup>. Quase todos os habitantes estariam inseridos em uma ou mais Confrarias. Vários eram os motivos que levava a população a inserir-se neste tipo de associação: o culto a Deus ou a um santo, protecção e segurança em vida e após a morte, visibilidade social e ajuda profissional.

---

<sup>80</sup> *A Santa Casa da Misericórdia de Setúbal de 1500 a 1755: aspectos de Sociabilidade e Poder*, 1990, pp.32-43; “Confrarias e Irmandades de Setúbal: redes de sociabilidade e poder” in *Actas do I Congresso Internacional do Barroco*, 1991, pp. 3 – 15; “Confrarias e Irmandades: a Santificação do Quotidiano” in *Actas do Colóquio Internacional, A Festa*, 1992, pp. 429 – 440; *Memórias da Alma e do Corpo: A Misericórdia de Setúbal na Modernidade*, 1999, pp. 229 – 333.

<sup>81</sup> Nossa Senhora da Anunciada, cerca de 1368, Corpo Santo, de 1340, Espírito Santo e Misericórdia, de 1500.

<sup>82</sup> As Confrarias do Santíssimo Sacramento da igreja de São Julião, de 1541; de Santa Maria, de 1580; as de Nossa Senhora da Anunciada e São Sebastião, anteriores a 1625. Na igreja de São Julião surgiram as seguintes Confrarias: das Almas em 1558; Nossa Senhora dos Remédios, anterior a 1653; Nossa Senhora da Piedade em 1610; e Nossa Senhora do Parto de 1616. Na igreja de Santa Maria surgiram as seguintes: Menino Jesus em 1594; Nossa Senhora da Conceição em 1631; e a dos Clérigos Pobres em 1627. No convento de São João surgem as Confrarias de Nossa Senhora do Rosário, em 1584, e de Santa Catarina, em 1615. No convento de Jesus surge a Confraria de Nossa Senhora do Amparo, em 1595. No convento de Santa Teresa são criadas os Terceiros do Cordão de São Francisco, em 1599, e os Terceiros de Nossa Senhora do Monte do Carmo, em 1614. Várias ermidas deram ainda origem às seguintes Confrarias: Nossa Senhora da Saúde, em 1587; Nossa Senhora do Socorro na ermida de Nossa Senhora dos Anjos, em 1590; Nossa Senhora dos Anjos na ermida de Nossa Senhora dos Anjos, em 1611; Nossa Senhora do Livramento na ermida de Nossa Senhora do Livramento, em 1620; Senhor do Bonfim na ermida do Anjo da Guarda, em 1662; Santo António do Postigo na Ermida de Santo António, cuja data mais antiga é de 1662. No século XVIII surgiram ainda as seguintes Confrarias: São Francisco Xavier em 1703, Via-sacra em 1719 no convento de Jesus; Boa Sentença em 1720 no convento de Jesus, Santa Rita de Cássia em 1723 no convento dos Agostinhos Descalços; Nossa Senhora da Conceição da Porta de Évora e da Boa Morte na década de 40; e Terceiros de São Domingos em 1789. Informação retirada da obra: Laurinda Abreu, *Memórias da Alma e do Corpo – A Misericórdia de Setúbal na Modernidade*, Viseu, Palimage, 1999, p. 82-87.

<sup>83</sup> Nossa Senhora da Boa Viagem, de 1587, era dos pescadores e localizava-se na igreja de São Julião; São José, confirmada em 1615, era dos carpinteiros e pedreiros e localizava-se na Igreja de Santa Maria; São Crispim, cuja data mais antiga remonta a 1616, era dos Sapateiros e localizava-se na igreja de São Julião; Senhor do Bonfim, de 1697, era dos hortelãos e localizava-se na ermida do Anjo da Guarda; Nossa Senhora da Guia, de 1712, era dos marnoteiros e localizava-se na ermida de Santo António; Nossa Senhora das Candeias, de 1758, era dos alfaiates e localizava-se na igreja de São Julião.

Entre as mais importantes destacam-se as quatro do Santíssimo Sacramento, Nossa Senhora do Monte do Carmo, os Terceiros do Cordão de São Francisco e das Almas. As primeiras porque tinham a seu cargo as importantes celebrações litúrgicas e como tal de educarem religiosamente os fiéis, e as restantes porque foram as que mais sucesso e adesão tiveram entre os habitantes de Setúbal<sup>84</sup>.

A grande expansão surge no século XVII e a partir da segunda metade do século XVIII deixam de ter a expressão que tinham anteriormente e desaparecem progressivamente. As principais razões para o declínio destas associações, em finais do século XVIII, prendem-se sobretudo à decadência económica, aos incumprimentos dos legados pios e à retirada dos irmãos. Consequentemente houve uma redução de manifestações exteriores de fé<sup>85</sup>.

Através da Provisão de 27 de Julho de 1793, que impõe a obrigação das Confrarias elaborar uma relação discriminada do dinheiro que possuíam<sup>86</sup>, foi possível constatar que, de uma forma geral, as Confrarias estavam “muito pobres” e o pouco dinheiro que possuíam destinava-se a despesas correntes, ou então, emprestavam-no a juro. De todas as Confrarias / Irmandades, as que apresentavam uma maior estabilidade financeira eram: a Ordem Terceira Carmo, Nossa Senhora da Porta de Évora, Clérigos Pobres e a das Almas. Ficaram isentas deste decreto as Confrarias devocionais a Cristo, no entanto é possível concluir, através de estudos realizados, que as quatro Confrarias do Santíssimo Sacramento,

---

<sup>84</sup> Laurinda Abreu, *Memórias da Alma e do Corpo – A Misericórdia de Setúbal na Modernidade*, Viseu, Palimage, 1999, p. 85.

<sup>85</sup> *Idem, Ibidem*, p. 261.

<sup>86</sup> Não responderam a este inquérito as seguintes Confrarias: Nossa Senhora do Amparo, Nossa Senhora da Consolação, Nossa Senhora da Piedade, Nossa Senhora do Livramento, Nossa Senhora da Conceição, Santa Catarina, Santa Rita de Cássia, São Benedito de Palermo, São Francisco Xavier e Cordão de São Francisco. Muito provavelmente, estas confrarias devocionais já tinham desaparecido. *Idem, Ibidem*, p. 253.

pelos vários investimentos que fizeram durante o século XVIII, apresentavam, comparativamente a outras Confrarias, alguma pujança económica.<sup>87</sup>

### 1.5.2 As Relíquias

Diversos estudos realizados indicam que quase todas, senão todas, as casas religiosas de Setúbal possuíam relíquias<sup>88</sup>. Estas para além de valorizar os seus proprietários, também expressam bem o fervor religioso vivido por esta população. O mais abastado foi, sem dúvida, o convento de Jesus que chegou a ter 136 relíquias, cuja grande maioria foi oferecida pelos reis D. Fernando e D. Isabel<sup>89</sup>, D. Catarina<sup>90</sup>, mulher de D. João III, pelo Fidalgo Fernão Martins Mascarenhas<sup>91</sup>, por D. Fernando de Toledo<sup>92</sup>, acompanhante de D. Filipe II numa visita a Portugal, e pelos padres Estêvão de Castro<sup>93</sup>, da Companhia de Jesus, e Lourenço Rodrigues da Costa<sup>94</sup>.

Ainda neste âmbito, fazem parte das vivências religiosas de Setúbal o culto a vários frades setubalenses, nomeadamente Frei Agostinho da Cruz e Frei António Taveira. Após a

---

<sup>87</sup> Laurinda Abreu, *Memórias da Alma e do Corpo – A Misericórdia de Setúbal na Modernidade*, Viseu, Palimage, 1999, p. 249-260.

<sup>88</sup> *Idem, Ibidem*, p. 67 – 70.

<sup>89</sup> *Um fragmento de espinho da Coroa de Cristo; um cabelo da barba do mesmo Senhor; o pão da ceia; o pano que cingiu no lavatório dos pés; a pedra da coluna onde foi açoitado; a cana que lhe meteram na mão; uma conta de Nossa Senhora; um dente de S. Pantaleão; um hábito de Santo António de Pádua; diversos ossos de muitos santos, etc...* ver Almeida Carvalho, *Acontecimentos, Lendas e Tradições da Região Setubalense*, vol. III, Setúbal, Junta Distrital de Setúbal, 1972, p. 149.

<sup>90</sup> *Diversos ossos de santos e mártires*. Ver Almeida Carvalho, *Acontecimentos, Lendas e Tradições da Região Setubalense*, vol. III, Setúbal, Junta Distrital de Setúbal, 1972, p. 149.

<sup>91</sup> Uma parte do Santo Lenho, e diferentes ossos de santos e mártires. *Idem, Ibidem*, p. 149.

<sup>92</sup> O casco ou caveira de uma das Onze Mil Virgens. *Idem, Ibidem*, p. 149.

<sup>93</sup> Uma âmbula com sangue de muitos mártires; uma cruz feita de bordão de São Francisco; um canudinho de prata cheio de sangue de São Pantaleão; diversos ossos de uns trinta santos e mártires e um hábito de São Bernardino. *Idem, Ibidem*, p. 149.

<sup>94</sup> Ossos de uns quarenta santos e mártires. *Idem, Ibidem*, p. 149.

sua morte, 1619 e 1638, respectivamente, a população correu em busca de seus corpos, de forma a adquirir pedaços do hábito, cabelos e unhas<sup>95</sup>.

### 1.5.3 Festividades Religiosas

Quanto às festas religiosas, desconhece-se qual a mais antiga. As quatro freguesias disputavam entre si as festas dedicadas aos seus padroeiros (Santa Maria, São Julião, Nossa Senhora da Anunciada e São Sebastião).

Das várias procissões e festas religiosas que existiam em toda a cidade, gostaríamos de destacar aquelas que mais impacto tiveram na população: Nossa Senhora de Tróia, Senhor do Bonfim, Senhora do Cais e Nossa Senhora da Arrábida.

A festa de Nossa Senhora de Tróia tem as suas origens na existência de uma ermida edificada em Tróia. Segundo as *Memórias Paroquiais de 1758*, esta festa realizava-se duas vezes por ano, uma pelos agricultores e outra pelos pescadores<sup>96</sup>. O culto a Nossa Senhora de Tróia foi extinto nos finais do século XVIII e em 1823 voltou a ser reanimado por um grupo de devotos<sup>97</sup>. Actualmente, os romeiros são sobretudo marítimos, sendo uma parte da organização entregue aos pescadores. A festa realiza-se em Agosto e inicia-se com a exposição do orago, durante três dias consecutivos, na igreja Matriz de São Sebastião. Ao Sábado segue em procissão fluvial até à ermida em Tróia, onde no dia seguinte se celebra a missa. Na segunda-feira, logo pela manhã, há missa e à tarde a procissão é no rio Sado, onde várias embarcações de pesca e de recreio, enfeitadas para o efeito, acompanham.

---

<sup>95</sup> Laurinda Abreu, *Memórias da Alma e do Corpo – A Misericórdia de Setúbal na Modernidade*, Viseu, Palimage, 1999, p.70.

<sup>96</sup> Rogério Peres Claro, *Setúbal no século XVIII. As informações paroquiais de 1758*, Setúbal, Tipografia Rápida, 1957, p.3.

<sup>97</sup> Laurinda Abreu, *Memórias da Alma e do Corpo – A Misericórdia de Setúbal na Modernidade*, Viseu, Palimage, 1999, p. 265.

A festa do Senhor do Bonfim atraía gente de toda a região, e no princípio era organizada pelos proprietários das marinhas de sal. No entanto, o declínio desta actividade económica levou à organização por parte dos pescadores. Reza a lenda que a imagem do Bonfim foi encontrada por uma mulher, junto a destroços de um navio naufragado. A imagem foi colocada na ermida do Anjo da Guarda, construída na segunda metade do século XVII, e devido ao grande número de devotos que a imagem reuniu, a ermida passou a ser dedicada ao Senhor Jesus do Bonfim. A devoção a esta imagem foi de tal forma grande, que até o rei D. João V visitou a ermida em 1711, em cumprimento de uma promessa que havia feito, por ocasião da doença de seu pai<sup>98</sup>.

A festa da Senhora do Cais, em honra de Nossa Senhora da Conceição, existe devido a uma lenda que conta que a imagem de Nossa Senhora foi encontrada na água, coberta de escamas, numa praia que actualmente corresponde à doca das Fontainhas. A partir de então, o local passou a ser conhecido por Cais da Conceição. Mais uma vez, esta procissão tinha uma forte participação dos pescadores de Setúbal, e tanto era terrestre como fluvial. A eucaristia era celebrada na igreja matriz de São Sebastião e seguidamente a imagem seguia em procissão até ao nicho que se encontrava na muralha, frente ao mar. Em 1953, a Senhora do Cais foi transferida para um outro nicho, na freguesia de São Julião.

A festa de Nossa Senhora da Arrábida é, segundo a tradição popular, uma romaria atribuída a Hildebrandt, um mercador inglês que, salvando-se de um naufrágio nas imediações de Alportuche, atribuiu o milagre a uma imagem de pedra de Nossa Senhora, que trazia na embarcação. O mercador converteu-se em eremita e mandou construir uma ermida em honra da Virgem na Serra da Arrábida. Logo no século XIII começou a haver

---

<sup>98</sup> Alberto Pimentel, *Memória sobre a História e administração do Município de Setúbal*, Lisboa, typografia de G. A. Gutierrez da Silva, 1877, p.194.

romarias a este local. No século XVI, os frades franciscanos fixaram-se neste local, onde construíram o seu convento, com o apoio de D. João de Lencastre – duque de Aveiro. Dos vários Círios realizados à Nossa Senhora da Arrábida destacam-se os de Setúbal. Um, designado como Antigo Círio<sup>99</sup> foi instituído em 1839 e o outro – o Novo Círio – foi criado em 1892<sup>100</sup>, exclusivamente por pescadores e operários do bairro de Troino. Estes dois Círios chegaram a ser as principais festas do concelho de Setúbal e nomeadas entre as melhores do Sul do país<sup>101</sup>, atraindo as mais diversas personalidades de outras zonas do país, como por exemplo, o rei D. Carlos em 1905, que participou no Antigo Círio.

Para além das já referidas grandes festas religiosas, são ainda de destacar para o aglomerado urbano de Setúbal as seguintes procissões: dos Passos, Corpo de Deus, Senhor Jesus dos Passos, São Luís da Serra<sup>102</sup>, Nossa Senhora do Rosário, Nossa Senhora da Graça, Senhora da Saúde, Santo António, São Pedro, São João, Menino-Deus, São José, São Luís Gonzaga, Coração de Jesus, Santíssima Trindade, Senhora das Dores, Nossa Senhora do Parto, Invenção da Santa Cruz e Nossa Senhora da Boa Morte, Nossa Senhora da Saúde, São Francisco, São Gonçalo, Nossa Senhora do Bom Sucesso, Nossa Senhora de

---

<sup>99</sup> *O transporte do Círio fazia-se pelo rio até ao Portinho, subindo depois de burro ou a pé até ao convento. O baile popular, as fogaças, o fogo preso e as cavalhadas, tudo obedecia a um ritual repetido ciclicamente. Após a missa, os dinamizadores da festa promoviam uma procissão em honra da Senhora da Arrábida e do Senhor do Aflitos, na Lapa de santa Margarida, seguida de piquenique. Do céu (cimo da montanha) voltava-se de novo à terra, mas especialmente ao mar; (...) no regresso do Círio, o cortejo fluvial terminava no cais de Nossa Senhora da Conceição. Ali organizava-se uma procissão, onde a imagem permanecia até à realização das festividades do ano seguinte.* Citado de Maria da Conceição Quintas, “Expressões da Vivência Religiosa no Aglomerado Urbano de Setúbal” in *Cultura – Revista de História e Teoria das Ideias*, Volume X, Lisboa, Centro de História da Cultura da Universidade Nova de Lisboa, 1998, p.197.

<sup>100</sup> Maria da Conceição Quintas, “Expressões da Vivência Religiosa no Aglomerado Urbano de Setúbal”, in *Cultura – Revista de História e Teoria das Ideias*, Volume X, Lisboa, Centro de História da Cultura da Universidade Nova de Lisboa, 1998, p.195.

<sup>101</sup> *Idem, Ibidem*, p. 196

<sup>102</sup> Orago de uma pequena capela existente na serra da Arrábida. Era uma festa dinamizada por agricultores, pescadores e operários.

Hora de Nôa, Nossa Senhora Mãe dos Homens, Nossa Senhora da Conceição, Imaculada Conceição, Nossa Senhora de Lourdes<sup>103</sup>.

Com a implantação da República, muitas destas festas deixam de existir e as que permanecem, sofreram profundas alterações, onde as manifestações profanas prevaleceram sobre as religiosas.

### **1.6 O terramoto de 1755 e os anos da reconstrução**

Várias foram as catástrofes naturais que ao longo dos séculos abalaram a vila de Setúbal, nomeadamente os sismos de 1531 e 1858 e uma grande tempestade em 1724<sup>104</sup>. No entanto, foi por ocasião do terramoto de 1755 que Setúbal conheceu grande destruição. Tudo quanto tinha sido construído com tanto esmero ao longo de todos estes séculos foi destruído, já sem falar da diminuição drástica que se verificou a nível demográfico<sup>105</sup>. Os maiores estragos foram ocasionados pela fúria do mar e os incêndios que arrasaram as mais emblemáticas e monumentais construções, bem como as marinhas de sal – actividade que até então tinha dado lucros extraordinários à população. Relatos da época elucidam bem o terror que se viveu entre as gentes desta vila:

---

<sup>103</sup> Maria da Conceição Quintas, “Expressões da Vivência Religiosa no Aglomerado Urbano de Setúbal”, in *Cultura – Revista de História e Teoria das Ideias*, Volume X, Lisboa, Centro de História da Cultura da Universidade Nova de Lisboa, 1998, p. 205.

<sup>104</sup> Albérico Afonso Costa Alho, *Cronologia Geral da História de Setúbal 1249 – 1910*, Setúbal, Escola Superior de Educação, 1980.

<sup>105</sup> Após o terramoto de 1755, a população de Setúbal teria cerca de 11.500 indivíduos. Segue-se um período de recuperação e o recenseamento de 1781, regista um total de 15.564 habitantes. Para 1801, foram registados 3552 fogos e o recenseamento de 1863 regista 3227 fogos. Entre 1640 e 1801 a população cresce apenas 18,4 %. Uma percentagem que cai drasticamente, se tivermos em conta o crescimento da vila entre 1527 e 1640. Sobre este assunto ver Laurinda Abreu, *Memórias da Alma e do Corpo: A Misericórdia de Setúbal na Modernidade*, Viseu, Palimage, 1999, pp. 34-40.

*(...) com este terramoto esta terra de Setuval se arruinou caindo os templos e muitas casas por forma que fogindo algũa da gente succedeu pereceram nas ruas muitas e nos templos bastantes. Vi que com este tremor se pertubou toda a gente e receando ser dia final os maridos procuravão pellas mulheres, estas por elles, os pais e mais pellos filhos, estes por elles e por ellas, os Irmãos huns pelos outros e no fim tudo era confuzão e o verdadeiro retrato do Dia do Juízo<sup>106</sup>.*

*Viste os seus sumptuosos Templos allagados, os Mosteyros demolidos, e arruinados, huma grande, ou mayor parte de suas casas, e palácios tão desbaratados, e cahidos, que ficarão desertos e inhabitáveis; as ruas montes de entulho (...) hum grande número de creaturas mortas, religiosos, eclesiásticos, e seculares, de tal forte, que só em huma rua em menos espaço de cinco varas de terra se desentulharão trinta e sete cadavares: as pernas quebradas, as cabeças abertas, os corpos moído (...)<sup>107</sup>*

*Em 1 de Novembro de 1755 das 9 horas e meya secedeu a desgraça (...) de hũ terramoto que durou por espaso de 8 minutos nos quois se destruhio não só esta Notauel Villa (...) de que não ficou quoaze Cazas nem templos, principal a nosa fatal igreja de S. Jolião com que esta Irmandade tinha despendido goso cauedal, de que nos vimos presizados a por o Sacramento,*

---

<sup>106</sup> Relato de Gregório de Freitas, escrivão da portagem de Setúbal. BNL, Res., Cod. 427, fl. 177. Citado por José Custódio Vieira da Silva, *Setúbal*, Lisboa, Editorial Presença, 1990, p. 18.

<sup>107</sup> Francisco de Santo Alberto, *Estragos do Estragos do terramoto: vaticínio de felicidades sobre os habitantes da nobilíssima Villa de Setúbal na justificação em que virão no terramoto de 1755*, Lisboa, oficina junto a S. Bento de Xabregas, 1757, p. 18 e 19.

*que ficou nas ruínas, na Igreja do Secorro (...) e morerão em esta Villa não somente do terramoto como pella maneira que leuou o mar que tres vezes no tal dia sehio do seu curso, mais de 4 mil mortos (...)*<sup>108</sup>

Numa altura em que a prosperidade económica estava um pouco estagnada, desde os inícios do século XVIII e devido sobretudo à crise que a actividade salineira estava a viver<sup>109</sup>, esta fatalidade agravou a situação económica e a reconstrução da vila fez-se muito lentamente.

Nos quinze anos seguintes, recorreu-se bastante ao empréstimo de dinheiro. Através dos contratos notariais realizados entre Novembro de 1755 e Dezembro de 1770, verificou-se que num total de 348 escrituras, foram emprestados 70.937.818 réis<sup>110</sup>. *Quem tem dinheiro, empresta-o, por pouco que seja*<sup>111</sup>, e os valores emprestados quase que se dividem entre particulares, que cedem 37.520.738 réis, e Irmandades e conventos, que cedem 33.417.080 réis<sup>112</sup>.

Vinte anos se passaram e ainda se testemunhavam os efeitos do terramoto. Prova disso são os relatos deixados por uma dama escocesa, que desembarcou em Setúbal a 4 de

---

<sup>108</sup> Livro de Despesa da Irmandade do Santíssimo Sacramento da Igreja de São Julião. 22 de Abril de 1756. Citado da obra de José Custódio Vieira da Silva, *Setúbal*, Lisboa, Editorial Presença, 1990, p. 23.

<sup>109</sup> A partir dos inícios do século XVIII, as salinas começam a produzir cada vez menos e consequentemente houve uma quebra considerável das exportações do sal. Em 1715, é terminado o contrato luso-holandês, agravando ainda mais esta situação.

<sup>110</sup> Laurinda Abreu, *Memórias da Alma e do Corpo – A Misericórdia de Setúbal na Modernidade*, Viseu, Palimage, 1999, p. 49.

<sup>111</sup> *Idem, Ibidem*, p. 49.

<sup>112</sup> *Idem, Ibidem*, p. 49. Segundo a autora, estas escrituras de empréstimo são a prova do tipo de gestão patrimonial realizado e que contribuiu significativamente para o declínio da vila. No caso das corporações religiosas, a situação financeira agravou-se bastante quando estas passaram a depender da cobrança dos capitais investidos.

Dezembro de 1775: *Acabado o jantar, fomos ver a povoação, que já foi magnífica, mas está agora quase completamente arruinada, em parte devido ao pavoroso terramoto*<sup>113</sup>.

Como refere José Custódio da Silva, *a maioria dos edifícios hoje existentes são dos fins do século XVIII e do século XIX. Se tiver em conta as dificuldades por que Setúbal nesta época passou (...) poder-se-á compreender melhor a quase inexistência de edifícios de grande porte, exceptuando os templos*<sup>114</sup>.

De uma forma geral, todos os edifícios religiosos padeceram de ruína. Assim sendo, indicamos apenas aqueles que mais obstáculos sentiram na realização das suas funções:

O edifício da Misericórdia (igreja e hospital) foi totalmente destruído, tendo sido reconstruído nos finais do século XVIII. No entanto, no século XX, obras públicas que em proveito do alargamento da rua que dá acesso à Avenida Luísa Todí, destruíram a igreja.

A igreja matriz de São Julião ficou também bastante destruída, tendo sido alvo de obras profundas que perduraram até finais do século XVIII. Do anterior edifício, apenas se destacam os portais manuelinos e a torre. A sede da igreja foi transferida para a ermida de Nossa Senhora do Socorro.

A igreja matriz de Nossa Senhora da Anunciada passou a exercer funções na igreja de Nossa Senhora da Saúde, onde se manteve até 1878. O edifício da primitiva igreja foi entretanto reconstruído e dedicado ao Sagrado Coração de Jesus. Já no século XX, passou a exercer funções de quartel de Bombeiros e desde 1996 que é sede da Caritas Diocesana, designando-se Centro Social São Francisco Xavier. Entretanto, com a extinção das Ordens

---

<sup>113</sup> Citado da seguinte obra: José Custódio da Silva, *Setúbal*, Lisboa, Editorial Presença, 1990, p. 23. Pode-se ainda consultar esta informação em Herculano Amorim Ferreira, “Os Açores, Setúbal e Lisboa vistos por uma dama escocesa em 1774-76”, in *Revista Municipal*, Lisboa, 1946.

<sup>114</sup> José Custódio da Silva, *Setúbal*, Lisboa, Editorial Presença, 1990, p. 24.

religiosas em 1834, o antigo convento da Ordem dos Carmelitas Descalços, invocado a Santa Teresa, foi alvo de profundas obras, conforme prova a inscrição lapidar do interior da igreja: *“Toda a obra d’esta igreja, nova torre e adro, foi feita com subsídio dado pelo governo de Sua Majestade, promovido pelo Excelentíssimo Conselheiro Arrobas, Deputado à Nação por este círculo, e debaixo da Direcção de António Maria Albino, Juiz da Irmandade do Santíssimo Sacramento e em Harmonia com a Junta de Paróquia. Ano de 1877”*. A partir de 1878 a igreja matriz de Nossa Senhora da Anunciada passa as exercer as suas funções neste espaço, onde ainda se encontra actualmente.

A igreja matriz de São Sebastião foi totalmente destruída. Inicialmente a sede de freguesia foi transferida para a igreja de Nossa Senhora da Boa Hora, e posteriormente, após a extinção das Ordens religiosas, fixou-se no antigo convento dominicano de São Sebastião, onde ainda se encontra actualmente. Entre 1849 e 1857, a antiga igreja matriz foi demolida pela Câmara Municipal.

A igreja do antigo convento de São Sebastião foi também bastante danificada *Sendo mangnífica veio abobeda do tecto toda abaicho e algumas capelas colaterais, que ainda não está reparada por falta de dinheiros (...)*<sup>115</sup>. As obras prolongaram-se por toda a segunda metade do século XVIII e inícios do século XIX, tendo sido reaberto em 1810.

### **1.7 Setúbal nos séculos XIX e XX**

Em 1834 deu-se a extinção das Ordens religiosas. Nos anos que se seguiram, os conventos foram vendidos em hasta pública e adaptados a outras funções, tendo-se perdido em muitos casos o espólio artístico que se encontrava no seu interior.

---

<sup>115</sup> Rogério Peres Claro, *Setúbal no século XVIII – As informações paroquiais de 1758*, Setúbal, Tipografia Rápida, 1957, p. 13.

Em 1855 é levada a cabo uma reforma administrativa que determina a extinção dos concelhos de Azeitão<sup>116</sup> e Palmela, passando estes a pertencer ao concelho de Setúbal<sup>117</sup>.

Entre meados do século XIX e durante todo o século XX, esta cidade torna-se num grande centro industrial e comercial, para a qual converge muita população em busca de melhores condições de vida. Em virtude dessa ascensão económica, Setúbal é elevada a cidade em 1860 e em 1926, é elevada a capital de Distrito. Ainda neste ano, a 8 de Novembro, o concelho de Palmela é reconstituído<sup>118</sup>. Cerca de 50 anos depois é alvo de uma reorganização religiosa, deixa de pertencer ao Patriarcado de Lisboa e é elevada a diocese em 1975. A igreja matriz de Santa Maria da Graça é escolhida para assento episcopal.

Em 1985 são criadas mais duas freguesias por desanexação da freguesia de São Sebastião, a freguesia do Sado e a freguesia de Gambia-Pontes-Alto da Guerra.

Actualmente, enquanto concelho, tem 8 freguesias (quatro urbanas: Santa Maria da Graça, São Julião, Nossa Senhora da Anunciada, São Sebastião e quatro rurais: São Simão, São Lourenço, Sado e Gambia-Pontes-Alto da Guerra) e enquanto distrito abrange um território de 13 municípios (Almada, Seixal, Moita, Barreiro, Montijo, Alcochete, Palmela, Sesimbra, Setúbal, Alcácer do Sal, Grândola, Santiago do Cacém e Sines).

De uma forma geral, pode-se concluir que desde os inícios da ocupação humana, Setúbal está intimamente ligada ao mar, quer enquanto importante porto marítimo, quer no

---

<sup>116</sup> O concelho de Azeitão foi criado em 1759 por desanexação do concelho de Sesimbra. Era composto de duas freguesias, São Lourenço e São Simão, e inicialmente a sede ficou na Aldeia Fresca que passou a designar-se Vila Fresca de Azeitão (freguesia de São Simão). Em 1786 a sede do concelho passou a ser Aldeia Nogueira (Freguesia de São Lourenço).

<sup>117</sup> Margarida Calado, *Azeitão*, Lisboa, Editorial Presença, 1993, p. 14

<sup>118</sup> Vítor Serrão, José Meco, *Palmela Histórico-Artística – um inventário do património artístico concelhio*, Palmela, edições colibri e Câmara Municipal de Palmela, 2007, p. 99.

que diz respeito a actividades pesqueiras. Posteriormente lança-se na exploração salineira, obtendo grande vitalidade económica.

Trata-se de uma localidade que a partir do século XIV começa a viver um período de expansão, cujo auge acontece no século XVI e grande parte do século XVII. A nível demográfico regista-se, entre 1527 e 1640, um aumento de cerca de 139 % e entre 1619 e 1753 a população aumenta cerca de 50 %. O crescimento demográfico e económico que se fez sentir em Setúbal motivou a construção de diversas casas religiosas: quatro igrejas matrizes, cerca de duas dezenas de ermidas, dez conventos e dois recolhimentos (Figs. 1 a 6). No respeitante ao patrocínio de importantes obras na vila, nomeadamente nas diversas casas religiosas, chega-se à conclusão que estas tiveram a intervenção das mais variadas camadas da sociedade, assim como o Rei ou membros da Casa Real, a Ordem Militar de Santiago (que a partir de 1551 tem como mestre o rei), famílias aristocratas, Confrarias e Irmandades e grupos profissionais, sobretudo os marítimos e os proprietários das marinhas de sal.



## **2. O RETÁBULO EM SETÚBAL**

Setúbal acompanhou sempre, e de uma forma actualizada, as inovações artísticas que ocorriam no país. Vários são os factores que contribuíram para esta situação: a localização geográfica, próxima da cidade de Lisboa (centro artístico do país e de onde emanavam todas as novidades), com bons acessos terrestres e sobretudo marítimos; a grande quantidade de Ordens religiosas que aqui se fixaram e que contribuíam largamente para a promoção e difusão da arte; o patrocínio régio de algumas obras que poderá ter influenciado a contratação de equipamentos que adoptassem os novos conceitos; e finalmente, o poder económico que a população desta vila detinha, em prol das actividades pesqueiras, numa primeira fase, e da exploração salineira, numa segunda fase, e que também proporcionou a encomenda e o patrocínio de importantes obras.

O retábulo, enquanto elemento arquitectónico e litúrgico, teve um papel de tal forma importante no interior das igrejas que foi uma das manifestações artísticas mais utilizada pelos responsáveis religiosos entre os séculos XV e XIX.

Os exemplares recenseados neste estudo situam-se cronologicamente, entre os séculos XVII e XIX, tendo sido a maior parte deles executados entre a segunda metade do século XVIII e primeira metade do século XIX, em consequência do terramoto de 1755, uma catástrofe que vitimou a maior parte dos edifícios desta actual cidade.

Seguidamente, vamos analisar os retábulos de Setúbal e abordar questões como a encomenda, usos e funções, materiais e técnicas, periodização, tipologias e exemplares ímpares, a complementaridade das artes e finalmente, a produção artística.

## 2.1 ENCOMENDA

A encomenda de um retábulo podia ser efectuada pelos responsáveis religiosos dos templos, pela sociedade civil em geral, congregada em Confrarias, Irmandades ou Ordens Terceiras, e ainda de forma particular por indivíduos mais endinheirados.

O clero secular, representado pelas igrejas matrizes e igrejas da Sé, era de uma extrema importância para a vida religiosa da população em geral, uma vez que estabelecia o elo de ligação entre indivíduos da sociedade civil e o divino. Os dirigentes destas igrejas tinham como principal objectivo instruir a doutrina, levando as pessoas a adquirir os Sacramentos.

Em Setúbal, durante o Antigo Regime, o clero secular estava representado nas igrejas matrizes de Santa Maria da Graça, São Julião, Nossa Senhora da Anunciada e São Sebastião. Cada um destes templos, cujo responsável era o Prior, tinha uma Comissão Fabriqueira que se encarregava da ornamentação da capela-mor e da sacristia. As obras que normalmente eram administradas pela Comissão Fabriqueira eram financiadas pela população em geral, que contribuía com esmolas, pelas Confrarias do Santíssimo Sacramento<sup>237</sup>, ou por indivíduos ricos que se comprometiam a custear as obras nesses locais. Por exemplo, o actual retábulo da capela-mor da igreja de Santa Maria da Graça<sup>238</sup> foi encomendado pela Confraria do Santíssimo Sacramento e o da

---

<sup>237</sup> As referências mais antigas relativas às quatro Confrarias do Santíssimo Sacramento existentes em Setúbal são relativas a 1541 (São Julião), 1580 (Santa Maria da Graça), 1625 (São Sebastião), e 1626 (Nossa Senhora da Anunciada). Sobre este assunto ler Laurinda Abreu, *Memórias da Alma e do Corpo. A Misericórdia de Setúbal na Modernidade*. Viseu, Palimage, 1999, p. 254-260.

<sup>238</sup> Ver páginas 83 e 84.

capela-mor da igreja matriz de São Julião<sup>239</sup> foi realizado às custas dos duques de Aveiro<sup>240</sup>.

O clero regular, instalado em conventos e colégios, organizava-se em Ordens religiosas<sup>241</sup>. Em Setúbal existiram as seguintes Ordens: São Francisco (convento de São Francisco, de Jesus e missionário de Brancanes), São Domingos (conventos de São João e São Sebastião), Carmelitas Calçados (convento de Nossa Senhora do Carmo), Carmelitas Descalços (convento de Santa Teresa), Companhia de Jesus (colégio de São Francisco Xavier), Trinos (convento da Santíssima Trindade) e Agostinhos Descalços (convento de Nossa Senhora da Boa Hora).

Cada comunidade religiosa era dirigida por um superior, o abade nos conventos masculinos e a abadessa nos conventos femininos. No entanto estavam sempre dependentes das casas provinciais ou cabeça de Ordem, a quem tinham de pedir autorização para a execução de qualquer obra.

Os retábulos das capelas-mores das igrejas conventuais eram sempre administrados pela comunidade religiosa. Por exemplo, em 1683, as religiosas do antigo convento de São João contrataram José Antunes para executar o retábulo da capela-mor<sup>242</sup>. Também as religiosas do antigo convento de Jesus contrataram em 1721 um mestre entalhador para a execução do retábulo da capela-mor da igreja<sup>243</sup>, sendo ainda

---

<sup>239</sup> Ver páginas as páginas 119 e 120.

<sup>240</sup> Ignácio de Vilhena Barbosa, *Monumentos de Portugal – Históricas, Artísticas e Archeológicas*, Lisboa, Editores Castro Irmão, 1888, p. 498.

<sup>241</sup> Em Portugal existiram vinte e três Ordens religiosas: Cónegos Regulares, Eremitas de Santo Agostinho, São Bento, São Bernardo, São Francisco da Província de Portugal, São Francisco da Província dos Algarves, São Francisco da Província dos Terceiros, São Francisco da Província dos Capuchos da Piedade, São Francisco da Província dos Capuchos da Arrábida, São Francisco da Província dos Capuchos de Santo António, São Domingos, Trinos, Carmelitas Calçados, Carmelitas Descalços, Eremitas de São Paulo, Jerónimos, São João Evangelista, Companhia de Jesus, Cartuxos, Santa Brígida, São João de Deus, Obregões e Teatinos.

<sup>242</sup> Arquivo Distrital de Setúbal, *Cartório Notarial de Setúbal*, L.º 55 do Tabelião António de Azevedo Cerejeira, cota 5040, 1682 – 1685, fls. 38 v.º a 40. Ver o documento n.º 3 do apêndice documental.

<sup>243</sup> Arquivo Distrital de Setúbal, *Cartório Notarial de Setúbal*, L.º 122 do tabelião Francisco Ribeiro Pereira, cota 5050, 1720 – 1721, fls. 123 a 125. Inédito. Ver o documento n.º 12 do apêndice documental.

de destacar os retábulos localizados no coro alto. É ainda de destacar o programa retabulístico da igreja do antigo convento de São Sebastião, da segunda metade do século XVIII, e que muito provavelmente foi custeado pelos próprios religiosos.

No entanto, e à semelhança do que acontecia nas igrejas matrizes, indivíduos de elevado estatuto social, participavam a ornamentação e / ou reparação da capela-mor, solicitando em troca aquele espaço para sepultura da sua família. Acontecia muitas vezes este mesmo espaço ser destinado aos fundadores. Por exemplo, a capela-mor da igreja do antigo convento de São Francisco, foi edificada pela fundadora *para louvor e serviço de Deos e jazigo seu, e de sua linhagem*<sup>244</sup>. Nos finais do século XV, Vasco Queimado de Villa Lobos, neto da fundadora, derrubou a capela – mor e reconstruiu-a. Assim refere uma inscrição que se encontrava na capela-mor da antiga igreja: (...) *vendo elle que como quasi por herança lhe pertencia, a mandou derribar pela muito mais ennobrecer, como de feito fez: e por memória a seus descendentes fez aqui pôr as suas armas e aqui isto escrever. O qual finou frade desta Ordem da Observância, em o anno de nosso Senhor Jesu Christo de 1477*<sup>245</sup>. E entre finais do século XVII e inícios do século XVIII, esta capela que estava bastante arruinada, foi reconstruída às custas de Simão de Miranda Henriques, descendente da fundadora.

O mesmo acontecia com as restantes capelas (colaterais e laterais), que podiam ser entregues a Confrarias ou Irmandades, ou a particulares que se responsabilizavam pela sua ornamentação em troca de um lugar para a sua sepultura e da sua família. Também na mesma igreja do antigo convento de São Francisco, a capela lateral dedicada a Nossa Senhora do Amparo<sup>246</sup> foi edificada por D. Isabel de Orta, mulher de

---

<sup>244</sup> Almeida Carvalho, *Acontecimentos, Lendas e Tradições da Região Setubalense*, vol. III, Setúbal, Junta Distrital de Setúbal, 1972, p.133.

<sup>245</sup> *Idem, ibidem*, p.133.

<sup>246</sup>“*Construída com gosto primor e riqueza, toda de fina pedra optimamente trabalhada e de elegante architectura (...) é a capela de mármore branco, e de cor-de-rosa, composta de diferentes peça entalhadas, e formada em quatro arcos: um que faz a entrada; outro que forma o fundo, e os dois*

Martim Cotta Falcão, Fidalgo da casa do rei *para sua sepultura della, e de seus irmãos, e descendentes; e a dotou e ornou tudo bastantissimamente, e hipotecou e annexou nella a mor parte de sua fazenda (...)*<sup>247</sup>.

A sociedade civil, normalmente estruturada em Confrarias ou Irmandades e Ordens Terceiras, também tinha um papel bastante activo na encomenda de retábulos.

As Confrarias ou Irmandades tinham uma forte componente religiosa, sendo criadas sob a devoção de um santo protector, e estruturavam-se em função de um objectivo: a prestação de caridade ou assistência (doentes, órfãos, viúvas, pobres, entre outros), a entreatada profissional e social, ou simplesmente devocional.

Devido às várias funções a que se propunham, era frequente as pessoas pertencerem a mais que uma Confraria. O ingresso em Confrarias e Irmandades, existentes já desde a Idade Média, propagou-se na Idade Moderna em sequência dos apelos Tridentinos da Contra-Reforma. Para a sociedade do Antigo Regime era uma forma de adquirir segurança na vida social e profissional, mas sobretudo segurança no Além.

A sociedade civil, através deste tipo de instituição, vivia a religiosidade de uma forma mais intensa, pois os confrades, para além de participarem activamente nos cultos da igreja (baptismos, missas, procissões...), contribuían ainda na administração de uma capela, onde a sua Confraria ou Irmandade se encontrava sedeada. Normalmente

---

*restantes um de cada lado. Sustêm estes arcos pilastras de ordem dórica. Nas faces das paredes, revestidos de mármore, estão seis nichos ou meias rotundas, ficando três de cada um dos lados, isto é quatro no corpo da capela, e dois dentro do arco cruzeiro, que faz frente a uma espécie de capela-mor; e os quatro nichos do corpo da capela são estriados; os outros lisos (...). É de altura proporcionada e elegante, rematando-a uma cúpula com lanterna e entalhes, marchetada simetricamente com peças de mármore preto (...). A fachada da capela é do mesmo mármore, entalhado a cor-de-rosa ou encarnado em branco, tendo duas pilastras da ordem jónica (...)* ". Almeida Carvalho, *Acontecimentos, Lendas e Tradições da Região Setubalense*, vol. III, Setúbal, Junta Distrital de Setúbal, 1972, p. 136.

<sup>247</sup> *Idem, ibidem*, p. 136.

estavam sedeadas em capelas de igrejas matrizes, igrejas da Sé, igrejas conventuais e ermidas.

Frequentemente contratavam mestres entalhadores para execução de retábulos, pintores ou douradores para os acabamentos finais e proviam ainda esses mesmos equipamentos com as alfaias litúrgicas que achassem necessárias.

Também nestes grupos havia alguém seleccionado para administrar a Confraria, sendo escolhida a pessoa, cujo carácter mais se adequasse para o efeito e com o estatuto social e económico mais privilegiado.

Entre as Confrarias socio-profissionais, é de destacar dois retábulos custeados pelos armadores e mareantes. Um, dedicado a Santo André, localizado numa capela lateral do lado da Epístola, da igreja de Santa Maria da Graça<sup>248</sup>. O outro, dedicado a Nossa Senhora da Boa Viagem e construído, muito provavelmente, na década de 20 do século XVIII, foi financiado pela Confraria do Corpo Santo<sup>249</sup>.

De todas as Confrarias / Irmandades devocionais, as que apresentavam uma maior estabilidade financeira eram as do Santíssimo Sacramento, Nossa Senhora da Porta de Évora e a das Almas<sup>250</sup>. Também a Ordem Terceira do Monte do Carmo desta vila, assim como a Confraria dos Clérigos Pobres, eram financeiramente bastante estáveis<sup>251</sup>. No entanto, desconhecem-se investimentos ao nível de programas retabulísticos.

Outra Confraria de extrema importância em Setúbal foi a da Misericórdia<sup>252</sup>. O seu carácter assistencial e devocional levou à incorporação muitos indivíduos,

---

<sup>248</sup> Ver as páginas 91 e 92.

<sup>249</sup> Ver as páginas 113 e 114.

<sup>250</sup> Mais à frente, no capítulo dedicado à produção artística, é possível ver alguns dos investimentos que estas mesmas confrarias realizaram.

<sup>251</sup> Laurinda Abreu, *Memórias da Alma e do Corpo – A Misericórdia de Setúbal na Modernidade*, Viseu, Palimage, 1999, p. 249-260.

<sup>252</sup> Sobre este assunto ver os estudos realizados por Laurinda Abreu.

nomeadamente e principalmente os de elevada condição social. Os retábulos da antiga igreja da Misericórdia não subsistiram até aos nossos dias, no entanto existe uma maqueta que mostra como seria o interior deste templo (FIG. 7). Desta mesma Confraria, existe o retábulo do cemitério da Misericórdia<sup>253</sup>, da década de 70 do século XVIII, que pela sua originalidade e boa qualidade técnica, vem a demonstrar que se tratava de uma instituição de grande poder económico.

Finalmente, é ainda possível identificar os instituidores privados que tanto podiam pertencer ao clero secular ou regular, como à sociedade civil. Tratavam-se de indivíduos com elevado estatuto social e económico que custeavam a ornamentação de capelas privadas, localizadas em casas de habitação particulares, ou capelas de igrejas matrizes, Sés, igrejas das Ordens Terceiras ou de igrejas conventuais. Muitas vezes, custeavam a construção de um retábulo para em troca, aquele espaço servir de sepultura à sua família. Para além dos exemplos referidos anteriormente, é de destacar a capela instituída por Luís Cabedo, membro de uma importante família de Setúbal, na igreja matriz de Santa Maria da Graça<sup>254</sup>, em 1695. É bem provável que o retábulo que aí se encontra tenha sido patrocinado por si.

Embora não se conheça uma obra de encomenda régia, é possível ver o patrocínio do rei ou por membros da casa real, em algumas obras, nomeadamente os retábulos da capela-mor da igreja do antigo convento de Jesus (já nenhum deles existentes no seu local de origem), o retábulo lateral da igreja de São Julião (FIG.34) os retábulos das capelas de São Filipe<sup>255</sup> e de Santiago do Forte do Outão<sup>256</sup>.

---

<sup>253</sup> Ver as páginas 165 e 166.

<sup>254</sup> Ver as páginas 89 e 90.

<sup>255</sup> Ver as páginas 177 e 178.

<sup>256</sup> Ver as páginas 181 e 182.

Desta forma podemos deduzir que:

- As Confrarias, compostas por membros da sociedade civil e religiosa, detiveram um papel muito importante na contratação das obras;
- A sociedade civil, quer inserida em Confrarias quer a título particular, contribuiu de forma significativa na ornamentação dos templos;
- A riqueza da vila provinha sobretudo das actividades pesqueiras e salineiras. Estas duas actividades impulsionaram a fixação de gentes das mais variadas zonas do país, que aqui se estabeleceram em busca de melhores condições de vida. As marinhas de sal constituíram, desde o século XVI até inícios do século XVIII, a grande fonte de riqueza. Os seus proprietários tanto eram civis como religiosos, sendo poucas as casas conventuais ou Confrarias religiosas como os Santíssimos Sacramentos das igrejas matrizes, que não possuíssem uma ou duas marinhas<sup>257</sup>.
- As Ordens religiosas contribuíram activamente na ornamentação dos espaços interiores, sendo de destacar os dois conventos femininos de São João e de Jesus.
- O patrocínio régio esteve presente em várias obras.

## 2.2 USOS E FUNÇÕES

Os retábulos não desempenhavam todos os mesmos usos e funções. Variavam consoante o local onde se encontravam e muitas vezes consoante o desígnio da entidade

---

<sup>257</sup> Sobre este assunto ver a seguinte obra de Laurinda Abreu, *Setúbal na Modernidade: Memórias de Corpo e Alma*, Viseu, Palimage, 1999.

patrocinadora. Várias são as funções que se podem atribuir: didácticos ou narrativos, eucarísticos, devocionais (a um ou a vários temas), relicários e multiusos, quando tinham mais que uma função. As grandes diferenças formais que se verificam entre os retábulos, ao longo da história, têm que ver não só com os períodos artísticos mas sobretudo com os usos e funções que lhes eram aplicados.

Os retábulos didácticos ou narrativos vigoraram ao longo dos séculos XV, XVI e inícios do XVII. Embutidos de uma forte pedagogia catequizadora, tinham como objectivo proporcionar aos fiéis uma aprendizagem através de ciclos narrativos, facultados por sequências de pinturas e / ou esculturas.

Foi sobretudo no século XVI, por influência da sessão de 3 e 4 de Dezembro de 1563 do Concílio do Trento, que os retábulos adoptaram fervorosamente esta função, havendo a consciencialização do poder que a imagem podia ter sobre a orientação dos fiéis.

Actualmente não existe nenhum espécime com estas atribuições em Setúbal, existindo contudo referências bibliográficas a retábulos com estas funções: o retábulo-mor da igreja do antigo convento de Jesus, do qual ainda subsistem as pinturas que actualmente fazem parte do acervo do Museu Municipal de Setúbal<sup>258</sup> e o retábulo-mor da igreja de Santa Maria da Graça, realizado em 1590<sup>259</sup>.

Os retábulos eucarísticos surgiram na sequência do Concílio do Trento e tiveram grande aceitação a partir do século XVII. Destinavam-se à exposição do Santíssimo

---

<sup>258</sup> Sobre este assunto ver os seguintes artigos: Fernando António Baptista Pereira, “Retábulo da Igreja de Jesus de Setúbal”, in *Oceanos*, n.º 2, Lisboa, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1989; e José Sarmiento de Matos, “Retábulo da Igreja de Jesus de Setúbal in *Oceanos*, n.º 2, Lisboa, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1989, p. 83.

<sup>259</sup> Vítor Serrão, *História da Arte em Portugal – O Barroco*, Volume IV, Lisboa, Editorial Presença, 2003, p. 104.

Sacramento durante a celebração dos Jubileus e localizavam-se normalmente na capela-mor das igrejas da Sé, igrejas matrizes, igrejas das Ordens conventuais e igrejas das Ordens Terceiras. Por vezes, também podiam localizar-se noutras capelas, mais frequentemente na capela colateral do lado do Evangelho.

Vários são os elementos formais que fazem parte destes retábulos e que permite facilmente identificá-los: a tribuna com um trono piramidal em degraus<sup>260</sup> destinado à exposição solene do Santíssimo Sacramento, feita através de uma custódia e um sacrário, muitas vezes localizado ao centro da mesa do altar.

Os retábulos devocionais foram os mais frequentes e tinham como principal objectivo concentrar o culto a um ou três temas. Estes podiam ser cristíferos (culto ao Senhor crucificado), marianos (culto à Virgem Maria) e hagiográficos (culto aos santos). Embora a sua existência remonte ao século XVI, tornaram-se mais frequentes a partir do século XVII. Os retábulos devocionais a um só tema adquirem normalmente a composição de corpo único e um só tramo. Os retábulos devocionais a três temas adquirem a composição de corpo único com três tramos, sendo exposta na parte central a imagem do orago e nos tramos laterais, imagens de devoção secundárias e normalmente de menores dimensões.

Os retábulos relicários tinham como objectivo principal mostrar aos fiéis testemunhos reais pertencentes a Cristo, Virgem Maria e a Santos, tais como: fragmentos da Cruz de Cristo, fragmentos de osso ou tecido de santos. As relíquias exerciam sobre os crentes um maior fervor religioso e guardavam-se em relicários de madeira ou metal, que assumiam as mais variadas formas: antebraços, pés, bustos femininos e masculinos, pixides e formas micro-arquiteturais. Estes eram inseridos em nichos que se localizam no retábulo.

---

<sup>260</sup> A tribuna, ocupada no seu interior por um trono piramidal em degraus, teve uma grande aceitação enquanto elemento formal, sendo bastante utilizada em retábulos destinados a outras funções (sobretudo devocionais) a partir do último quartel do século XVII.

Sempre existiram retábulos com estas funções, no entanto tornaram-se mais frequentes a partir do século XVII, em virtude da Contra-Reforma e das seguintes sessões do Concílio do Trento. Existem poucos exemplares pelo facto das relíquias serem muito caras. Só as pessoas mais abastadas ou as entidades com mais recursos financeiros tinham capacidades para encomendar um retábulo com estas funções.

Em Setúbal, estão recenseados quatro retábulos relicários: o retábulo principal da ermida do Corpo Santo<sup>261</sup> e os restantes três no antigo convento de Jesus: o antigo retábulo-mor da igreja<sup>262</sup> e dois no coro alto<sup>263</sup> do mesmo convento.

## 2.3 MATERIAIS E TÉCNICAS

Vários são os materiais e técnicas que podiam ser utilizados na execução de um retábulo, podendo variar de país para país, consoante as matérias-primas tradicionalmente utilizadas e a mão-de-obra profissional.

Os retábulos inventariados neste trabalho são todos de madeira, à excepção do retábulo das Almas<sup>264</sup>, localizado no cemitério de Santa Casa da Misericórdia, que utiliza o azulejo.

A madeira era um material largamente utilizado na Península Ibérica pelo facto de se tratar de uma matéria-prima abundante, de custos reduzidos e de fácil transporte. Era um material muito procurado, existindo por isso um grande número de profissionais (entalhadores, escultores, imaginários, carpinteiros, ensambladores, ...) que se dedicava à sua transformação.

---

<sup>261</sup> Ver as páginas 113 e 114.

<sup>262</sup> Ver as páginas 129-131.

<sup>263</sup> Ver as páginas 133-136.

<sup>264</sup> Ver as páginas 165 e 166.

A pouca documentação existente, relativa à encomenda de retábulos, referem a madeira de bordo e pinho, importadas da Flandres. No entanto, seria também frequente a utilização de madeiras nacionais, provenientes da região, como por exemplo, da Serra da Arrábida.

A pedra foi um material igualmente utilizado noutras zonas do país. Através dos retábulos remanescentes, poderíamos afirmar que a utilização deste material foi bastante limitada em Setúbal, restringindo-se a alguns embasamentos. Como exemplos, destacam-se os embasamentos do retábulo de Santa Ana<sup>265</sup> e do retábulo-mor da igreja matriz de Santa Maria da Graça<sup>266</sup>, de mármore com embutidos policromos. No entanto, pelo contrato notarial deste último, pode-se depreender que seria uma modalidade frequente noutros templos: (...) *será obrigado ele mestre entalhador que os pedestais de pedra em que hão de carregar as duas colunas que há-de lavrar de cada banda, os mandará fazer na forma de que estão os da capela dos terceiros do Carmo desta vila; e banquetta do altar será de pedra revestida dos mesmos embutidos (...)*<sup>267</sup>.

De facto, este material foi certamente bastante utilizado pelo facto de existir nas proximidades (Serra da Arrábida) locais de exploração e extracção de jaspe, largamente utilizada em diversas obras públicas, edifícios civis e religiosos desta vila. Fontes antigas referem-se a este material da seguinte forma: *Na villa de Setuual ha hũa pedra de varias cores couuem a saber branco, vermelho, encarnado, toda feita de remendos como seixinhos, que parece que se pegaram cõ a mão e que nascerão asi, a qual a gente vulgarmẽte e erradamente chama, Iaspe, por aquella diuersidade de cores. Desta pedra staá edificada toda aquella grande villa, assi casas como templo, muros e torres por nam hauer outra pedra assi na villa e termo seu como nas montanhas, vizinhas da*

---

<sup>265</sup> Ver as páginas 89 e 90.

<sup>266</sup> Ver as páginas 83 e 84.

<sup>267</sup> Arquivo Distrital de Setúbal, *Cartório Notarial de Setúbal*, L.º 68 do tabelião Francisco Ferreira Nabo, fls 106. Ver o documento n.º 6 do apêndice documental.

*serra da Arabida, a que os antigos chamaram Promontorio Barbario. Pelo que todos edificios he necessário serem della: os quaes muros e torres se como sam de pedra tosca, foram laurados polidamête e de cantaria fora a mais fermosa do mûdo.*<sup>268</sup>

As técnicas eram bastante diversas, no entanto destacamos aqui as mais importantes e que se inseriam nos vários processos por que passava a obras (o *risco* ou *traça*, o entalhe e os acabamentos).

Antes da obra ser executada, realizavam-se vários esboços que resultavam no *risco*, ou seja, o projecto da obra a realizar. Eram desenhos executados num papel, normalmente com tinta preta.

Qualquer pessoa podia fazer um *risco*, no entanto é possível indicar as duas situações mais vulgares: os encomendadores mais abastados, como os da nobreza, solicitavam o projecto a um architecto ou engenheiro; noutros casos, era exposto aquilo que se pretendia ao próprio artista que executava o retábulo e este desenhava no papel.

Em casos menos frequentes, quase raros, recorria-se à realização de uma maquete. Em Portugal, apenas se conhece, até à actualidade, a maquete do retábulo de São João Baptista da igreja de São Roque de Lisboa, encomendado pelo rei D. João V a dois notáveis architectos italianos, Nicolas Salvi e Luigi Vanvitelli<sup>269</sup>. Em Setúbal também existe uma maquete (Fig. 7), cuja autenticidade ainda está por se descobrir, que representa o retábulo-mor e retábulos colaterais da primitiva igreja da Misericórdia. Mesmo considerando a veracidade da obra, desconhece-se em que contexto foi realizado.

---

<sup>268</sup> Duarte Nunes de Leão, *Descrição do Reino de Portugal*, Lisboa, oficina de Simão Tadeu Ferreira, 1610, flh. 45.

<sup>269</sup> Francisco Lameira, *O Retábulo da Companhia de Jesus em Portugal: 1619-1759*, Revista Promontoria Monográfica História da Arte, n.º 2, Faro, Departamento de História, Arqueologia e Património da Universidade do Algarve, 2006, p. 20, 21, 58, 59.

Tendo a madeira necessária, o mestre entalhador procedia ao entalhe dos vários elementos que compunham o retábulo. Seguidamente transportava-os para o local de destino e aí montava-o.

Finalmente, recorria-se aos acabamentos, que na maioria das vezes ficavam confiados aos pintores. Em Setúbal, temos três situações distintas que importam aqui referir. A primeira diz respeito à pintura de ornatos vegetalista (retábulo de Santo André<sup>270</sup>). A segunda é referente ao douramento, uma técnica bastante utilizada em Portugal entre meados do século XVI e a primeira metade do século XVIII. E a terceira são os marmoreados, uma técnica de pintura bastante utilizada na segunda metade do século XVIII e no século XIX e que tem como objectivo imitar os materiais pétreos.

Outras manifestações artísticas, complementares dos retábulos de Setúbal, importam aqui referir pelas técnicas de pintura que utilizavam. Tratam-se da imaginária, onde eram aplicadas a encarnação<sup>271</sup> e estofamento<sup>272</sup>, e finalmente, as pinturas de cavalete.

Merece especial atenção o retábulo com pintura fingida sobre azulejo, localizado no cemitério da Santa Casa da Misericórdia<sup>273</sup>. Trata-se de uma modalidade pouco frequente a nível nacional, conhecendo-se, para além deste, o retábulo de Nossa Senhora da Vida, da colecção do Museu Nacional do Azulejo e que pertencia à igreja de Santo André em Lisboa, destruída pelo terramoto de 1755<sup>274</sup>.

---

<sup>270</sup> Ver as páginas 91 e 92.

<sup>271</sup> Técnica de pintar sobre madeira ou barro, com o objectivo de imitar as carnes. Era sobretudo utilizada no rosto e nas mãos.

<sup>272</sup> Técnica de pintar sobre madeira ou barro, com o objectivo de imitar os tecidos das vestes.

<sup>273</sup> Ver as páginas 165 e 166.

<sup>274</sup> Luísa Arruda, “Formas Hispânicas. Azulejaria Portuguesa dos Séculos XV e XVI”, in *História da Arte Portuguesa*, volume II, Lisboa, Temas e Debates, 1999, p. 371-372.

## 2.4 PERIODIZAÇÃO

O retábulo mais antigo, recenseado em Setúbal, localiza-se na antiga Igreja Matriz de Santa Maria da Graça, actual Sé, na capela de Santo André<sup>275</sup>. O retábulo terá sido construído por volta de 1614, data da fundação da capela por parte dos armadores e mareantes desta vila.

Relativamente a espécimes anteriores, que não subsistiram até à actualidade, pouco se sabe. Um longo período, quase que um hiato, da História do Retábulo é salvaguardado por algumas referências documentais, ainda que escassas. Referimo-nos sobretudo às Visitações quinhentistas da Ordem Militar de Santiago; aos contratos notariais celebrados, entre a entidade que encomenda e o artista, e que surgem nos livros de Notas dos tabeliães; e nos livros de Receitas e Despesas das diversas casas religiosas. Vários são os factores que motivaram o desaparecimento destes exemplares: foram substituídos por exemplares inovadores; destruídos por catástrofes naturais como foi o caso do terramoto de 1755; desmantelados e / ou vendidos e colocados noutros locais ou simplesmente destruídos.

Neste estudo foram recenseados 71 retábulos, os quais se inserem nos seguintes períodos artísticos: Prenúncios do Triunfalismo Católico, Barroco Pleno, Barroco Final, Tardo-barroco / Rococó e Revivalismos.

---

<sup>275</sup> Ver as páginas 91 e 92.

### 2.4.1 Prenúncios do Triunfalismo Católico<sup>276</sup>

Trata-se de um período artístico que corresponde aos dois primeiros reinados da Dinastia Filipina, D. Filipe I (1580-1598) e D. Filipe II (1598-1621), onde surgem inovações estéticas e litúrgicas que vão perdurar nos séculos XVII e XVIII. Se até então, os retábulos tinham um carácter narrativo, neste período a devoção a um único tema (cristífero, mariano ou hagiográfico) começa a predominar. Esta situação provoca uma reestruturação do retábulo, passando a utilizar-se uma nova tipologia, a de corpo único e um só tramo. No entanto, também são frequentes as seguintes tipologias: corpo único e três tramos e dois corpos e três tramos.

Apenas três retábulos se inserem neste período, um localiza-se na capela de Santo André da Igreja de Santa Maria da Graça – actual Sé, e os outros dois no coro alto do antigo convento de Jesus. Entre as várias características formais destes retábulos, destaca-se as dos retábulos de Setúbal:

- Uso de planta plana;
- Uso das tipologias: corpo único e três tramos e de retábulos com *arco*;
- Os retábulos são devocionais a um só tema;
- Utilização de madeira, e utilização de imagens de vulto perfeito e pinturas figurativas;
- Uso de colunas clássicas com brutescos no primeiro terço inferior;
- O ático tem composição tripartida: um painel rectangular rematado por uma frontão triangular interrompido e nas ilhargas alguns elementos vegetalistas;
- O *arco* apresenta no intradorso várias pinturas e ícones no remate;

---

<sup>276</sup> Sobre este assunto ver Francisco Lameira, *O Retábulo em Portugal, das origens ao declínio*, Revista Promontoria Monográfica História da Arte, n.º 1, Faro, Departamento de História, Arqueologia e Património da Universidade do Algarve e Centro de História da Arte da Universidade de Évora, 2005, p. 84-88.

- Quanto ao vocabulário, há ornatos vegetalistas, pintados sobre a madeira, que invadem todo o retábulo;

#### **2.4.2 Barroco Pleno**<sup>277</sup>

Período que corresponde à época de D. Pedro II, enquanto regente e rei (1688-1706).

Deste período, o retábulo mais antigo, que se tem conhecimento, foi encomendado em 1683 para a capela-mor da igreja do antigo convento de São João. Trata-se de um exemplar inexistente, tendo sido destruído pelo terramoto de 1755, com tribuna, trono e sacrário, conforme consta a escritura de contrato notarial<sup>278</sup>.

Dos retábulos recenseados, existem um total de treze. O único cuja datação está comprovada, é o da capela-mor da igreja de Santa Maria da Graça, contratado em 1697<sup>279</sup>. No entanto, é bastante provável que os retábulos de Santa Ana<sup>280</sup>, cuja capela foi instituída em 1695, e os da ermida do Bonfim<sup>281</sup>, cuja campanha de obras iniciaram em 1688, sejam anteriores.

Entre as várias características deste período, referimos as características dos retábulos de Setúbal:

- Predomínio de plantas planas ou em perspectiva côncava;

---

<sup>277</sup> Vulgarmente conhecido por Barroco Nacional, designação dada pelo prof. Robert Smith na obra *A Talha em Portugal*, 1963. Sobre este assunto vide as seguintes obras de Francisco Lameira, *O Retábulo em Portugal, das origens ao declínio*, Revista Promontoria Monográfica História da Arte, n.º 1, Faro, Departamento de História, Arqueologia e Património da Universidade do Algarve e Centro de História da Arte da Universidade de Évora, 2005, p. 94-98; e “O retábulo em Portugal: o barroco pleno (1668-1713)”, in *Promontoria. Revista do Departamento de História, Arqueologia e Património da Universidade do Algarve*, n.º 2, Faro, Universidade do Algarve, 2004.

<sup>278</sup> Arquivo Distrital de Setúbal, Notariado de Setúbal, livro 55, caixa 5040. fls 38 – 40. Ver o documento n.º 3 do apêndice documental.

<sup>279</sup> Arquivo Distrital de Setúbal, *Cartório Notarial de Setúbal*, L.º 68 do tabelião Francisco Ferreira Nabo, fls 105 Vº a 107. Ver o documento n.º 6 do apêndice documental.

<sup>280</sup> Ver as páginas 89 e 90.

<sup>281</sup> Ver as páginas 107-110.

- Predomínio das tipologias com um corpo e um tramo ou três tramos. Surge também a tipologia de retábulos com *arco* e outra, pouco frequente, de dois corpos e três tramos;

- Nos retábulos das capelas-mores, quer de função eucarística, quer devocional, predominam as tribunas, preenchidas por tronos piramidais em degraus, destinadas não só à exposição do Santíssimo Sacramento como também de imagens de vulto perfeito do orago. Menos vulgar, mas também existente, há tribunas preenchidas por telas com pinturas alusivas ao orago, como é o caso do retábulo de Santa Ana;

- Predomínio de mísulas nos bancos;

- Nas ordens arquitectónicas são usadas as colunas torsas com seis e sete espiras, com o fuste, na maioria das vezes, revestido de parras, uvas e fénix; e pilastras revestidas por elementos vegetalistas;

- Uso de embasamentos de pedraria, maioritariamente com embutidos de pedraria policroma;

- O entablamento restringe-se aos tramos laterais, no caso dos retábulos com três tramos, e é contínuo, quando tem um só tramo;

- No ático são utilizados um ou dois arcos salomónicos, de volta perfeita, e arquivoltas plenas. Nalguns casos, são ainda cortados transversalmente por aduelas;

- O vocabulário decorativo restringe-se a fénix, folhagem de acanto, flores e uvas;

- Os elementos figurativos são em alto-relevo, predominando meninos, meninos hercúleos, anjos e serafins;

### 2.4.3 Barroco Final<sup>282</sup>

Período vigente 1713 e meados do século XVIII, sendo normalmente designado Barroco Joanino pelo facto de ter correspondido à época do reinado de D. João V (1707-1750).

Deste período apenas existem sete exemplares recenseados. O mais antigo é seguramente o retábulo principal da Casa do Corpo Santo<sup>283</sup>, e que corresponde a um período de transição entre o Barroco Pleno e o Barroco Final. O único que apresenta datação é o retábulo-mor da igreja do antigo convento de Jesus, cuja encomenda foi realizada em 1721<sup>284</sup>.

Destacam-se seguidamente as principais características dos retábulos de Setúbal:

- Predomínio de plantas planas e em perspectiva côncava;
- Predomínio da tipologia: um corpo e três tramos, existindo apenas dois retábulos colaterais que usam um corpo e um tramo;
- O banco possui, normalmente, um nicho na parte central que se destina à exposição de uma imagem de vulto perfeito;
- Uso de colunas torsas com sete espiras, com o fuste revestido de parras, uvas e fénix; ou com meninos, flores e fénix; ou com meninos, parras e uvas. Colunas berninianas, com fuste ornamentado na garganta com grinaldas de flores. São também usados quartelões e pilares compósitos;

---

<sup>282</sup> Vulgarmente conhecido por Barroco Joanino, designação dada pelo prof. Robert Smith na obra *A Talha em Portugal*, 1963. Sobre este assunto vide as seguintes obras de Francisco Lameira: *O Retábulo em Portugal, das origens ao declínio*, in Revista Promontoria Monográfica História da Arte, n.º 1, Faro, Departamento de História, Arqueologia e Património da Universidade do Algarve e Centro de História da Arte da Universidade de Évora, 2005, p. 99-102; e “O Retábulo em Portugal: o barroco final (1713-1746)”, in *Promontoria*. Revista do Departamento de História, Arqueologia e Património da Universidade do Algarve, n.º 3, Faro, Departamento de História, Arqueologia e Património da Universidade do Algarve e Região de Turismo do Algarve, 2007.

<sup>283</sup> Ver as páginas 113 e 114.

<sup>284</sup> Ver as páginas 129-131.

- O ático apresenta uma característica comum em todos eles: anjos esvoaçantes em alto-relevo nas ilhargas, que normalmente assentam em enrolamentos vegetalistas ou segmentos de frontão curvo, e uma cartela de grandes dimensões ao centro. São também comuns os áticos tripartidos;

- O vocabulário decorativo restringe-se a fénix, enrolamentos vegetalistas, flores, uvas, conchas, cortinas e dosséis;

- Os elementos figurativos são em alto-relevo, predominando meninos, meninos hercúleos, anjos e serafins;

#### **2.4.4 Tardo-barroco e Rococó**<sup>285</sup>

Correntes artísticas que coexistiram durante toda a segunda metade do século XVIII. O Tardo-barroco é de influência italiana e a sua principal característica reside no facto de romper com a tradição portuguesa, no sentido de deixar de utilizar a madeira dourada, passando a utilizar madeira pintada de forma a imitar a pedra, e a preferência de superfícies lisas, com poucos ornatos. Por sua vez, o Rococó é de influência francesa e dá continuidade à utilização da madeira dourada. Os retábulos são mais dinâmicos no que concerne à sua composição e à aplicação de ornatos, embora estes também sejam diminutos em relação aos períodos anteriores. Por se tratarem de estilos artísticos concomitantes, por vezes os retábulos manifestam influências de ambos.

Do conjunto de retábulos recenseados neste trabalho, há vinte e seis exemplares deste período. De todos eles, a data mais antiga é de 1749 e corresponde ao retábulo de Nossa Senhora da Purificação do coro alto do antigo convento de Jesus<sup>286</sup>.

---

<sup>285</sup> Sobre este assunto vide a seguinte obra de Francisco Lameira: *O Retábulo em Portugal, das origens ao declínio*, Revista Promontoria Monográfica História da Arte, n.º 1, Faro, Departamento de História, Arqueologia e Património da Universidade do Algarve e Centro de História da Arte da Universidade de Évora, 2005, p. 104-108.

Destacam-se em seguida as principais características dos retábulos de Setúbal:

- Predomínio de plantas convexas. No entanto, são também frequentes as plantas mistílineas, existindo apenas nos retábulos colaterais e laterais da igreja matriz de São Julião. Menos frequentes são as plantas planas, existindo apenas cinco exemplares, e as plantas em perspectiva côncava, subsistindo apenas um espécime (retábulo de Nossa Senhora da Purificação do coro-alto do antigo convento de Jesus);

- Predomínio de retábulos com a tipologia de um corpo e três tramos, tanto nas capelas-mores, como colaterais e laterais. Apenas existem dois exemplares que adoptam a tipologia de um corpo e um tramo (retábulo colateral do Santíssimo Sacramento da igreja matriz de São Julião e Retábulo das Almas, situado no cemitério da Santa Casa da Misericórdia) e um que utiliza a tipologia de retábulos com *arco*. Dois retábulos relicários, localizados no coro alto do antigo convento de Jesus, adoptam uma tipologia rara neste período: a de três corpos e cinco tramos. Esta situação deve-se ao facto de aquando da sua construção, nos inícios da década de 60 do século XVIII, terem obedecido à estrutura dos retábulos que aí se encontravam anteriormente, dos inícios do século XVII;

- As mísulas tendem a ser a adquirir formas mais simplificadas e os pedestais, apesar de serem maioritariamente quadrados, adquirem por vezes formas mais dinâmicas, principalmente abauladas;

- Quanto aos elementos arquitectónicos, predominam: para o período do Tardo-barroco, as colunas de fuste canelado, nalguns casos com o primeiro terço inferior diferenciado com um anel ou com uma grinalda de flores, e as pilastras. Para o período do Rococó, predominam os pilares-estípites;

---

<sup>286</sup> Ver as páginas 137 e 138.

- Uso de tribunas ou camarins no tramo central, tanto nos retábulos eucarísticos como nos devocionais, cujo interior é preenchido por tronos piramidais, pinturas ou imagens de vulto perfeito alusivas ao orago;

- O ático é, à semelhança do período anterior, o elemento com mais dinamização. Frequentemente, ostenta uma cartela ao centro envolvida de diversos ornatos e rematada, por vezes, por um frontão, e nas ilhargas surgem figuras de vulto perfeito assentes em segmentos de frontão curvo;

- Os elementos decorativos, apesar de não serem abundantes, destacam-se os seguintes: flores, ornatos vegetalistas e fitomórficos, concheados, grinaldas de flores, dosséis e cortinas repuxadas;

- Os elementos figurativos são igualmente escassos, destacando-se os seguintes: serafins e anjos esvoaçantes em alto-relevo. É de referir o grupo escultórico que representa a Assunção de Nossa Senhora e a sua coroação pela Santíssima Trindade, situado no ático do retábulo-mor da igreja do antigo convento de São Sebastião;

#### **2.4.5 Revivalismos**

Durante a execução deste trabalho, foram registados vinte e um retábulos deste período (Figs. 8 à 28), compreendido entre os inícios do século XIX e primeira metade do século XX.

Mencionam-se seguidamente as principais características dos retábulos de Setúbal:

- Predomínio de retábulos eucarísticos e devocionais a um só tema;
- As tipologias mais frequentes são de um corpo e um tramo ou três tramos;
- Feitos maioritariamente de madeira, as superfícies são lisas e pintadas, perdurando a aplicação dos marmoreados;

- As composições são sóbrias e de grande contenção expressiva;
- As ordens arquitectónicas deixam de ser utilizadas de forma proporcional e restringem-se a colunas de fuste liso ou com caneluras e a pilares compósitos;
- Continua-se a utilizar as tribunas, preenchidas por tronos piramidais ou por pinturas sobre tela, principalmente nos retábulos eucarísticos. Quanto aos retábulos devocionais, predominam os nichos, apenas no tramo central, que se destinam à exposição de imagens de vulto perfeito;
- Os ornatos, apesar de escassos, limitam-se a elementos vegetalistas, fitomórficos e florais;

## 2.5 TIPOLOGIAS E EXEMPLARES ÍMPARES

Em Setúbal, a tipologia mais utilizada é a de um corpo e três tramos, tanto nos retábulos eucarísticos como devocionais. No entanto, surgem em alguns retábulos de composição tripartida a especificidade de não apresentarem nichos ou mísulas, normalmente destinados à exposição de imagens de vulto perfeito. Seguem-se as tipologias de corpo único e um só tramo e de retábulos com *arco*, estes últimos frequentes em capelas laterais.

Como tipologias pouco frequentes subsistem os arcos triunfais retabulares, existindo apenas dois exemplos (ermida do Senhor do Bonfim<sup>287</sup> e ermida de Nossa Senhora da Saúde<sup>288</sup>), dois corpos e três tramos, tendo em conta o período em que se insere – Barroco Pleno – e três corpos e cinco tramos (retábulos relicários do coro alto do antigo convento de Jesus).

---

<sup>287</sup> Ver as páginas 109 e 110.

<sup>288</sup> Ver as páginas 173 e 174.

Por fim, destacam-se os exemplares ímpares. Tratam-se de dois retábulos gémeos que se encontram na parede traseira do coro alto do antigo convento de Jesus<sup>289</sup>, e a sua invulgaridade reside no facto de não existir uma distinção clara entre o retábulo propriamente dito e o arco, ou seja, ambos estão aglutinados de uma tal forma que não podem ser vistos como estruturas independentes e como tal não se podem dissociar.

## **2.6 A COMPLEMENTARIDADE DAS ARTES**

Os templos, no seu interior, despertam geralmente grande atenção pela sua magnífica ornamentação. Isto deve-se ao facto de, num período da nossa história, e no âmbito das sessões do Concílio do Trento, a igreja querer criar um ambiente atractivo que estimulasse os sentimentos dos fiéis. Esse ambiente era conseguido com o olfacto (incenso e velas), audição (música) e visão (artes decorativas).

No que diz respeito às artes decorativas, o retábulo respondeu eficazmente aos propósitos da contra-reforma. Era o expoente máximo de sedução do crente, surgindo como uma cenografia que embelezava o interior dos templos e como veículo de uma mensagem espiritual e divina.

Os retábulos, enquanto equipamentos arquitectónicos e sobretudo litúrgicos, detinham uma importância muito grande, na medida que enquadravam a mesa do altar – local imprescindível no interior de um templo para a oração e celebração dos jubileus.

No entanto, outras manifestações artísticas conjugavam e interagiam com os retábulos, no sentido de atingir plenamente os objectivos de deslumbrar, educar e assegurar os fiéis.

---

<sup>289</sup> Ver as páginas 141 e 142.

Entre as várias modalidades artísticas destacam-se o azulejo, a talha dourada, pinturas murais de brutescos, pinturas em perspectiva arquitectónica, pedraria com embutidos, pintura sobre tela e imagens de vulto perfeito e de roca. Referirmos seguidamente os principais exemplos para cada uma destas modalidades:

- O azulejo é utilizado em vários templos. Da época seiscentista é de assinalar as ermidas de Nossa Senhora da Saúde e Santo António e o coro alto do antigo convento de Jesus. Do século XVIII, destaca-se o azulejo figurativo da ermida do Senhor do Bonfim, a igreja do antigo convento de São João e os da capela de São Filipe, da autoria do artista lisboeta António de Oliveira Bernardes;

- A talha dourada, para além de aplicada nos retábulos, revestia por vezes os tectos e paredes das capelas, bem como os arcos triunfais. Como exemplos mais significativos destacam-se a capela-mor da igreja de Santa Maria da Graça, a capela do Corpo Santo, e as ermidas do Senhor do Bonfim e Nossa Senhora da Saúde;

- As pinturas murais não foram muito frequentes e chegaram até aos nossos dias os revestimentos das colunas da nave da igreja de Santa Maria da Graça. Esta modalidade foi também utilizada no arco e tecto da capela-mor da igreja matriz de São Julião. Trata-se de uma obra inexistente, pelo facto de ter sido destruída pelo terramoto de 1755. Foi encomendada pela confraria do Santíssimo Sacramento a 3 de Julho de 1683 a José Mendes, pintor da cidade de Lisboa. Ficou o artista encarregue de *pintar e dourar o arco e tecto da capela-mor da dita igreja de São Julião em que está a tribuna e mais se expõe o Santíssimo Sacramento na forma seguinte: que o dito tecto da capela-mor que há-se começar de junto da tribuna até ao arco. Há-de ser pintado e dourado de brutescos e (...) perfilados de ouro e seus laços de ouro, e o arco engessado com seus laços de ouro (...) dourados e os pedestais das colunas perfilados de ouro, tudo*

*feito sobre branco, engessadas todas as peças que estucarem a pedra que está no arco e tecto, tudo em preço de duzentos mil réis (...)*<sup>290</sup>.

- As pinturas em perspectiva arquitectónica foram igualmente pouco frequentes, sendo de destacar o belo exemplar que se encontra na abóbada da capela-mor da ermida do Senhor do Bonfim<sup>291</sup>.

- As obras de pedraria eram igualmente utilizadas como modalidades artísticas interactivas. Apesar de não terem subsistido muitos exemplares, destacamos aqui dois: um existente e que diz respeito ao embasamento da capela-mor da igreja de Santa Maria da Graça<sup>292</sup>, e um inexistente, que diz respeito à obra de pedraria da capela-mor da igreja do antigo convento de Jesus. Foi contratada em 1721 pelas religiosas deste convento a Luís dos Santos, oficial de pedreiro, morador na cidade de Lisboa. Ficou declarado de (...) *fazer uma obra de pedraria (...) na capela maior da sua igreja na forma do risco que ao fazer desta lhe foi dado assinado por elas partes, a qual obra é (...) ele dito mestre Luís dos Santos fazer de pedraria embutida de várias cores na capela mor do dito convento a saber o pavimento da dita capela mor com cinco painéis de pedraria de Lioz fina bem branca, guarnecidos com facha em roda de pedraria da Arrábida que se acha na mesma capela, reformada de novo, e assim mais um degrau na entrada do Arco da dita capela de pedraria de lioz fina e um portal de pedraria vermelha (...) de nove palmos e meio de alto e quatro palmos de vão que consta o dito portal de três pedras e assim mais a fazer o presbitério da dita capela com seis painéis brancos de pedraria de Lioz fina embutida de brutescos e cimalha (...) presbitério de pedraria vermelha e fina com suas rosas de embutido brancas e pretas e o estrado do altar na mesma forma e o pavimento em cima do dito presbitério será com lajedo*

---

<sup>290</sup> Arquivo Distrital de Setúbal, Notariado de Setúbal, livro 53, caixa 5039. fls 103 v.º e 104. Ver o documento n.º 2 do apêndice documental.

<sup>291</sup> Ver página 109.

<sup>292</sup> Ver página 83.

*branco que se achar na dita capela, sendo todo lavrado e brunido; em caso que sobre algum lajedo do que se tirar da dita capela, se lajear a sacristia.*<sup>293</sup>

- Quanto a pinturas sobre tela, imagens de vulto perfeito e de roca, são de destacar as que se inserem nos próprios retábulos.

Dos vários templos existentes há a destacar como obras de arte total a capela de São Filipe, a ermida do Senhor do Bonfim e a capela do Corpo Santo.

## **2.7 PRODUÇÃO ARTÍSTICA**

Os retábulos passavam por diferentes fases até chegarem ao produto final, podendo vários indivíduos interferir na execução dos mesmos.

Primeiramente era necessário executar o *risco* ou *traça*, que corresponde a um esboço ou projecto da obra a realizar. Nesta fase, tanto podiam participar indivíduos de formação erudita, como é o caso dos engenheiros e arquitectos, como diversos profissionais: pedreiros, escultores, carpinteiros, ensambladores, pintores, entalhadores (...) como ainda simples curiosos, que podiam pertencer a qualquer classe social ou formação profissional.

No que diz respeito à execução da obra, esta era realizada pelos profissionais provenientes de ofícios mecânicos ou mesteirais, como é o caso dos pedreiros e escultores para trabalhar a pedra; carpinteiros, ensambladores, marceneiros ou

---

<sup>293</sup> Arquivo Distrital de Setúbal, *Cartório Notarial de Setúbal*, L.º 124 dos tabeliães Pedro Rodrigues de Faria e António José Veloso, cota 5050, 1721 – 1723, fls. 49 a 51. Inédito. Ver o documento n.º 13 do apêndice documental.

entalhadores para trabalhar a madeira, cujo acabamento era ainda efectuado por pintores douradores<sup>294</sup>.

A sociedade de Setúbal, durante os séculos XVI, XVII e inícios do XVIII, detinha um grande poder económico. E tendo a religiosidade uma importância muito grande, os indivíduos, sob forma particular ou inseridos em Confrarias, patrocinavam não só a construção de templos como também campanhas de ornamentação no interior dos mesmos. Para o efeito, recorriam com alguma frequência a artistas de Lisboa, embora também existissem, como veremos, oficinas locais de mestres entalhadores.

Setúbal inseria-se no centro produtivo da Estremadura<sup>295</sup>, e localizando-se muito próximo da cidade de Lisboa (pertencendo inclusivamente à sua Diocese), recorria diversas vezes à mestria de conceituados artistas desta localidade, nas mais diversas manifestações artísticas como pintura, azulejo, escultura, e também obras de arquitectura.

Enquanto noutras zonas do país, era complicado solicitar obras de grande porte a artistas de Lisboa, devido sobretudo ao transporte, em Setúbal essa dificuldade era ultrapassada pelas excelentes comunicações marítimas.

Lisboa não era apenas a capital do reino, como também o principal centro produtivo e artístico do país. A sua área de influência fez-se sentir de norte a sul do país,

---

<sup>294</sup> Durante a pesquisa realizada no Cartório Notarial de Setúbal, foram recolhidos vários contratos relativos a obras de douramento, destacando-se os seguintes artistas: João Pereira, morador na cidade de Lisboa (ver o documento n.º 5 do apêndice documental), António de Aguiar Osório, morador na vila de Setúbal (ver o documento n.º 10 do apêndice documental), José Gonçalves (ver o documento n.º 14 do apêndice documental), José Dias, morador na vila de Setúbal (ver documento n.º 15 do apêndice documental) e José Dias Pimentel, morador na vila de Setúbal (ver documento n.º 16 do apêndice documental).

<sup>295</sup> Existiam oito centros produtivos em Portugal (continental e insular) que correspondiam às seguintes regiões administrativas: Estremadura, Alentejo, Algarve, Beira, Minho, Trás-os-Montes, Madeira e Açores. A província da Estremadura abrangia o bispado de Lisboa e Leiria. Acerca deste assunto ver a obra de Francisco Lameira, *O Retábulo em Portugal, das origens ao declínio*, Revista Promontoria Monográfica História da Arte, n.º 1, Faro, Departamento de História, Arqueologia e Património da Universidade do Algarve e Centro de História da Arte da Universidade de Évora, 2005, p. 53-54.

sobretudo nas regiões administrativas da Beira e Alentejo, para onde vários artistas radicados em Lisboa se deslocavam para realizar vários trabalhos. Mas também se fez sentir bastante nas ilhas atlânticas e nas diversas colónias.

As referências mais antigas, relativamente à arte da retabulistica de Setúbal, surgem nas Visitações quinhentistas da Ordem Militar de Santiago. Embora se desconheça a identidade dos seus autores, eram exemplares portáteis, executados maioritariamente por artistas da Flandres. A referida fonte documental menciona a existência de alguns retábulos portáteis, dos quais destacamos o da capela-mor da igreja de Santa Maria: *ho sacrário (...) metido em hũa caixa de paaou dourada demtro em hũu almareo de boordos fechado com duas portas hũuas de bordo de dentro e outras de fora omde estava a fechadura com ho ferrolho e sua chave*<sup>296</sup>; e o da capela-mor da igreja da Misericórdia: *(...) o altor-moor da dita jrmida he de pedra e caal forrado de tavoado per cyyma e estaa nelle hũu retavollo de Framdes mujto rico e no meyo delle estaa a jmagem de Nossa Senhora com ho menjno Jhesuu no collo e Josep e amjos da redor e nas portas delle a jmagem de santa Catarina e outras Jmagens do outro cabo todo dourado ao redor e abaixo do dito retavollo hũu menjno Jhesuu de jesso*<sup>297</sup>.

Do século XVI conhece-se a identidade de dois pintores envolventes na execução de retábulos, actualmente inexistentes. Um, é o primitivo retábulo da capela-mor da igreja do antigo convento de Jesus, executado entre 1519 e 1530. Era constituído por 14 painéis de pintura, atribuídos ao pintor lisboeta Jorge Afonso<sup>298</sup>. Embora se desconheça a configuração deste retábulo, e tendo sido encomendado por D. Leonor de Lencastre, é provável que adoptasse os novos formulários renascentistas. Foi

---

<sup>296</sup> *Documentos para a História da Arte em Portugal, Visitações de Alvalade, Casével, Aljustrel e Setúbal - Ordem de São Tiago -*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1969, p. 77-78.

<sup>297</sup> *Idem*, p. 125.

<sup>298</sup> Fernando António Baptista Pereira, “Retábulo da Igreja de Jesus de Setúbal”, in *Oceanos*, n.º 2, Lisboa, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1989, p. 85.

desmantelado no século XVIII, e actualmente os seus painéis fazem parte do acervo do Museu Municipal de Setúbal. O outro, construído por volta de 1590<sup>299</sup>, localizava-se na capela-mor da igreja matriz de Santa Maria da Graça e era igualmente composto de pinturas de formulário maneirista, cujo autor foi Fernão Gomes.

Dos retábulos recenseados em Setúbal, subsistem três retábulos anteriores ao designado período do Barroco Pleno. Infelizmente, todos os outros espécimes, ou foram substituídos por exemplares mais “vistosos” e dinâmicos do barroco, ou destruídos, na sua grande maioria, pelo terramoto de 1755 e posteriormente substituídos por modelos Tardo-barrocos e Revivalistas, principalmente.

Um dos exemplares existentes é referente ao retábulo de Santo André e localiza-se na igreja matriz de Santa Maria da Graça. Foi executado por volta de 1614, inserindo-se no período artístico dos Prenúncios do Triunfalismo Católico. Pela qualidade técnica que nos apresenta, foi muito provavelmente executado por um artista de Lisboa.

Vários artistas de Lisboa, como já foi referido, deslocavam-se com alguma frequência às regiões circundantes para satisfazerem as necessidades artísticas de cada comunidade. Toda a zona da Península de Setúbal não foi excepção, havendo imensas obras de entalhadores de Lisboa.

Na vila de Setúbal, para o período do Barroco pleno, estão comprovados os trabalhos de dois mestres entalhadores: José Antunes e José Rodrigues Ramalho.

José Antunes realizou para a capela-mor da igreja do antigo convento de São João um retábulo com tribuna, trono e sacrário, conforme consta a escritura de contrato

---

<sup>299</sup> Vítor Serrão, *História da Arte em Portugal. O Barroco*, volume IV, Lisboa, Editorial Presença, 2003, p. 104.

realizado em 1683<sup>300</sup>. Trata-se de uma obra inexistente, tendo sido destruída pelo terramoto de 1755. Embora se desconheça, é bem provável que este entalhador tenha sido autor de várias obras nesta vila.

José Rodrigues Ramalho, considerado um dos grandes artistas do “estilo nacional”, executou em Setúbal várias obras. A primeira terá sido o retábulo da igreja do hospital da Anunciada, em 1691<sup>301</sup>, actualmente inexistente. Entre 1697-1700, realizou o retábulo da capela-mor da igreja matriz de Santa Maria da Graça pelo preço de dois contos e trezentos mil réis<sup>302</sup>. Segundo Vítor Serrão, é “um dos melhores exemplos de capela forrada a ouro que existe fora de Lisboa, do final do século XVII<sup>303</sup>.” Em 1715, ficou ajustado com a Confraria de Nossa Senhora da Conceição da Porta de Évora, de executar o retábulo da ermida homónima<sup>304</sup>. Esta obra também já não existe, tendo sido destruída pelo terramoto de 1755 e posteriormente substituída por um exemplar revivalista. Em 1716, executou o retábulo da capela-mor da igreja matriz de São Julião<sup>305</sup>, também inexistente.

Outras obras terão sido realizadas nesta vila por este conceituado mestre entalhador. É bem provável que seja o responsável pelos retábulos da capela – mor e capelas colaterais da ermida do Senhor do Bonfim, executados nos finais do século XVII.

---

<sup>300</sup> Arquivo Distrital de Setúbal, *Cartório Notarial de Setúbal*, L.º 55 do Tabelião António de Azevedo Cerejeira, cota 5040, 1682 – 1685, fls. 38 v.º a 40. Ver o documento n.º 3 do apêndice documental.

<sup>301</sup> Vítor Serrão, *História da Arte em Portugal. O Barroco*, volume IV, Lisboa, Editorial Presença, 2003, p. 104.

<sup>302</sup> Arquivo Distrital de Setúbal, Notariado de Setúbal, livro 68, caixa 5042. fls 146 e 147. Ver o documento n.º 6 do apêndice documental.

<sup>303</sup> Vítor Serrão, *História da Arte em Portugal. O Barroco*, volume IV, Lisboa, Editorial Presença, 2003, p. 104.

<sup>304</sup> Arquivo Distrital de Setúbal, *Cartório Notarial de Setúbal*, L.º 111 do tabelião António da Silveira Pato e Francisco Ribeiro, cota 5048, fls. 111 e 112. Ver o documento n.º 8 do apêndice documental.

<sup>305</sup> Livro de Despeza da Irmandade do Santíssimo Sacramento de São Julião 1715-1770. Citado por José Custódio Vieira da Silva, *Setúbal*, Lisboa, Editorial Presença, 1990, p. 74 e 90.

Do período do Barroco Final, também estiveram presentes mestres entalhadores de Lisboa, dos quais apenas se conhece José da Costa que executou para a igreja do antigo convento de Jesus o retábulo da capela-mor, conforme consta no contrato notarial celebrado em 1721<sup>306</sup>. Este retábulo, assim como os retábulos colaterais da mesma igreja, cujo paradeiro se desconhece, foi desmontado pela DGMN em 1936 e enviado para o Reformatório de São Fiel<sup>307</sup> – Freguesia de Louriçal do Campo, Castelo Branco – onde ainda hoje se encontra (Figs. 38 e 39).

São muitos os espécimes existentes em Setúbal do período Tardo-barroco, em consequência do terramoto de 1755 que devastou a maioria dos templos. Deste período, são de destacar as campanhas de obras da igreja matriz de São Julião e da igreja do antigo convento de São Sebastião, actual igreja matriz de São Sebastião.

Para esta época, apenas conhecemos os entalhadores José Antunes, provavelmente de Lisboa, e Domingos Ribeiro da Silva, de Lisboa.

José Antunes executou o retábulo da capela-mor da igreja matriz de São Julião, entre 1782-1783<sup>308</sup>.

A 4 de Março de 1785, a Irmandade das Almas da mesma igreja ajustava com o mestre entalhador Domingos Ribeiro da Silva a execução do retábulo das Almas, para a capela colateral do lado da Epístola, pela quantia de seiscentos e cinquenta mil réis<sup>309</sup>. Este mesmo artista foi, muito provavelmente, responsável pela execução dos retábulos laterais da mesma igreja. Estes apresentam igualmente muitas semelhanças com o

---

<sup>306</sup> Arquivo Distrital de Setúbal, Notariado de Setúbal, livro 122, caixa 5050. fls 123 -125 f. Inédito. Ver o documento n.º 12 do apêndice documental.

<sup>307</sup> José Pessoa, *Retábulo da Igreja de Jesus de Setúbal*, Setúbal, Câmara Municipal de Setúbal, 1989, p. 27.

<sup>308</sup> José Custódio Vieira da Silva, *Setúbal*, Lisboa, Editorial Presença, 1990, p. 73.

<sup>309</sup> *Idem, Ibidem*, p. 73.

programa retabulístico da capela da Bemposta de Sintra e da capela-mor da igreja matriz dos Santos Reis do Campo Grande.

Quanto à igreja do antigo convento de São Sebastião, é de destacar o retábulo da capela-mor, cujo autor, apesar de identidade desconhecida, é certamente de Lisboa.

Quanto a oficinas locais, vários documentos têm vindo a comprovar a existência de mestres entalhadores com oficina aberta em Setúbal. Devido à proximidade existente com Lisboa, e à regular assiduidade de entalhadores lisboetas a trabalhar em Setúbal, é de presumir que os mestres desta vila executassem trabalhos de qualidade e actualizados.

Em 1681, Francisco Landim, morador em Setúbal, executa seis caixilhos para a capela da Ordem Terceira de São Francisco<sup>310</sup>, sita na igreja de São Francisco. Em 1684, este mesmo artista, executa o retábulo da capela-mor da primitiva igreja matriz de São Sebastião<sup>311</sup>.

Em 1715, João da Fonseca, oficial carpinteiro, é contratado para refazer uma obra de entalhe para a capela de São Jorge da igreja matriz de São Julião, pelo preço de duzentos e quinze mil réis<sup>312</sup>.

Tanto as obras de Francisco Landim como de João da Fonseca não subsistiram até aos nossos dias, tornando impossível fazer análise e comparação formal com os espécimes existentes.

---

<sup>310</sup> Arquivo Distrital de Setúbal, *Cartório Notarial de Setúbal*, L.º 52 do Tabelião Pedro Rodrigues, cota 5039, 1681 – 1684, fls. 28 v.º e 29. Inédito. Ver o documento n.º 1 do apêndice documental.

<sup>311</sup> Arquivo Distrital de Setúbal, Notariado de Setúbal, livro 55, caixa 5040. fls 73 e74. Ver o documento n.º 4 do apêndice documental.

<sup>312</sup> Arquivo Distrital de Setúbal, Notariado de Setúbal, livro 106, caixa 5047. fls 161 e 162. Inédito. Ver o documento n.º 9 do apêndice documental.

Em 1719, Diogo Luís, celebra um contrato para realização do arco triunfal da capela-mor da igreja de Nossa Senhora da Saúde<sup>313</sup>, sendo provavelmente o autor dos retábulos colaterais e do retábulo da capela-mor da mesma igreja.

António da Fonseca, entalhador originário de Lisboa, estava radicado em Setúbal em 1742. Até à actualidade são desconhecidos trabalhos seus em Setúbal, sendo possível que tenha realizado muitas obras. O único documento alusivo à sua actividade, refere-se ao retábulo da capela-mor da igreja da Misericórdia de Santiago do Cacém, cuja obra transportou de barco até Sines<sup>314</sup>. Com o terramoto de 1755, esta igreja ficou gravemente destruída, sendo necessário a reconstrução da capela-mor, o que impossibilita uma análise formal e comparação com os retábulos existentes em Setúbal.

Após análise detalhada dos vários contratos notariais, realizados em Setúbal, foi possível apurar mais dois nomes, cujas profissões estão ligadas a esta modalidade artística, sendo provável que tenham executado alguma obra para esta vila.

O primeiro nome, António Ferreira, morador na cidade de Lisboa, surge no Contrato notarial celebrado a 5 de Julho de 1683, entre o entalhador José Antunes e as religiosas do convento de São João, relativo à feitura do retábulo da capela – mor da igreja do dito convento. Surge como *fiador, e principal pa[ga]dor e fiel depositário de juízo pelo dito mestre José Antunes, e que ele se obrigava a que o dito mestre daria a dita obra acabada dentro do dito tempo, na forma do perfil e risco (...)*<sup>315</sup>. Este seria, muito provavelmente o mestre da oficina onde José Antunes exercia funções, razão pela qual surge aqui mencionado como fiador.

---

<sup>313</sup> Arquivo Distrital de Setúbal, Notariado de Setúbal, livro 119, caixa 5049. fls 74 Vº e 75. Inédito. Ver o documento n.º 11 do apêndice documental.

<sup>314</sup> Informação retirada em [http://www.monumentos.pt/Monumentos/forms/002\\_B1.aspx](http://www.monumentos.pt/Monumentos/forms/002_B1.aspx), podendo também ser consultada na seguinte obra: José António Falcão, *Achega para o Estudo da Actividade do Entalhador António da Fonseca em Santiago do Cacém: A construção do retábulo-mor da Igreja da Misericórdia em 1742*, Santiago do Cacém, 1995.

<sup>315</sup> Arquivo Distrital de Setúbal, *Cartório Notarial de Setúbal*, L.º 55 do Tabelião António de Azevedo Cerejeira, cota 5040, 1682 – 1685, fls. 38 v.º a 40. Ver o documento n.º 3 do apêndice documental.

O nome de António Costa, carpinteiro e morador em Setúbal, surge como testemunha no contrato notarial celebrado a 29 de Novembro de 1681 entre a Ordem Terceira de São Francisco e o entalhador Francisco Alvares Landim, relativo à execução de seis caixilhos para uma capela da Igreja do Convento da Ordem Terceira de São Francisco<sup>316</sup>.

Tendo em conta o exposto, pode-se deduzir o seguinte:

- Em Setúbal existiam várias oficinas ou tendas de entalhadores que satisfaziam não só as necessidades locais como também das regiões limítrofes.
- Seriam entalhadores actualizados como é possível depreender pelo arco triunfal da ermida de Nossa Senhora da Saúde, executado pelo mestre Diogo Luís, e que provavelmente é também autor dos retábulos da capela-mor e capelas colaterais da mesma igreja. No entanto, dos vários nomes mencionados, apenas se conhece este exemplo, não sendo possível analisar e estabelecer comparações com outras obras.
- Apesar de tudo, e tendo mão-de-obra profissional, era uma vila subsidiária da grande cidade de Lisboa, existindo um grande número de encomendas a artistas da capital do Reino, não só no que diz respeito à arte da retabulística, como também obras de arquitectura, pintura, azulejaria, mobiliário (...);
- Desconhece-se trabalhos de mestres entalhadores de outros centros produtivos.

---

<sup>316</sup> Arquivo Distrital de Setúbal, *Cartório Notarial de Setúbal*, L.º 52 do Tabelião Pedro Rodrigues, cota 5039, 1681 – 1684, fls. 28 v.º e 29. Ver o documento n.º 1 do apêndice documental.



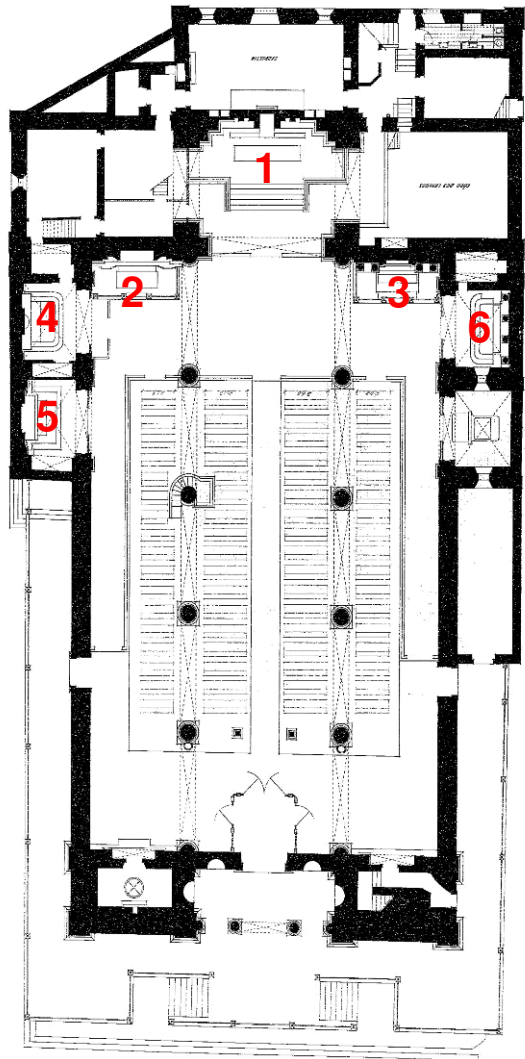
### **3. CATÁLOGO DOS RETÁBULOS RECENSEADOS**



### **3.1. FREGUESIA DE SANTA MARIA DA GRAÇA**

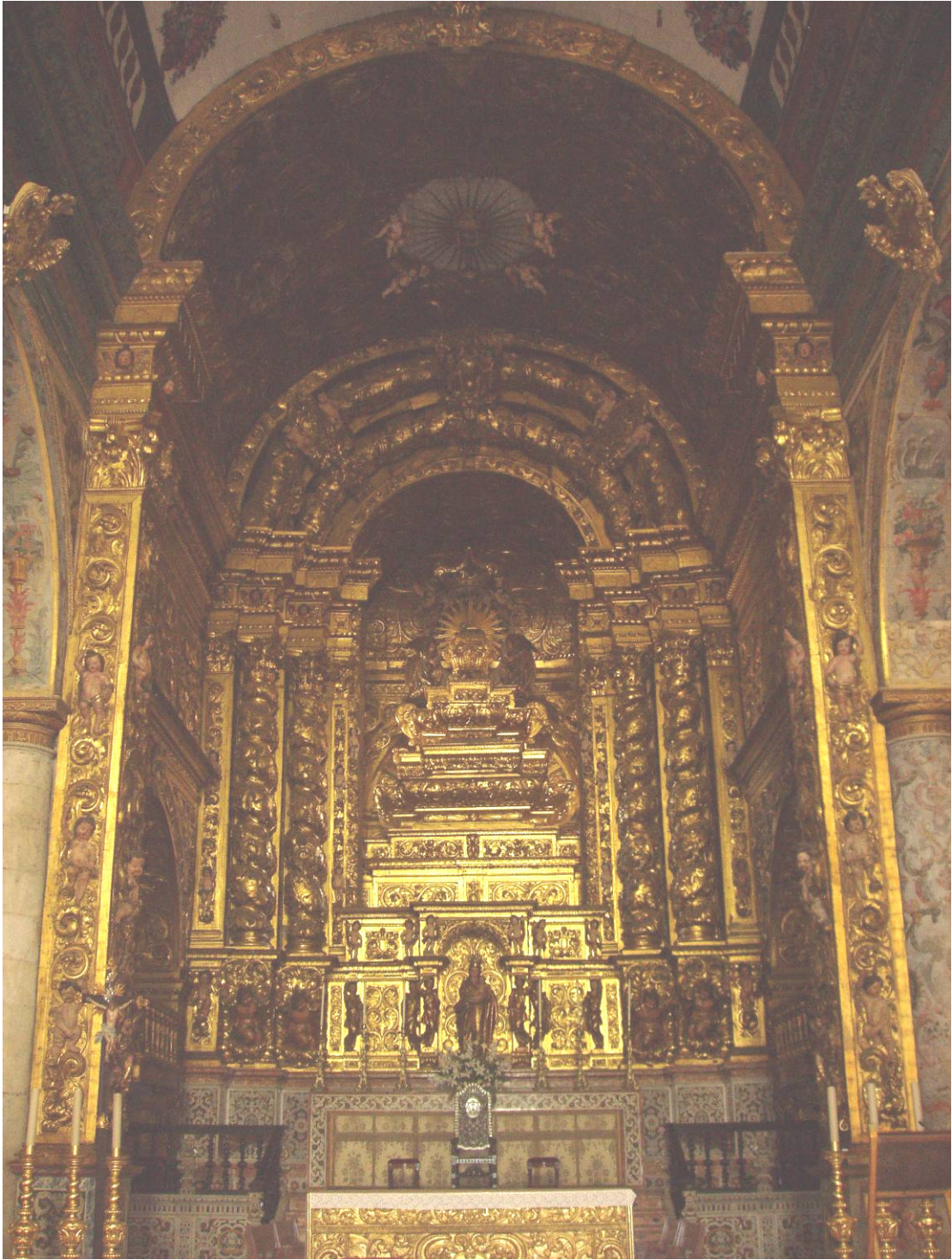


## Planta da Igreja de Santa Maria da Graça, actual Sé



### Legenda:

- 1 – Retábulo da capela – mor
- 2 – Retábulo do São Luís, Bispo
- 3 – Retábulo de Nossa Senhora do Bom Sucesso
- 4 – Retábulo revivalista
- 5 – Retábulo de Sant'ana
- 6 - Retábulo de Santo André



## **Igreja de Santa Maria da Graça, actual Sé Retábulo da capela – mor**

É ajustado em Setúbal no cartório do tabelião Francisco Ferreira Nabo, no dia 3 de Fevereiro de 1697, entre a Mesa da Irmandade do Santíssimo Sacramento e o mestre entalhador José Rodrigues Ramalho, pelo valor de dois contos e trezentos mil réis. Foi dourado em 1716 pelo mestre dourador Vicente Nunes, pela quantia de quinhentos e oitenta e nove mil, oitocentos e trinta réis.

Inserindo-se no barroco pleno, este exemplar eucarístico adopta uma tipologia muito frequente: a que tem corpo único e um só tramo.

De madeira de bordo entalhada e dourada, assenta num embasamento de pedraria com embutidos de várias cores. De planta em perspectiva côncava, compõe-se de duplo embasamento, corpo único, um só tramo e ático. O banco tem um nicho ao centro ocupado com uma imagem de vulto perfeito do orago e dois pares de meninos hercúleos que suportam colunas torsas com sete espiras, sendo o fuste totalmente revestido de uvas, parras e fénix. Ao centro sobressai um camarim preenchido com um monumental trono piramidal em degraus. O entablamento restringe-se às ordens arquitectónicas. O ático estrutura-se entre dois arcos plenos salomónicos com duas aduelas e uma cartela central.

A ornamentação em talha dourada prolonga-se pela cobertura da capela, sendo de destacar a grande custódia envolvida por anjos e cabeças de serafim, e pelas paredes laterais, onde surgem dois nichos que albergam arcos tumulares.

Encontra-se em bom estado de conservação, tendo sido alvo de restauro em 1955.

### **Bibliografia específica**

José Custódio Vieira da Silva, *Setúbal*, Lisboa, Presença, 1990, p. 66, 67, 73.

Sílvia Ferreira e Maria João Pereira Coutinho, “José Rodrigues Ramalho (c. 1660-1721): Um artista do Barroco Lusófono na Casa Professa de S. Roque” in Revista *Brotéria*, Lisboa, 2004, p. 167, 174, 191.

Vítor Serrão, “Uma Obra-Prima do Estilo Nacional: O Retábulo da Igreja de Santa Maria da Graça de Setúbal (1697-1700)”, in *Boletim Cultural da Póvoa de Varzim XXVI*, n.º 2, 1989.

IDEM, *História da Arte em Portugal. O Barroco*, Lisboa, Presença, 2003, p 104.



## **Igreja de Santa Maria da Graça, actual Sé Retábulo do São Luís, Bispo**

Localiza-se numa capela da cabeceira, no lado do Evangelho. Foi mandado executar entre os finais do século XVII e os inícios do século XVIII, desconhecendo-se a identidade do mestre entalhador.

Exemplar do barroco pleno, devocional a dois temas que se insere numa tipologia muito frequente: a de corpo único e três tramos, apesar dos tramos laterais não apresentarem nichos. De referir ainda como especificidade o facto de o tramo central se encontrar estruturado em dois registos sobrepostos e a solução pouco usual do remate.

De madeira entalhada, dourada e branca, tem planta em perspectiva côncava, comendo-se de embasamento, corpo único, três tramos e ático. O banco apresenta um nicho com uma imagem de vulto perfeito e dois pares de mísulas que suportam colunas torsas com sete espiras, totalmente ornamentadas com cachos de uvas, parras e fénix. Ao centro, dentro de um emolduramento de conjuntura artística diferente (século XIX / XX) sobressai a imagem de vulto perfeito de São Luís, Bispo. O entablamento restringe-se aos tramos laterais. O ático é composto por dois arcos plenos salomónicos, divididos por cinco aduelas.

Encontra-se em razoável estado de conservação.



## **Igreja de Santa Maria da Graça, actual Sé Retábulo de Nossa Senhora do Bom Sucesso**

Localiza-se na capela da cabeceira do lado da Epístola. É encomendado, muito provavelmente, no último quartel do século XVII pela confraria de Nossa Senhora do Bom Sucesso a um mestre entalhador de identidade desconhecida, inserindo-se no período do barroco pleno.

Exemplar devocional a vários temas que adopta uma tipologia pouco usual: a que tem dois corpos e três tramos. Apresenta como especificidades: a solução pouco usual do tramo central do segundo corpo.

De madeira entalhada e dourada, apresenta planta plana e compõe-se de embasamento com duplo registo, dois corpos, três tramos e ático. No tramo central do primeiro corpo há um nicho emoldurado, ladeado por um par de pilastras, cujo centro é ocupado por uma imagem de vulto perfeito de Santo André. Nos tramos laterais, entre intercolúnios, existem duas imagens, aí colocadas recentemente, de vulto perfeito. No segundo corpo sobressai ao centro um painel, ladeado por um par de pilastras, desconhecendo-se a sua utilidade. Nos tramos laterais, entre os intercolúnios, estão duas imagens de vulto perfeito. O entablamento é contínuo. O ático, delimitado por um arco pleno, compõe-se de dois arcos salomónicos e em cujo centro se ostenta uma cartela.

Encontra-se em razoável estado de conservação.



## **Igreja de Santa Maria da Graça, actual Sé Retábulo de Sant'ana**

Localiza-se numa capela lateral do lado do Evangelho. É bem provável que tenha sido encomendado por ocasião da instituição da capela, em 1695, por Luís Cabedo. Desconhece-se a identidade do mestre entalhador.

Exemplar do barroco pleno, devocional a um só tema, integrando-se numa tipologia muito frequente: e que tem corpo único e um só tramo.

Assenta sobre um embasamento de pedraria, sendo o retábulo de madeira entalhada e dourada. De planta em perspectiva côncava, compõe-se de banco, corpo único, um só tramo e ático. O banco tem três pares de pedestais e dois pares de mísulas que suportam respectivamente as pilastras e as colunas de fuste espiralado com sete espiras, revestidas de uvas, parras e fénix. Ao centro um monumental nicho interrompe o entablamento e é ocupado por uma tela pintada alusiva ao orago. O ático é composto por várias arquivoltas e arcos salomónicos plenos, cortados transversalmente por quatro aduelas, sobressaindo ao centro uma cartela.

Encontra-se em razoável estado de conservação.

### **Bibliografia específica**

José Custódio Vieira da Silva, *Setúbal*, Lisboa, Presença, 1990, p. 66.



## **Igreja de Santa Maria da Graça, actual Sé Retábulo de Santo André**

Localiza-se numa capela lateral do lado da Epístola. Conforme nos atesta a inscrição lapidar localizada na parede lateral, esta capela foi executada às custas dos armadores e mareantes desta vila. A sua construção remonta ao ano de 1614, desconhece-se contudo, a identidade do autor do risco e do entalhe, embora se possa atribuir a uma oficina de Lisboa.

Inserindo-se nos Prenúncios do Triunfalismo Católico, este exemplar é devocional a um só tema e integra-se numa tipologia muito frequente: a de corpo único e três tramos, apesar de não apresentar nichos ou pedestais nos tramos laterais.

Retábulo de madeira entalhada e pintada, apresenta planta plana e compõe-se de embasamento com duplo registo, corpo único, três tramos e ático. O sotobanco é composto por uma mesa de altar, aí colocada posteriormente. O banco tem dois pares de pedestais que suportam colunas com brutescos no primeiro terço inferior e caneluras no resto do fuste. Ao centro surge um nicho que se destinava à exposição do orago. Nos intercolúnios estão expostas imagens recentes de vulto perfeito. O entablamento é contínuo e sobre o qual surge o ático de composição tripartida: ao centro um painel rectangular ladeado por pilastras e rematado por um frontão triangular interrompido e nas ilhargas alguns elementos vegetalistas.

É ainda de referir os diversos ornatos vegetalistas que invadem todo o espaço, pintados sobre a madeira, que remontam muito possivelmente à segunda metade do século XVII.

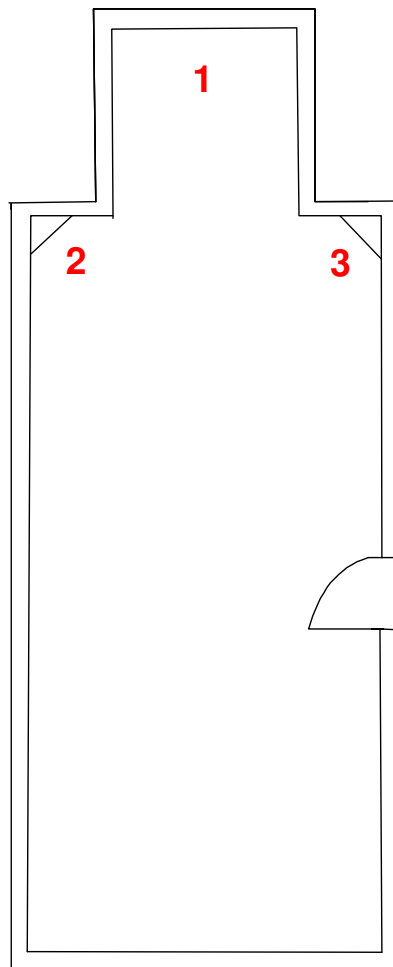
Encontra-se em razoável estado de conservação.

### **Bibliografia específica**

José Custódio Vieira da Silva, *Setúbal*, Lisboa, Presença, 1990, p. 66.



## Planta esquemática da igreja do antigo convento de São João



### Legenda:

- 1 – Retábulo da capela – mor
- 2 – 3 – Retábulos revivalistas



## **Igreja do antigo convento de São João Retábulo da capela-mor**

Foi encomendado pelas religiosas deste convento no terceiro quartel do século XVIII a um mestre entalhador de identidade desconhecida.

Exemplar rococó, eucarístico que se insere numa tipologia muito frequente: corpo único e três tramos, com a especificidade das mísulas se encontrarem no banco.

De madeira entalhada e dourada, assenta num embasamento de pedraria. Tem planta plana e compõe-se de banco, corpo único, três tramos e ático. O banco tem um sacrário ao centro e seis mísulas, duas que se destinavam à exposição de imagens de vulto perfeito e quatro que suportam pilares estípites. O tramo central é ocupado por uma monumental tribuna preenchida por uma tela. Nos tramos laterais existem duas imagens de vulto perfeito encimadas por dosséis.

O entablamento restringe-se aos tramos laterais. O ático é preenchido por diversos enrolamentos vegetalistas e formas auriculares, destacando-se ao centro uma cartela, rematada por uma coroa, com as insígnias da ordem religiosa de São João.

A complementaridade das artes está presente através dos painéis de azulejo das paredes laterais e pinturas da abóbada do tecto.

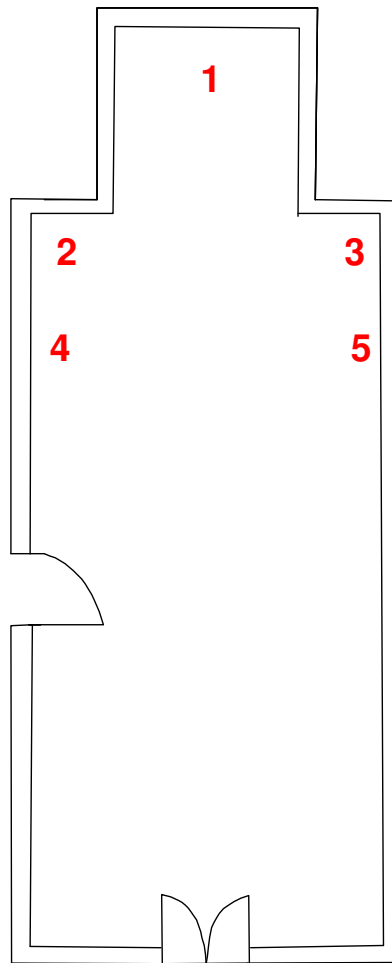
Encontra-se em razoável estado de conservação.

### **Bibliografia específica**

João Carlos de Almeida Carvalho, *Acontecimentos, Lendas e Tradições da Região de Setúbal – Conventos de Setúbal*, vol. IV, Setúbal, Junta Distrital de Setúbal, 1972, p. 75.



## Planta esquemática da Ermida de Santo António



### Legenda:

- 1 – Retábulo da capela - mor
- 2 – Retábulo colateral
- 3 – Retábulo colateral
- 4 – Retábulo lateral
- 5 – Retábulo lateral



## **Ermida de Santo António**

### **Retábulo da capela-mor**

Foi encomendado pela confraria de Santo António em meados do século XVIII, desconhecendo o autor do risco e do entalhe.

Exemplar do barroco final, devocional, que se insere numa tipologia muito frequente: a que tem corpo único e três tramos.

De madeira entalhada e dourada, tem planta em perspectiva côncava e compõe-se de embasamento, um corpo, três tramos e ático. O banco, cujo centro era ocupado por uma imagem de vulto perfeito de menores dimensões, tem um par de mísulas com meninos hercúleos que suportam colunas berninianas e um par de pedestais que suportam quartelões. No tramo central há uma tribuna, que interrompe o entablamento, que se encontra actualmente tapada com uma cortina, mas cujo interior era provavelmente preenchido por um trono piramidal em degraus, destinado à exposição do orago. Nos tramos laterais há dois nichos, recentemente envidraçados, onde se expõem imagens de vulto perfeito, anteriormente rematadas por dosséis. O ático tem ao centro uma cartela de raios, ladeada por segmentos de frontão e dois anjos esvoaçantes em alto-relevo.

As paredes laterais da capela-mor encontram-se revestidas de azulejos de padrão do século XVII.

Encontra-se em mau estado de conservação, faltando elementos de talha, nomeadamente os dosséis dos tramos laterais, dos quais ainda restam alguns vestígios.



## **Ermida de Santo António**

### **Retábulo colateral**

Localiza-se na capela colateral do lado do Evangelho. Foi encomendado em meados do século XVIII pela confraria responsável a um profissional de identidade desconhecida.

Exemplar do barroco final, devocional a dois temas, que se insere numa tipologia muito frequente: a de corpo único e um só tramo. Apresenta como especificidade um banco com a uma verticalidade excessiva para as dimensões do retábulo.

De madeira entalhada, dourada e pintada, é gémeo do retábulo colateral do lado da Epístola (Fig. 29). Apresenta contudo algumas diferenças: tem uma mísula e cortina no nicho do tramo central. De planta plana compõe-se de embasamento, um corpo, um só tramo e ático. O banco tem ao centro um nicho, destinado à exposição de uma imagem de vulto perfeito, e um par de pedestais que suportam pilares compósitos. Ao centro há um nicho revestido de cortinas que se destina à exposição do orago, encimado por um dossel. O entablamento restringe-se aos elementos arquitectónicos e o ático é composto por um dossel, com uma cartela ao centro, e por um par de pináculos.

Estão em mau estado de conservação. Há alguns anos atrás foram alvo de uma intervenção inadequada, tendo sido pintados com uma cor anacrónica.



## **Ermida de Santo António**

### **Retábulo lateral**

Localiza-se numa capela lateral do lado do Evangelho. Foi encomendado pela confraria responsável nos inícios do século XVIII. Apesar de se desconhecer a identidade do profissional que o executou, pode-se dizer que era limitado a nível de recursos artísticos.

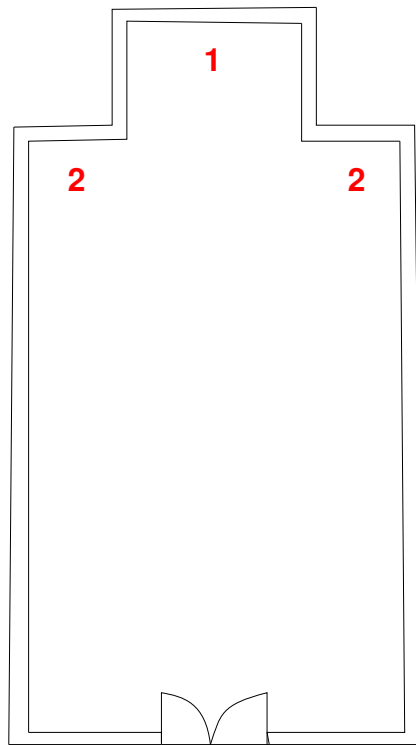
Exemplar devocional a um tema que se insere numa tipologia muito frequente: a de retábulos com *arco*. Como especificidade, destaca-se o facto do *arco* não apresentar pedestais.

De madeira entalhada, dourada e pintada, o retábulo propriamente dito tem uma composição bastante idêntica ao retábulo fronteiro (Fig. 30). Apresenta, no entanto, algumas diferenças: contém mais um elemento arquitectónico – as pilastras. De planta em perspectiva côncava, compõe-se de embasamento, corpo único, um só tramo e ático. O banco tem uma cartela ao centro com as insígnias do orago, um par de pedestais e um par de mísulas que suportam respectivamente pilastras e colunas de fuste espiralado com seis espiras. Ao centro sobressai uma tribuna que interrompe o entablamento, onde se encontrava exposta uma imagem de vulto perfeito ou uma tela pintada. O ático é composto por uma arquivolta plena e um arco salomónico, com uma cartela na parte central. O arco é composto por um par de pilastras e uma arquivolta plena, cujo centro ostentava uma cartela, actualmente inexistente.

Encontra-se em mau estado de conservação. Foi alvo de uma intervenção inadequada, na qual pintaram o retábulo com uma cor anacrónica.



## Planta esquemática da Ermida do Senhor do Bonfim



### Legenda:

- 1 – Retábulo da capela-mor
- 2 – Arco triunfal Retabular



## **Ermida do Senhor do Bonfim**

### **Retábulo da Capela-mor**

Foi mandado executar no último quartel do século XVII pelos responsáveis da Confraria que administrava este templo. Desconhece-se o autor do *risco* e do entalhe, podendo no entanto ser atribuído a José Rodrigues Ramalho, autor de vários exemplares, entre finais do século XVII e inícios do século XVIII, nesta vila.

Exemplar do barroco pleno, de funções eucarísticas, que se insere na tipologia mais frequente: a de corpo único e um só tramo.

De madeira entalhada e dourada, assenta num embasamento de pedraria com embutidos policromos. Tem planta em perspectiva côncava e compõe-se de embasamento com duplo registo, corpo único, três tramos e ático. No banco há ao centro um sacrário, aí colocado recentemente, e quatro meninos hercúleos que suportam colunas torsas com sete espiras, sendo o fuste revestido de fénix, uvas e parras. Ao centro sobressai uma tribuna que interrompe o entablamento, cujo centro é preenchido por um trono piramidal em degraus, onde se encontra exposto o Senhor Crucificado. O ático é composto por duas arquivoltas e dois arcos salomónicos, plenos, divididos por seis aduelas e uma cartela ao centro.

É de destacar o total revestimento da capela em talha dourada, com painéis azulejares da primeira metade do século XVIII e uma pintura em perspectiva arquitectónica da abóbada de berço da cobertura da capela.

Encontra-se em bom estado de conservação, tendo sido restaurado em 2007.



## **Ermida do Senhor do Bonfim**

### **Arco triunfal retabular**

É mandado fazer pela confraria responsável e tem duas campanhas de obras: uma do último quartel do século XVII e outra do terceiro quartel do século XVIII. Desconhece-se contudo a identidade do profissional que o executou, sendo possível que a primeira campanha de obras seja da autoria do responsável pela capela-mor.

O conjunto insere-se numa tipologia pouco frequente: a dos arcos triunfais retabulares.

Os retábulos propriamente ditos são do barroco pleno, devocionais a um tema, e inserem-se na tipologia mais frequente: a de corpo único e um só tramo.

De madeira entalhada e dourada, têm planta plana e compõem-se de banco, corpo único, um só tramo e ático. Na parte central do banco sobressai uma cartela ladeada de dois anjos e dois meninos hercúleos que suportam colunas torsas com sete espiras, totalmente revestidas de fénix, parras e uvas. Ao centro há um nicho preenchido com a imagem de vulto perfeito do orago. Sobre o entablamento contínuo, desenvolve-se o ático, composto por um arco pleno salomónico e rematado por um segmento recto.

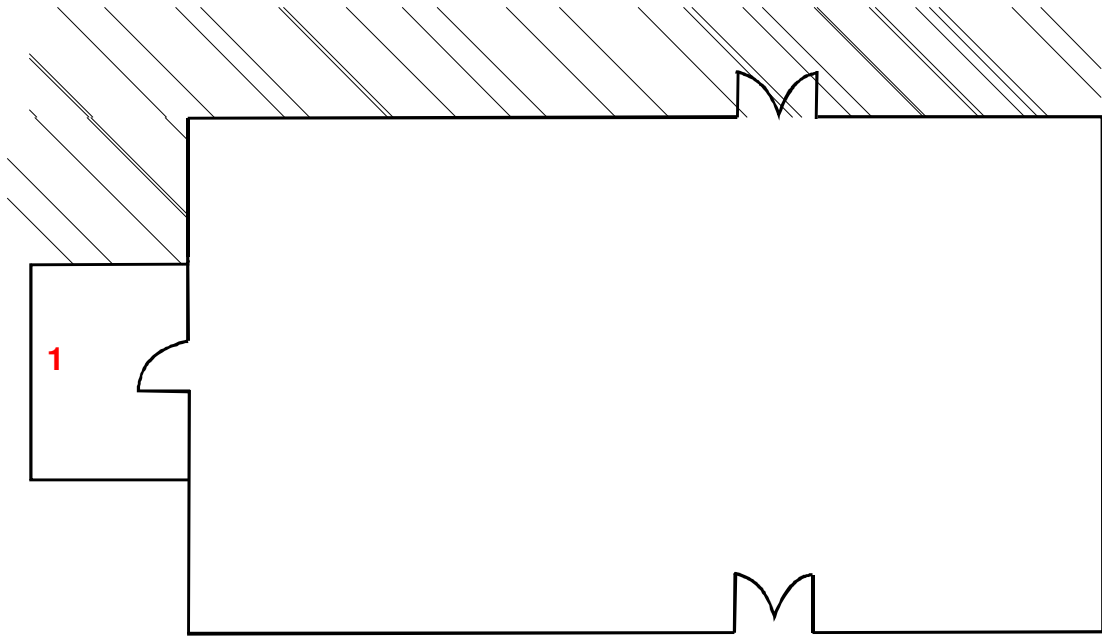
O arco triunfal interliga os retábulos colaterais e compõe-se de um par de pedestais, um par de pilastras e uma arquivolta plena. Numa segunda campanha de obras, durante o terceiro quartel do século XVIII – do período rococó, foi colocado um frontão mistilíneo com sanefas sobre todo o conjunto. Nas partes laterais, e a encimar cada um dos retábulos laterais, foi ainda colocada uma pintura sobre tela emoldurada.

É de destacar a complementaridade das artes, proporcionada pelas diversas pinturas que revestem o frontispício do arco triunfal e que se prolongam pelo tecto da nave da ermida, diversos painéis de azulejos barrocos e pinturas sobre tela que revestem as paredes laterais da nave da igreja.

Todo o conjunto encontra-se em bom estado de conservação, tendo sido alvo de restauro em 2007.



## Planta esquemática da Casa do Corpo Santo



### Legenda:

1 – Retábulo da Capela da Casa do Corpo Santo



## **Capela da Casa do Corpo Santo**

### **Retábulo Principal**

Foi mandado construir no primeiro quartel do século XVIII, mais precisamente após 1714, altura em que foi construída a capela no antigo palácio dos Cabedos pela Confraria do Corpo Santo. Desconhece-se a identidade do autor do *risco* e do entalhe. Em 1753, esta mesma Confraria encomenda a José Dias Pimentel, morador nesta vila, o douramento da capela.

Exemplar relicário e devocional, do barroco final, que adopta uma tipologia muito frequente: a de corpo único e três tramos.

De madeira entalhada e dourada, apresenta planta em perspectiva côncava. Compõe-se de embasamento com duplo registo, corpo único, três tramos e ático. Apresenta uma composição tetrástila, surgindo no banco meninos hercúleos que suportam dois pares de colunas com sete espiras, ornamentadas com meninos e flores. A parte central do banco possui ainda um nicho envidraçado muito pequeno, ocupado no seu interior por uma imagem de vulto perfeito, ladeada por anjos esvoaçantes e rematada por serafins. O tramo central tem a imagem de Cristo Crucificado sobre um pedestal, encimada por um dossel, e a imagem de vulto perfeito de Nossa Senhora com o Menino. Nos intercolúneos encontram-se vários nichos que se destinam à exposição de relicários. O entablamento restringe-se aos tramos laterais, sendo o ático circunscrito entre dois arcos plenos, sobressaindo ao centro uma cartela, ladeada por anjos. Nas ilhargas, sobre os segmentos de frontões curvos, surgem dois anjos em alto-relevo.

A talha prolonga-se pelo tecto e pelas paredes laterais da capela, onde também existem diversos nichos envidraçados que guardam relicários (Figs. 31 e 32).

Está em bom estado de conservação.

### **Bibliografia específica**

Arquivo Distrital de Setúbal, Notariado de Setúbal, livro 182, Flh. 2 e 3. Inédito.

José Custódio Vieira da Silva, *Setúbal*, Lisboa, Presença, 1990, p. 74-82.

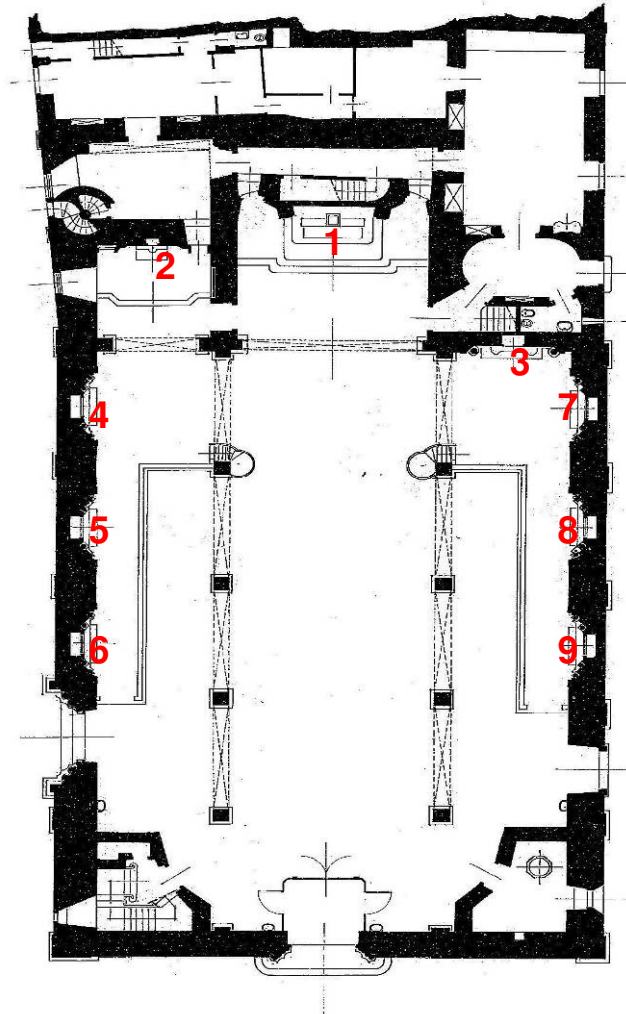
Ana Duarte e Fernando António Baptista Pereira (coord.), *Visões do Corpo*, Setúbal, Câmara Municipal de Setúbal, s.n., 2002.



## **3.2. FREGUESIA DE SÃO JULIÃO**



## Planta da igreja Matriz de São Julião



### Legenda:

- 1 – Retábulo da Capela-mor
- 2 – Retábulo do Santíssimo Sacramento
- 3 – Retábulo das Almas
- 4 a 9 - Retábulos laterais



## **Igreja Matriz de São Julião Retábulo da Capela – mor**

É encomendado pela Comissão Fabriqueira a José Antunes, que o realiza entre 1782 e 1783, tendo os custos da obra sido suportados pelos duques de Aveiro.

Exemplar eucarístico tardo-barroco, que se insere numa tipologia muito frequente: corpo único e três tramos.

É de madeira entalhada, dourada e pintada a fingir pedraria. Apresenta uma planta em perspectiva convexa e compõe-se de embasamento, corpo único, três tramos e ático. No embasamento para além das duas portas que dão acesso à parte detrás do retábulo, há dois pares de pedestais e colunas de fuste canelado, ornamentadas com grinaldas de flores no primeiro terço inferior. Ao centro há uma tela pintada, alusiva à ascensão da Virgem, cuja autoria é atribuída a Pedro Alexandrino de Carvalho e nos tramos laterais, assentes sobre mísulas, há duas imagens de vulto perfeito. O ático estrutura-se entre duas arquivoltas plenas. Ao centro há uma cartela, sobressaindo nas ilhargas duas virtudes em alto-relevo, assentes em segmentos de frontões curvos.

A complementaridade das artes está presente nos ornatos de estuque na cobertura e nas paredes laterais.

Encontra-se em bom estado de conservação.

### **Bibliografia específica**

José Custódio Vieira da Silva, *Setúbal*, Lisboa, Presença, 1990, p. 73.

Inácio de Vilhena Barbosa, *Monumentos de Portugal – históricos, artísticos e archeológicos*, Lisboa, Editores Castro Irmão, 1888, p. 498.

Manuel Maria Portela, *Noticia dos Monumentos Nacionaes e Edifícios e Logares Notáveis do Concelho de Setúbal*, Lisboa, typographia de Matos Moreira e Cardoso, 1882, p.6.



## **Igreja Matriz de São Julião**

### **Retábulo do Santíssimo Sacramento**

Localiza-se numa capela cabeceira, no lado do Evangelho. Foi mandado executar, muito provavelmente, no último quartel do século XVIII pela Confraria do Santíssimo Sacramento. Apesar de se desconhecer a identidade do mestre entalhador, terá sido realizado por um artista de Lisboa.

Exemplar tardo-barroco, devocional a um só tema. Insere-se na tipologia mais frequente: a de corpo único e um só tramo.

De madeira entalhada, dourada e pintada de modo a fingir pedraria, apresenta planta mistilínea e compõe-se de embasamento, corpo único, um só tramo e ático. O embasamento ostenta ao centro o sacrário, que pertencia provavelmente ao retábulo que aqui existia anteriormente. O corpo tem um par de pilastras e dois pares de colunas, de fuste canelado e o primeiro terço inferior diferenciado, sobressaindo ao centro uma tela pintada alusiva à “Última Ceia”. O entablamento restringe-se às ordens arquitectónicas. O ático é dinâmico e apresenta uma cartela ao centro, ladeada por dois anjos em alto-relevo, assentes em segmentos de frontões.

Encontra-se em bom estado de conservação.

#### **Bibliografia específica**

Alberto Pimentel, *Memória sobre a História e Administração do Município de Setúbal*, Lisboa, typografia de G. A. Gutierres da Silva, 1877, p. 184.

José Custódio Vieira da Silva, *Setúbal*, Lisboa, Presença, 1990, p. 72.



## **Igreja Matriz de São Julião**

### **Retábulo das Almas**

Localiza-se na capela colateral do lado da Epístola. É ajustado a 4 de Março de 1785 entre a Irmandade das Almas e o mestre entalhador Domingos Ribeiro da Silva, natural de Lisboa, pelo preço de seiscentos e cinquenta mil réis.

Exemplar tardo-barroco, devocional a um só tema, inserindo-se numa tipologia muito frequente: a de corpo único e três tramos. Como especificidade evidencia-se a existência de dois nichos sobrepostos no tramo central.

De madeira de pinho da Flandres, entalhada, dourada e pintada a fingir pedraria, apresenta planta mistilínea e compõe-se de embasamento de duplo registo, corpo único, três tramos e ático. No banco há dois pares de pedestais que suportam colunas de fuste canelado. No tramo central surgem dois nichos sobrepostos: um com a imagem de vulto perfeito de Nossa Senhora das Dores e outro com a imagem de vulto perfeito de Cristo Crucificado. Nos tramos laterais há duas imagens de vulto perfeito, provenientes de outro retábulo, assentes em mísulas e rematadas por um dossel. O entablamento restringe-se aos tramos laterais. O ático ostenta ao centro uma cartela envolta de diversos ornatos e ladeada por dois anjos, assentes em segmentos de frontões.

Encontra-se em bom estado de conservação.

#### **Bibliografia específica**

José Custódio Vieira da Silva, Lisboa, *Setúbal*, Presença, 1990, p. 73.



## **Igreja Matriz de São Julião Retábulo de Nossa Senhora**

Localiza-se numa capela lateral do lado do Evangelho. Foi encomendado no último quartel do século XVIII, durante a campanha de obras, motivada pelo terramoto de 1755. Desconhece-se a identidade do autor desta obra, sendo contudo possível atribuir a Domingos Ribeiro da Silva, pois apresenta grandes afinidades com o retábulo das Almas desta mesma igreja.

Exemplar tardo-barroco, devocional a três temas, inserindo-se numa tipologia muito frequente: a de corpo único e três tramos.

De madeira entalhada, dourada e pintada a fingir pedraria, apresenta planta mistilínea e compõe-se de embasamento, corpo único, três tramos e ático. No corpo há dois pares de colunas de fuste canelado e dois pares de pilastras. No tramo central tem um nicho que se destina à imagem do orago. Nos tramos laterais há mísulas que se destinavam à exposição de imagens de vulto perfeito. O entablamento restringe-se aos tramos laterais e o ático, que se estrutura entre dois arcos, apresenta ao centro uma cartela com o anagrama de Maria.

Encontra-se em bom estado de conservação.

\*\*\*\*

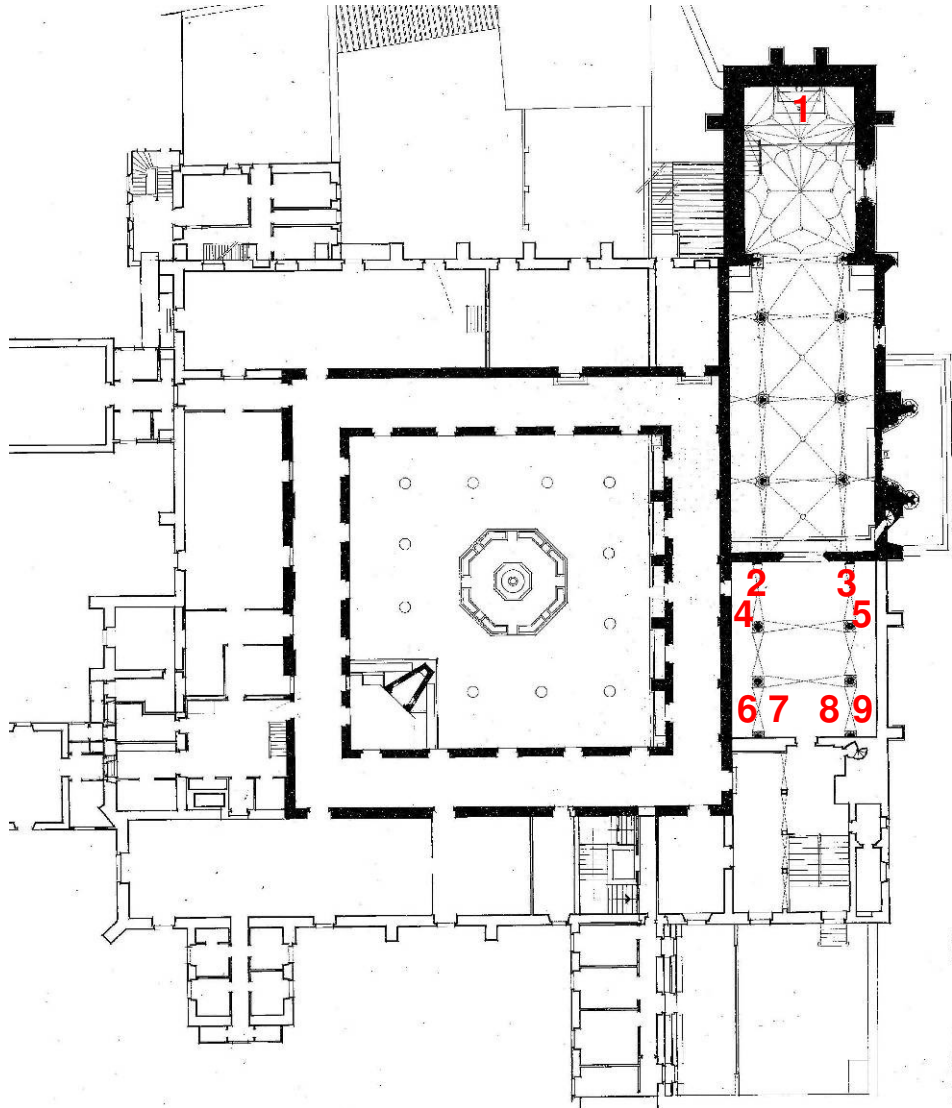
Existem nesta mesma igreja mais cinco retábulos laterais iguais a este (Figs. 33 a 37), dois no lado do Evangelho e outros três no lado da Epístola. São de destacar dois que se encontram no lado da Epístola, pelas pequenas diferenças que apresentam em relação a este. Um, ostenta uma cartela que revela o patrocínio régio, e o outro, onde actualmente se encontra a imagem de Santo António, apresenta uma maior diversidade de elementos *rocaille* e as mísulas dos tramos laterais surgem mais centralizadas.

### **Bibliografia específica**

José Custódio Vieira da Silva, *Setúbal*, Lisboa, Presença, 1990, p. 72.

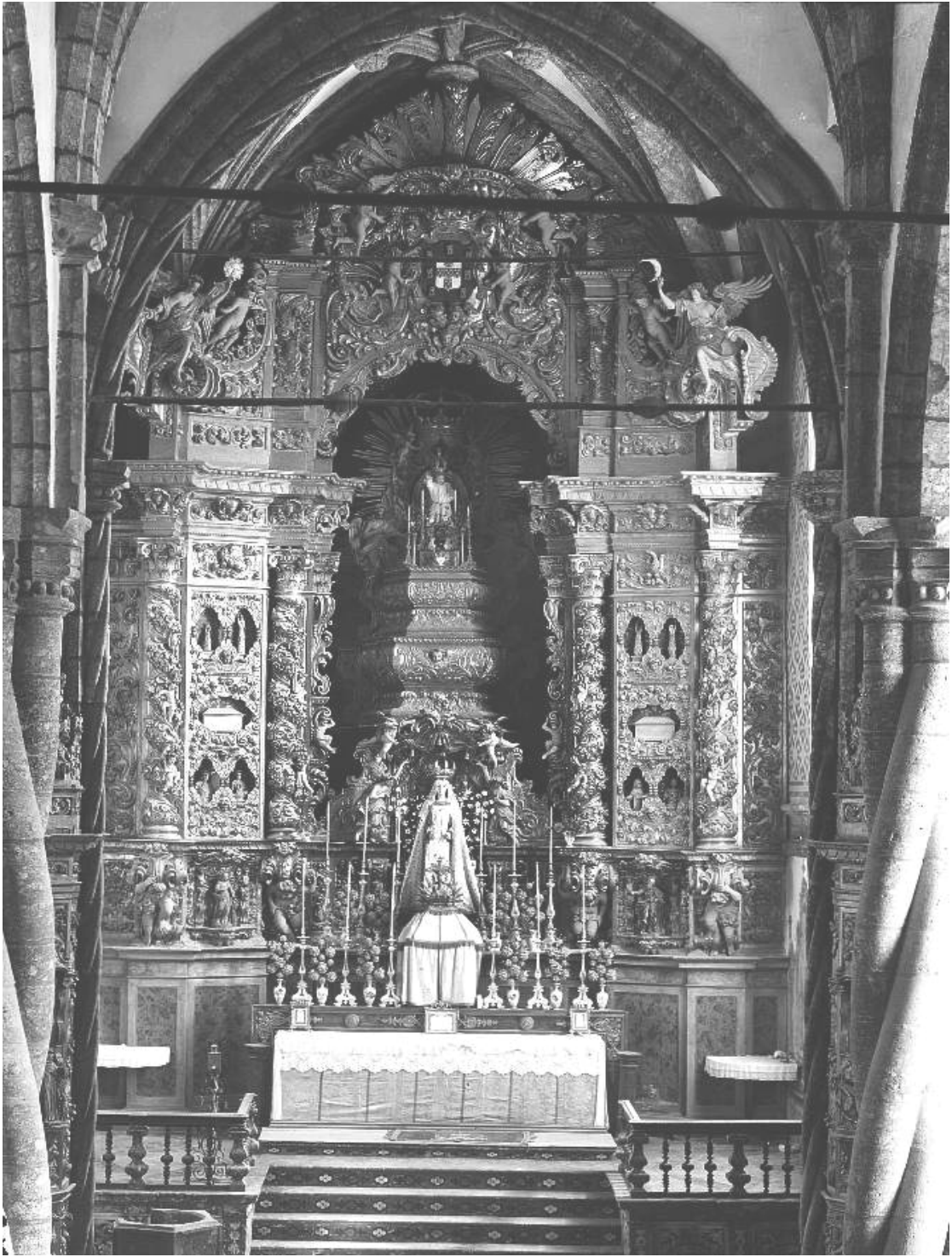


## Planta do antigo Convento de Jesus



### Legenda:

- 1 – Retábulo da capela - mor
- 2 – Retábulo relicário do coro alto
- 3 – Retábulo relicário do coro alto
- 4 – Retábulo de Nossa Senhora da Purificação do coro alto
- 5 – Retábulo de Nossa Senhora da Conceição do coro alto
- 6 a 9 – Retábulos do coro alto.



## **Igreja do antigo Convento de Jesus Retábulo da Capela-mor**

Exemplar retirado pela antiga Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, por volta de 1935, e colocado na igreja do Reformatório de São Fiel (freguesia de Louriçal do Campo - Concelho de Castelo Branco) onde ainda hoje se encontra (Figs. 38 e 39).

O ajuste do retábulo é celebrado no dia 13 de Julho de 1721 entre as religiosas deste convento e o mestre entalhador José da Costa, com oficina aberta em Lisboa. Neste mesmo ano, a 15 de Julho, as religiosas deste convento ajustam com o mestre pedreiro Luís dos Santos, também morador da cidade de Lisboa, a obra de pedraria da capela-mor, nomeadamente o embasamento onde iria assentar o retábulo. Foi dourado em 1731, por mestre dourador de identidade desconhecida.

Exemplar do barroco final de múltiplas funções (eucarístico, devocional e relicário) que adopta uma tipologia muito frequente: a de corpo único e três tramos.

De madeira de bordo entalhada e dourada, assenta num embasamento de pedraria policroma. Tem planta em perspectiva côncava e compõe-se de banco, um corpo, três tramos e ático. O banco tem quatro mísulas com meninos hercúleos que suportam colunas de fuste espiralado, ornamentadas com meninos, uvas e parras. Apresenta ainda dois pequenos nichos, preenchidos com imagens de vulto perfeito, e um nicho na parte central que se prolonga pelo corpo. O tramo central é ocupado por uma tribuna que interrompe o entablamento, sendo preenchida por um trono piramidal, destinado à exposição do Santíssimo Sacramento. Nos intercolúneos há diversos nichos, destinados à exposição de relíquias. O ático tem uma composição tripartida. Ao centro apresenta-se uma cartela com o escudo real, ladeada por diversos meninos. Nas partes laterais há anjos esvoaçantes, assentes em enrolamentos vegetalistas, que seguram um sol e uma lua.

Encontra-se em razoável estado de conservação.

**Bibliografia específica**

Arquivo Distrital de Setúbal, Notariado de Setúbal – Notas do tabelião Francisco Ribeiro Pereira, livro 122, caixa 5050. fls 123 -125 f. Inédito.

Arquivo Distrital de Setúbal, Notariado de Setúbal – Notas do tabelião Pedro Rodrigues de Faria, livro 124, caixa 5050. fls 49-51. Inédito.

João Carlos de Almeida Carvalho, *Acontecimentos, Lendas e Tradições da Região de Setúbal – convento de Jesus*, vol. III, Setúbal, Junta Distrital de Setúbal, 1972, p. 45-49.

José Pessoa, *Retábulo da Igreja de Jesus de Setúbal*, Setúbal, Câmara Municipal de Setúbal, 1989, p. 27.





## **Antigo Convento de Jesus**

### **Retábulo relicário**

Localiza-se na parede testeira do coro alto, junto à grade, no lado do Evangelho. Foi encomendado pela Soror Luísa Isabel de Santa Rosa e executado entre 1760 e 1764, segundo a estrutura do anterior retábulo, mandado executar em 1603 pela Abadessa Eufrásia de Santa Catarina, e que fora destruído pelo terramoto de 1755. Desconhece-se o autor do *risco* e entalhe.

Inserindo-se no período rococó, este exemplar assume funções de retábulo relicário e adopta uma tipologia pouco frequente: de três corpos e cinco tramos.

De madeira entalhada, dourada e pintada a fingir pedraria, apresenta uma composição bastante idêntica ao retábulo do lado da Epístola.

No embasamento encontra-se a mesa do altar. Ao centro, ocupando os três corpos, encontra-se um nicho que se destinava à exposição de uma imagem de vulto perfeito. Os tramos laterais, de cada corpo, são preenchidos por nichos ladeados por pilares estipites que se destinavam à exposição de imagens e relíquias (Fig. 40). O entablamento restringe-se às ordens arquitectónicas. O ático é composto por diversos enrolamentos vegetalistas, destacando-se ao centro uma cartela.

Encontra-se em mau estado de conservação.

#### **Bibliografia específica**

João Carlos de Almeida Carvalho, *Acontecimentos, Lendas e Tradições da Região de Setúbal – convento de Jesus*, vol. III, Setúbal, Junta Distrital de Setúbal, 1972, p. 60-61.



## **Antigo Convento de Jesus**

### **Retábulo relicário**

Localiza-se na parede testeira do coro alto, junto à grade, no lado da Epístola. Insere-se no período rococó e foi executado entre 1760 e 1764, por encomenda de Soror Luísa Isabel de Santa Rosa. Adoptou a estrutura do anterior retábulo, realizado por volta de 1603 e encomendado pela Abadessa Eufrásia de Santa Catarina, e que fora destruído pelo terramoto de 1755. Desconhece-se o autor do *risco* e entalhe.

Exemplar relicário que adopta uma tipologia pouco frequente: a de três corpos e cinco tramos. Como especificidade refere-se a solução apresentada para o tramo central.

De madeira entalhada, dourada e pintada a fingir pedraria, apresenta planta e compõe-se de embasamento, três corpos, cinco tramos e ático.

O embasamento tem um cenotáfio que se destinava à exposição do Senhor Morto. O primeiro corpo tem seis pilares estípites e cinco nichos que se destinavam à exposição de relicários (Fig. 40). No segundo e terceiro corpo há um nicho no tramo central que se destinava à exposição de uma imagem de vulto perfeito, ladeado por quatro pequenos nichos envidraçados onde se guardavam relicários. Os tramos laterais são preenchidos por quatro nichos, em cada corpo, ladeados por pilares estípites. O entablamento é contínuo. O ático é composto por diversos enrolamentos vegetalistas e uma cartela na parte central.

Encontra-se em mau estado de conservação.

### **Bibliografia específica**

João Carlos de Almeida Carvalho, *Acontecimentos, Lendas e Tradições da Região de Setúbal – convento de Jesus*, vol. III, Setúbal, Junta Distrital de Setúbal, 1972, p. 60-61.



## **Antigo Convento de Jesus Retábulo de Nossa Senhora da Purificação**

Localiza-se no coro alto, numa capela lateral do lado do Evangelho. Foi encomendado pelas religiosas deste convento a um mestre entalhador lisboeta de identidade desconhecida. Segundo nos atesta uma inscrição do próprio retábulo, data de 1749 (Fig. 41).

Exemplar rococó, devocional a vários temas, que se insere numa tipologia muito frequente: a de retábulos com *arco*.

De madeira entalhada, dourada e pintada a fingir pedraria, o retábulo propriamente dito apresenta planta em perspectiva côncava e compõe-se de um corpo, três tramos e ático. Ao centro do corpo existe um nicho que interrompe o entablamento, onde se encontrava a imagem de vulto perfeito do orago, assente numa mísula e encimada por um dossel. Nos tramos laterais existem duas mísulas, onde assentavam imagens. O ático é delimitado por uma arquivolta plena, cujo centro é ocupado por um dossel.

O *arco* é composto por um par de pedestais, um par de pilastras e um ático que se prolonga pelo frontispício, cujo centro tem um nicho onde se encontrava uma pequena imagem de vulto perfeito.

De referir os diversos trabalhos de estuque que ladeiam o retábulo e painéis azulejares seiscentistas que revestem as paredes laterais.

Está em mau estado de conservação.

### **Bibliografia específica**

João Carlos de Almeida Carvalho, *Acontecimentos, Lendas e Tradições da Região de Setúbal – convento de Jesus*, vol. III, Setúbal, Junta Distrital de Setúbal, 1972, p. 40.



## **Antigo Convento de Jesus Retábulo de Nossa Senhora da Conceição**

Localiza-se no coro alto, numa capela lateral do lado da Epístola. Foi encomendado nos finais do século XVIII pelas religiosas deste convento, desconhecendo-se a identidade do profissional que o executou.

Exemplar devocional a um único tema, inserindo-se numa tipologia muito frequente: a de retábulos com *arco*.

De madeira entalhada e dourada, o retábulo propriamente dito apresenta planta plana e compõe-se de embasamento, corpo único e um só tramo. Tanto o embasamento como o corpo encontram-se bastante descaracterizados pelo facto de terem sofrido uma intervenção no século XIX. O embasamento é composto por um par de pedestais e uma mesa de altar e o corpo restringe-se a um nicho envidraçado, destinado à exposição de uma imagem de vulto perfeito do orago.

O *arco* é composto por dois pilares estípites e um ático de secção quadrada.

Encontra-se em razoável estado de conservação.

### **Bibliografia específica**

João Carlos de Almeida Carvalho, *Acontecimentos, Lendas e Tradições da Região de Setúbal – convento de Jesus*, vol. III, Setúbal, Junta Distrital de Setúbal, 1972, p. 40.



## **Antigo Convento de Jesus** **Retábulos do coro alto**

Localizam-se no coro alto, na parede traseira, um do lado do Evangelho (Fig. 42) e outro no lado da Epístola. Foram encomendados no terceiro quartel do século XVIII pelas religiosas deste convento. Apesar de se desconhecer a identidade do autor do *risco* e do entalhe, foram muito provavelmente executados por um mestre entalhador de Lisboa.

Exemplares rococó, devocionais a três temas, que não se inserem em nenhuma tipologia vigente. O seu carácter impar resulta do facto de não haver uma distinção clara entre o *arco* e o retábulo propriamente dito.

De madeira entalhada, dourada e pintada a fingir pedraria, têm planta em perspectiva convexa e compõem-se de embasamento, corpo único, três tramos e ático. O corpo é envolvido por uma moldura, destacando-se no interior a imagem do orago. Esta, ladeada por dois pilares compósitos, assentava sobre uma mísula e era rematada por um dossel. Os tramos laterais também destinavam-se à exposição de imagens de vulto perfeito, assentes em mísulas e encimadas por dosséis. O entablamento é contínuo e o ático estrutura-se num arco de forma polilobada.

A ladear este conjunto está uma espécie de *arco*, composto por um par de pilares compósitos e um arco igualmente polilobado rematado de formas auriculares.

Encontra-se em mau estado de conservação.

### **Bibliografia específica**

João Carlos de Almeida Carvalho, *Acontecimentos, Lendas e Tradições da Região de Setúbal – convento de Jesus*, vol. III, Setúbal, Junta Distrital de Setúbal, 1972, p. 40-41.



## **Antigo Convento de Jesus Retábulos do coro alto**

Localizam-se no coro alto, na parede traseira, um no lado do Evangelho e o outro no lado Epístola (Fig. 43). Estes retábulos vieram, muito provavelmente, de outro edifício religioso ou então de outro compartimento deste convento, pois parece que não se enquadram no espaço. Esta sugestão é reforçada pelo facto de ambos terem sido alvo de intervenções no século XIX. A sua execução remonta, presumivelmente, à segunda metade do século XVI e inserem-se no período de Prenúncios do Triunfalismo Católico.

Exemplares devocionais a um só tema, inserindo-se na tipologia mais frequente: a de retábulos com *arco*. Como especificidade salienta-se o facto do intradorso do *arco* ostentar várias pinturas emolduradas e ícones, alguns dos quais relativos ao orago.

De madeira entalhada, dourada e pintada, apresenta planta plana e compõe-se de embasamento, corpo único e um só tramo.

O embasamento, alvo de uma remodelação posterior, é composto pela mesa de altar. O corpo, cujo centro tem uma pintura sobre tábua, é delimitado por um arco cujo intradorso tem quatro pinturas e vários ícones no remate.

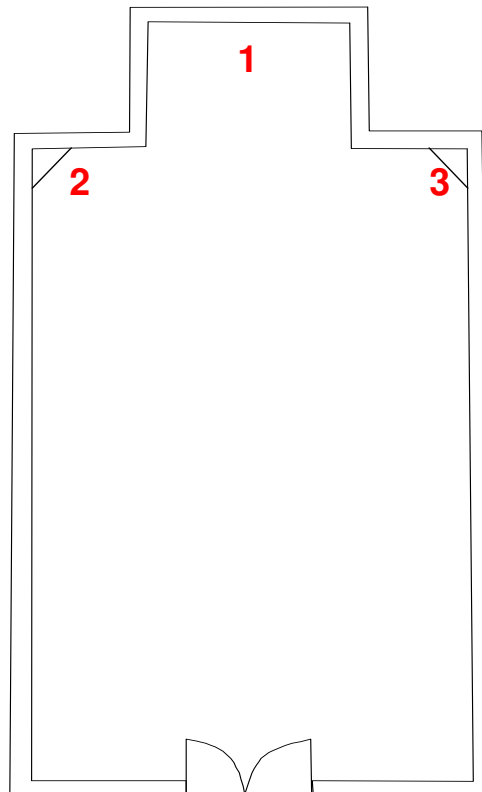
Estão em mau estado de conservação.

### **Bibliografia específica**

João Carlos de Almeida Carvalho, *Acontecimentos, Lendas e Tradições da Região de Setúbal – convento de Jesus*, vol. III, Setúbal, Junta Distrital de Setúbal, 1972, p. 40-41.



## Planta esquemática da Igreja de Nossa Senhora dos Anjos



### Legenda:

- 1 – Retábulo da capela – mor
- 2 e 3 – Retábulos revivalistas



## **Igreja de Nossa Senhora dos Anjos Retábulo da Capela-mor**

Foi encomendado no segundo quartel do século XVIII pelos responsáveis da Ordem Terceira de São Francisco. Desconhece-se o autor do entalhe.

Exemplar do barroco final, eucarístico e devocional a três temas, que se insere numa tipologia muito frequente: a de corpo único e três tramos. Tem como especificidade o facto das mísulas se localizarem no banco.

De madeira entalhada, dourada e policroma, tem planta em perspectiva côncava e assenta num embasamento com duplo registo, corpo único, três tramos e ático. O banco tem três pares de mísulas que suportam colunas berninianas, imagens de vulto perfeito e pilares compósitos. Ao centro sobressai um camarim que interrompe o entablamento, cujo centro, ornamentado por cortinas, é preenchido por um trono piramidal em degraus. Nos tramos surgem imagens de vulto perfeito, rematadas por dosséis. O entablamento restringe-se aos tramos laterais. O ático circunscreve-se entre duas arquivoltas plenas e ostenta na parte central uma cartela com as insígnias da Ordem de São Francisco. Nas ilhargas surgem anjos de vulto perfeito, assentes sobre segmentos de frontão curvo.

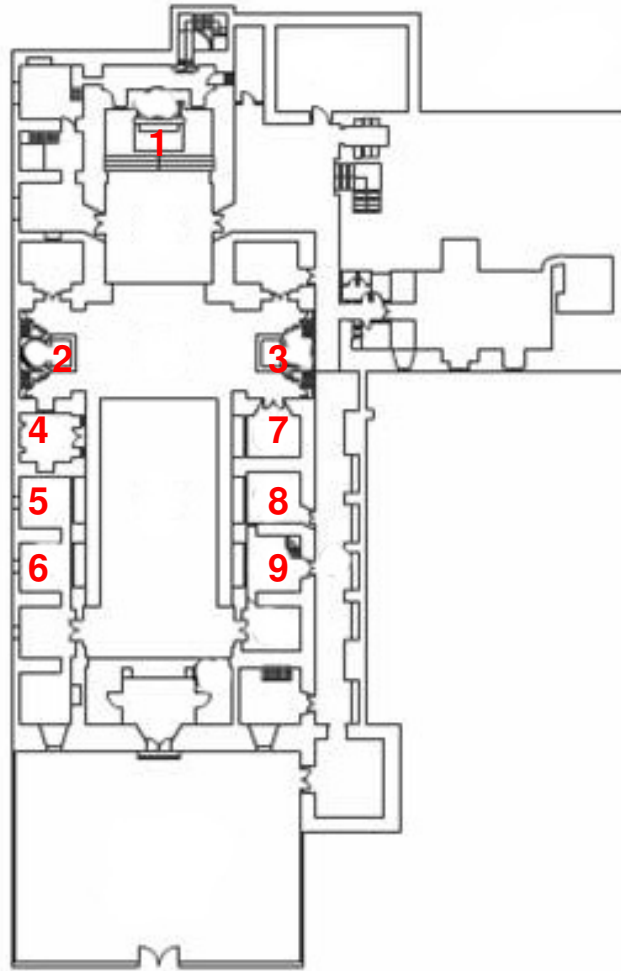
Encontra-se em razoável estado de conservação, apesar da policromia desajustada e de alguns elementos, nomeadamente o tramo central e o ático, resultarem de uma intervenção do século XIX.



### **3.3. FREGUESIA DE SÃO SEBASTIÃO**



**Planta da Igreja do antigo convento de São Sebastião – actual igreja  
matriz de São Sebastião**



**Legenda:**

- 1 – Retábulo da capela-mor
- 2 – Retábulo de Nossa Senhora do Rosário
- 3 – Retábulo do Calvário
- 4 a 9 - Retábulos laterais



## **Igreja do antigo convento de São Sebastião – actual igreja matriz de São Sebastião Retábulo da capela-mor**

Foi encomendado pelos religiosos do antigo convento de São Sebastião, na segunda metade do século XVIII. Apesar de se desconhecer a identidade do mestre entalhador, é provável que seja proveniente de Lisboa.

Exemplar tardo-barroco, de funções eucarísticas, que adopta uma tipologia muito frequente: a de corpo único e três tramos.

De madeira entalhada, dourada e pintada a fingir pedraria, compõe-se de planta plana, embasamento com duplo registo, um corpo, três tramos e ático. Na parte central do banco sobressai um nicho com a imagem de vulto perfeito de São Sebastião, ladeado por dois pares de pedestais que suportam colunas de fuste canelado, ornamentado com uma grinalda de flores no primeiro terço inferior. No tramo central há uma tela emoldurada alusiva à Virgem Maria que se encontra sentada com o Menino e entrega a São Domingos e a Santa Catarina de Sena um Rosário. Nos intercolúnios surgem as imagens de vulto perfeito de São Francisco de Assis e São Domingos Gusmão, assentes em mísulas e rematadas por dosséis que ostentam cortinas repuxadas. O entablamento restringe-se aos tramos laterais. O ático, que apresenta uma composição dinâmica, tem ao centro uma cartela ladeada de grinaldas de flores. Compõe-se ainda por dois segmentos de frontão curvo, sobre os quais assentam anjos em alto-relevo que ladeiam a Assunção de Nossa Senhora e a sua coroação pela Santíssima Trindade, também em alto-relevo.

Encontra-se em bom estado de conservação, tendo sido restaurado pela DGEMN em 1996.

### **Bibliografia específica**

Cármem Almada e Luís Tovar Figueira, “Igreja São Sebastião de Setúbal – Conservação e Restauro”, in *Monumentos*, n.º 6, Lisboa, DGEMN, 1997, p. 72-74.  
Patrícia Martins, “Arte na Igreja de São Sebastião” in *Paróquia e Igreja de S. Sebastião de Setúbal. História e Arte*, Setúbal, Paróquia de São Sebastião, 2004, p. 69 – 75.



## **Igreja do antigo convento de São Sebastião – actual igreja matriz de São Sebastião Retábulo de Nossa Senhora do Rosário**

Localiza-se numa capela lateral do lado do Evangelho. Foi encomendado pelos religiosos do antigo convento de São Sebastião, na segunda metade do século XVIII a um mestre entalhador de identidade desconhecida.

Exemplar tardo-barroco, devocional a três temas, que se insere numa tipologia muito frequente: a de corpo único e três tramos.

De madeira entalhada, dourada e pintada, é gémeo do retábulo fronteiro (Fig. 45). Apresenta planta em perspectiva convexa e compõe-se de embasamento de duplo registo, um corpo, três tramos e ático. O banco tem dois pares de pedestais abaulados que suportam colunas de fuste canelado com um anel no primeiro terço inferior. Ao centro sobressai uma tribuna, emoldurada por pilastras e uma arquivolta plena que interrompe o entablamento, ocupada pela imagem de vulto perfeito do orago e uma tela pintada na parte posterior. Nos tramos laterais há nichos com imagens de vulto perfeito de Santo António e São José, assentes sobre mísulas. O ático, que se circunscribe entre dois arcos plenos, apresenta ao centro um frontão mistilínio, ladeado por segmentos de frontões, sobre os quais assentam imagens de anjos em alto-relevo. Ao centro regista-se uma cartela com o anagrama de Maria.

Encontra-se em bom estado de conservação.

### **Bibliografia específica**

Patrícia Martins, “Arte na Igreja de São Sebastião” in *Paróquia e Igreja de S. Sebastião de Setúbal. História e Arte*, Setúbal, Paróquia de São Sebastião, 2004, p, 83 – 85.



## **Igreja do antigo convento de São Sebastião – actual igreja matriz de São Sebastião Retábulo do Santíssimo Sacramento**

Localiza-se numa capela lateral do lado do Evangelho. Foi, muito provavelmente, executado na segunda metade do século XVIII.

Exemplar tardo-barroco, de funções eucarísticas, que se insere numa tipologia muito frequente: a de corpo único e três tramos, não se registando contudo qualquer nicho ou mísula nos tramos laterais.

De madeira entalhada, dourada e pintada a fingir pedraria, apresenta uma composição muito idêntica a outros cinco retábulos laterais (Figs. 46 a 50) desta mesma igreja, exceptuando pequenas diferenças: todos os outros cinco retábulos são devocionais a três temas, tendo nos tramos laterais mísulas que se destinavam à exposição de imagens de vulto perfeito, rematadas por dosséis; no que diz respeito às cores aplicadas também se diferenciam. De planta em perspectiva convexa, compõe-se de embasamento com um só registo, corpo único, três tramos e ático. O embasamento tem dois pares de pedestais que suportam um par de pilastras e um par de colunas de fuste canelado com um anel no primeiro terço inferior. Ao centro sobressai uma tela emoldurada com a Virgem Maria. O entablamento restringe-se aos tramos laterais. O ático circunscreve-se entre dois arcos plenos. Tem ao centro um frontão mistilíneo, cujo centro é ocupado por uma cartela, ladeado por segmentos de frontão.

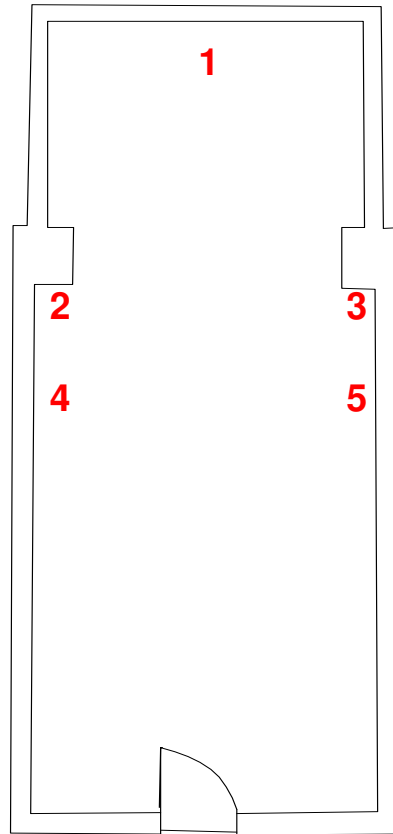
Encontra-se em bom estado de conservação.

### **Bibliografia específica**

Patrícia Martins, “Arte na Igreja de São Sebastião” in *Paróquia e Igreja de S. Sebastião de Setúbal. História e Arte*, Setúbal, Paróquia de São Sebastião, 2004, p, 61.



**Planta esquemática da Igreja de Nossa Senhora da Boa Hora do antigo  
convento de Santo Agostinho**



**Legenda:**

- 1 – Retábulo da capela-mor
- 2 – 5 – Retábulos revivalistas



## **Igreja de Nossa Senhora da Boa Hora do antigo convento de Santo Agostinho Retábulo da capela-mor**

Foi encomendado pelos religiosos deste convento na segunda metade do século XVIII, sendo provável que já tivesse concluído em 1787 (ano em que terminaram as obras da igreja). Desconhece-se contudo a identidade do mestre entalhador responsável.

Exemplar proto-barroco, eucarístico e devocional, que se insere numa tipologia muito frequente: a de corpo único e três tramos.

De madeira entalhada, dourada e pintada a fingir pedraria, apresenta planta em perspectiva convexa e compõe-se de embasamento, um corpo, três tramos e ático.

O embasamento tem um sacrário exposto sobre a mesa do altar, dois pares de pedestais e duas portas de acesso à parte posterior do retábulo. O corpo tem dois pares de pilastras e dois pares de colunas de fuste canelado, ornamentado com uma grinalda de flores no primeiro terço inferior. No tramo central sobressai uma tribuna preenchida por um trono piramidal em degraus destinado à exposição do Santíssimo Sacramento. Nos tramos laterais há duas imagens de vulto perfeito de Santa Mónica e São Gonçalo, assentes sobre mísulas.

O entablamento restringe-se aos tramos laterais. O ático circunscreve-se entre dois arcos plenos, sendo o centro ocupado por uma cartela, envolvida por raios, ladeada por dois anjos de alto relevo, assentes em segmentos de frontão.

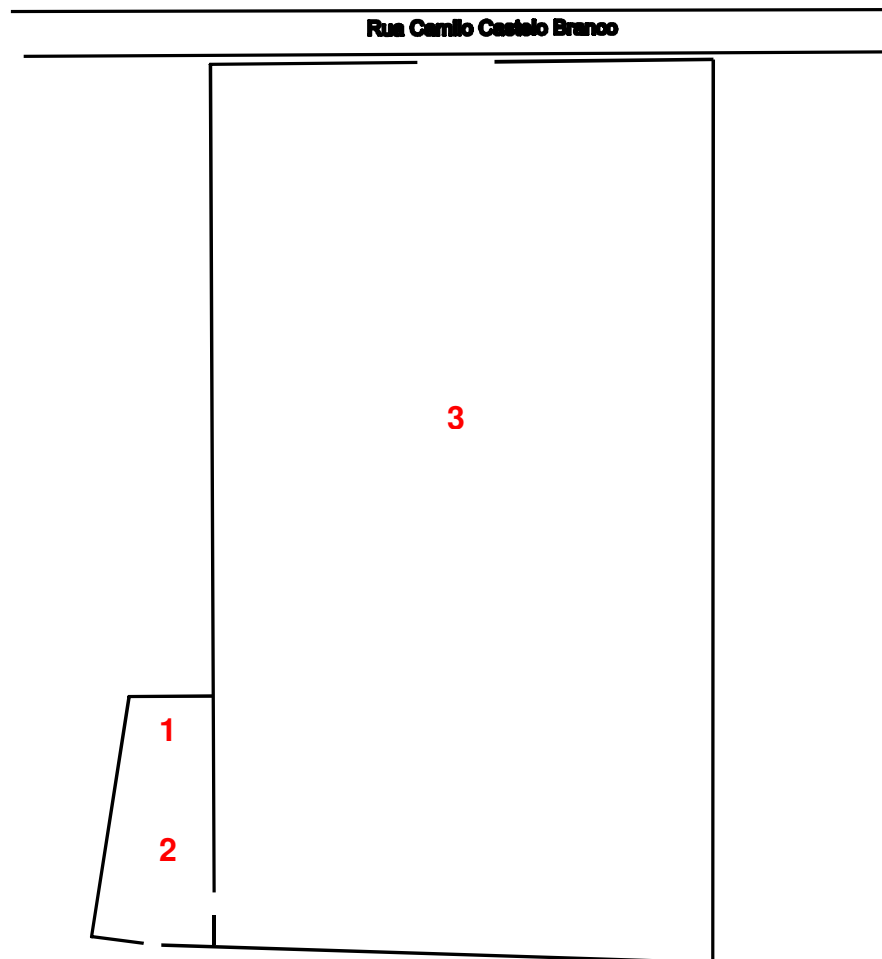
Encontra-se em bom estado de conservação.

### **Bibliografia específica**

João Carlos de Almeida Carvalho, *Acontecimentos, Lendas e Tradições da Região de Setúbal, Conventos de Setúbal*, vol. IV, Setúbal, Junta Distrital de Setúbal, 1972, p. 121-122.

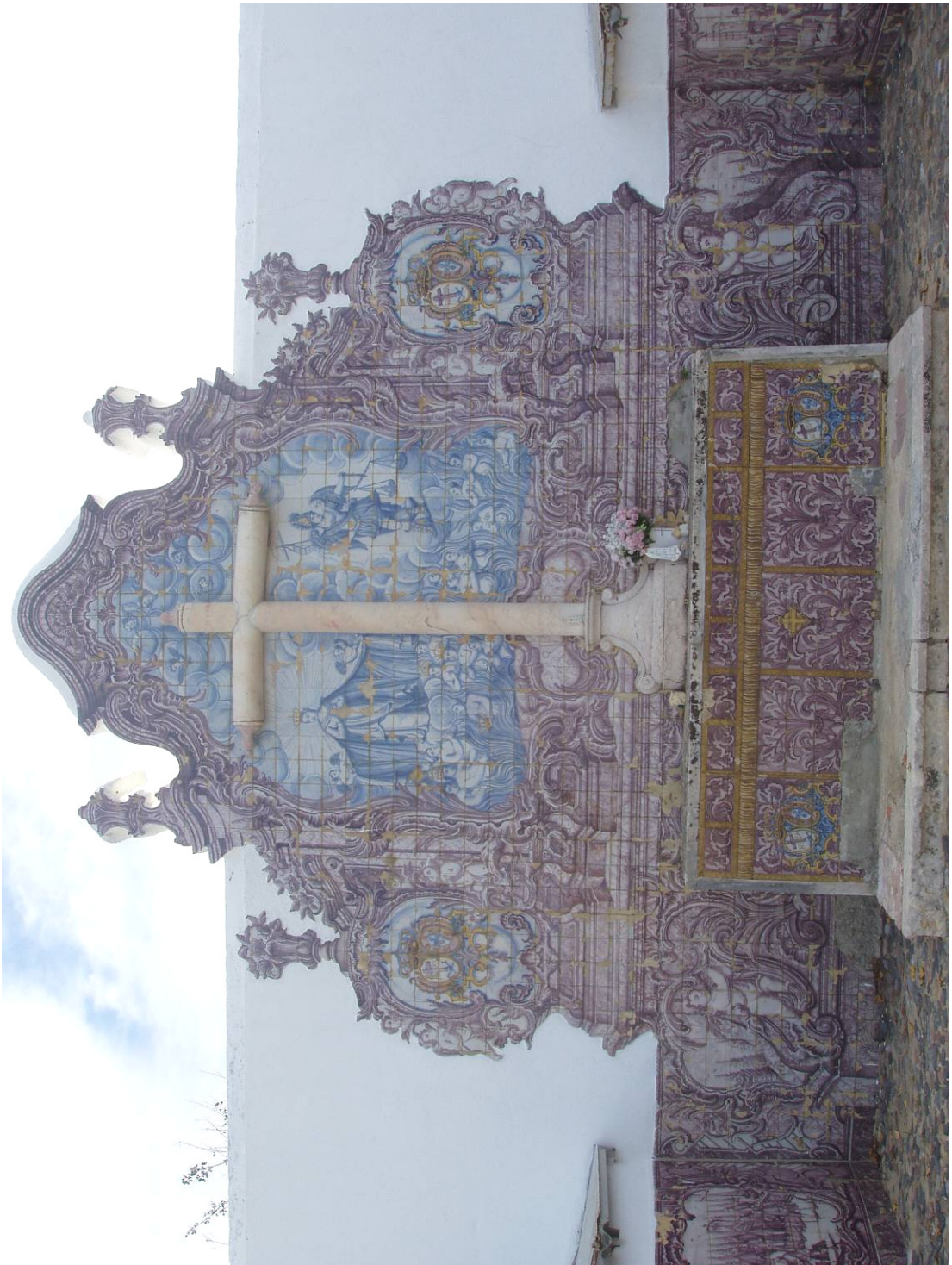


## Planta esquemática do Cemitério da Santa Casa da Misericórdia



### Legenda:

- 1 – Retábulo das almas
- 2 – Cemitério da Santa Casa da Misericórdia
- 3 – Cemitério de Nossa Senhora da Piedade



## **Cemitério da Santa Casa da Misericórdia**

### **Retábulo das Almas**

Localiza-se junto ao muro que divide este cemitério do da Piedade. Foi encomendado pelos responsáveis de Santa Casa da Misericórdia entre as décadas de 60 / 70 do século XVIII, sendo bastante provável que tivesse sido realizado por volta de 1770-73, anos referentes a obras de restauro no cemitério. Desconhece-se a identidade do artista responsável por esta obra.

Exemplar rococó, devocional a um só tema, que se insere na tipologia mais frequente: a de corpo único e um só tramo. Como especificidade refere-se o facto deste retábulo ser constituído de azulejos com pinturas ilusionistas.

É de alvenaria e azulejo policromo, tem planta plana e compõe-se de embasamento, corpo único, um só tramo e ático. No embasamento encontra-se a mesa do altar, cujo frontal com pintura a fingir tecido, tem ao centro a imagem de Cristo Crucificado e nas ilhargas duas cartelas da Santa Casa da Misericórdia de Setúbal. Sobre a mesa do altar ergue-se uma cruz em mármore que se enquadra na cena representada no painel central, alusiva ao julgamento das Almas no Purgatório com a presença de Nossa Senhora da Misericórdia e o arcanjo São Miguel. A delimitar este painel surge um par de colunas, também de composição ilusionista. Nas ilhargas surgem duas cartelas, sob a forma de urnas, ladeadas por anjos, com as insígnias da instituição responsável pela encomenda. O ático tem um frontão curvilíneo, ao centro, e dois fogaréus nas partes laterais.

Nas partes laterais do retábulo existem vários painéis de azulejo que representam cenas de um cortejo fúnebre (Figs. 51 a 54).

Apesar de faltarem alguns azulejos e de precisar de uma manutenção regular, por se encontrar no exterior, está em razoável estado de conservação.

#### **Bibliografia específica**

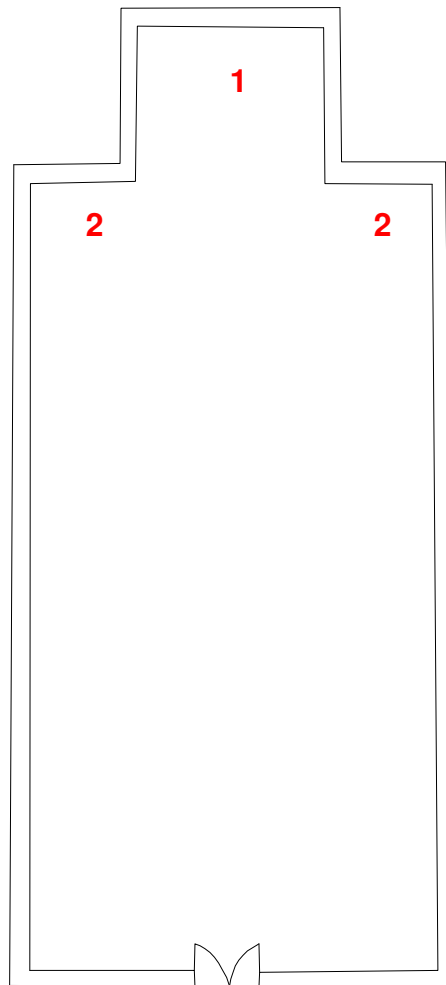
Fernando António Baptista Pereira, *Setúbal Cultural*, Setúbal, Câmara Municipal de Setúbal, 1994, p. 8



### **3.4. FREGUESIA DE NOSSA SENHORA DA ANUNCIADA**



## Planta Esquemática da Ermida de Nossa Senhora da Saúde



### Legenda:

- 1 – Retábulo da capela-mor
- 2 – Arco triunfal retabular



## **Ermida de Nossa Senhora da Saúde**

### **Retábulo da capela-mor**

Foi encomendado pela Confraria de Nossa Senhora da Saúde entre finais do século XVII e inícios do século XVIII, podendo-se atribuir o entalhe a Diogo Luís, mestre ensamblador, residente em Setúbal, que executou o arco triunfal desta mesma igreja, em 1719.

Exemplar do barroco pleno, devocional a um tema, que adopta uma tipologia muito frequente: um corpo e três tramos.

De madeira entalhada e dourada, assenta num embasamento de pedraria com embutidos policromos. De planta em perspectiva côncava, compõe-se de banco, um corpo, três tramos e ático. O banco apresenta dois pares de mísulas com meninos hercúleos que suportam colunas de fuste espiralado com sete espiras, ornamentadas com fénix, parras e uvas. Ao centro sobressai uma monumental tribuna, preenchida por um trono piramidal que se destina do orago. O entablamento restringe-se aos tramos laterais. O ático, que se circunscribe entre dois arcos plenos, compõe-se de várias arquivoltas e um arco salomónico, cortados transversalmente por duas aduelas, sobressaindo ao centro uma cartela ladeada por meninos.

A talha prolonga-se pelas paredes laterais da capela, onde também existem painéis de pintura sobre tela. O tecto da capela tem o anagrama de Maria pintado.

É de referir o facto deste retábulo passar a ter funções eucarísticas por volta de 1748, data em foi inaugurado um Recolhimento junto a esta ermida, daí a existência de um sacrário sobre a mesa do altar, aqui colocado posteriormente.

Encontra-se em razoável estado de conservação.



## **Ermida de Nossa Senhora da Saúde**

### **Arco triunfal retabular**

Em 1719, a confraria de Nossa Senhora da Saúde encomenda ao mestre ensamblador Diogo Luís a obra de talha do arco triunfal, sendo também, muito provavelmente, o responsável pela execução dos retábulos colaterais.

O conjunto é do barroco pleno e insere-se numa tipologia pouco frequente: a dos arcos triunfais retabulares.

Os retábulos propriamente ditos são devocionais a um tema e inserem-se numa tipologia muito frequente: a de corpo único e um só tramo.

De madeira entalhada e dourada, têm planta plana e compõem-se de banco, corpo único, um só tramo e ático. No banco sobressaem um par de mísulas com meninos hercúleos que suportam colunas torsas com sete espiras com o fuste ornamentado de uvas e parras. Ao centro tem um nicho preenchido com uma imagem de vulto perfeito. O entablamento restringe-se às ordens arquitectónicas. O ático tem um arco salomónico com uma cartela ao centro.

O arco triunfal, que interliga os retábulos colaterais, compõe-se de um par de pedestais, um par de pilastras e uma arquivolta plena. O entablamento é contínuo, sobressaindo ao centro uma cartela. Nas ilhargas estão duas pinturas sobre tela, ladeadas por pilares compósitos, e a rematar todo o conjunto está outra pintura sobre tela, ladeada por diversos meninos.

É de destacar a complementaridade das artes, proporcionada pelo revestimento azulejar do século XVII.

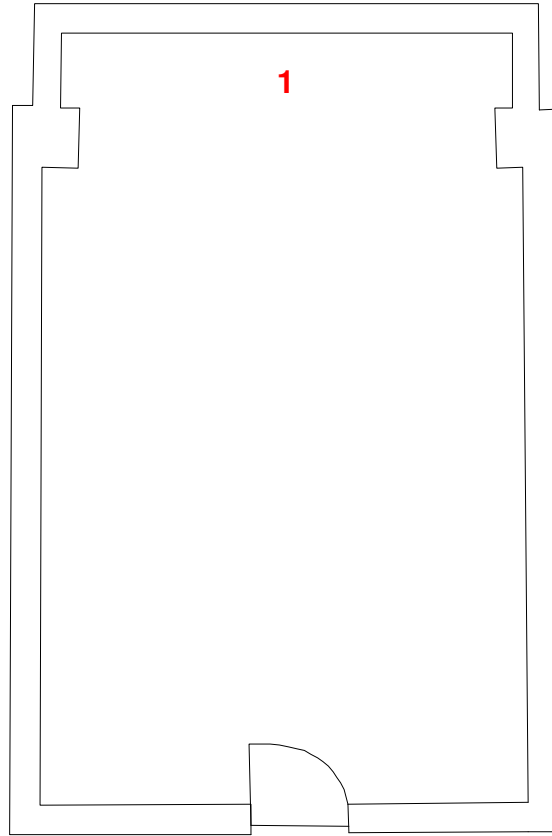
Está em razoável estado de conservação, no entanto é de referir o mau estado em que se encontra o retábulo colateral do lado da Epístola, bastante adulterado por faltar elementos de talha.

### **Bibliografia específica**

Arquivo Distrital de Setúbal, Notariado de Setúbal - Notas do tabelião Pedro Rodrigues Faria, livro 119, caixa 5049, fls 74 V.º e 75. Inédito.



## Planta esquemática da Capela do Forte de São Filipe



### Legenda:

1 - Retábulo principal



## **Capela do Forte de São Filipe**

### **Retábulo principal**

Trata-se, muito provavelmente de uma encomenda régia de finais do século XVII, inícios do século XVIII. Desconhece-se a identidade do mestre entalhador, mas tratar-se-á provavelmente de um artista com oficina sediada em Lisboa. A 10 de Fevereiro de 1868, esta capela sofreu um incêndio que danificou bastante o retábulo. Posteriormente, foi restaurado, tendo sido apresentadas soluções de características revivalistas que se inadequavam à composição original do retábulo. Do anterior retábulo apenas restam as colunas de fuste torso com sete espiras, ornamentado de parras, uvas e fénix, e o arco salomónico do ático.

Era um exemplar do barroco pleno, devocional a um tema, desconhecendo-se a tipologia em que se inseria: se de corpo único e um só tramo ou a de corpo único e três tramos.

De madeira entalhada e dourada, apresentava planta plana e compunha-se de embasamento, corpo único, um ou três tramos e ático.

Toda a capela está revestida de azulejos barrocos, datados de 1736, da autoria de Policarpo de Oliveira Bernardes. O revestimento azulejar da capela principal apresenta cenas da vida da Virgem, nas paredes laterais cenas da vida de São Filipe e na abóbada o escudo régio.

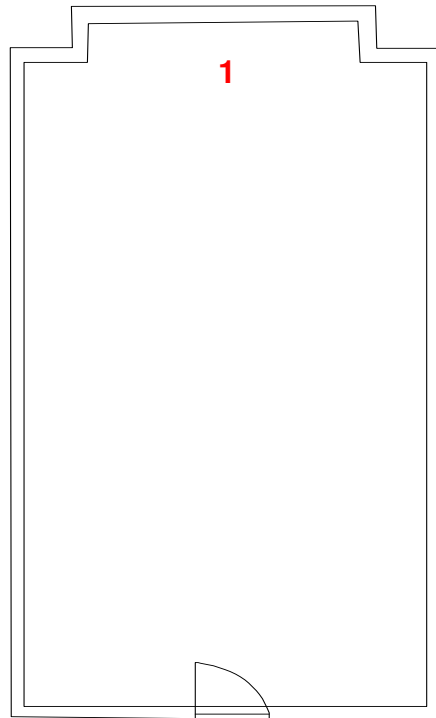
Está em mau estado de conservação.

### **Bibliografia Específica**

José Custódio Vieira da Silva, *Setúbal*, Lisboa, Presença, p. 86.



## Planta esquemática da Capela do Forte de Santo Antônio



### Legenda:

1 - Retábulo Principal



## **Capela de São Tiago do Forte de Santo Antão**

### **Retábulo Principal**

Executado nos meados do século XVIII, ainda no primeiro quartel, foi muito provavelmente encomendado pelo rei. Este encomendou a obra enquanto rei e enquanto mestre da Ordem Militar de Santiago, conforme demonstram as cartelas da obra. Desconhece-se a identidade do autor do *risco* e do entalhe, no entanto, é possível que tenha sido realizado por um entalhador com oficina aberta em Lisboa.

Exemplar do barroco final, devocional a um tema, inserindo-se numa tipologia muito frequente: a de retábulos com *arco*.

O retábulo propriamente dito é de madeira entalhada e dourada e assenta num embasamento de pedraria. Apresenta planta plana e compõe-se de banco, corpo único, três tramos e ático. No banco surge um sacrário, ao centro, e seis mísulas, duas que suportam as imagens de vulto perfeito dos intercolúnios e quatro com meninos hercúleos que suportam colunas torsas com sete espiras, cujo fuste é totalmente revestido de parras, uvas e fénix. Ao centro sobressai uma tribuna, que interrompe o entablamento, que se destinava à exposição do orago – Santiago. O ático, que se inscreve entre o entablamento e uma arquivolta plena, apresenta uma composição tripartida, definida por um par de quartelões, rematados por conchas, e um entablamento contínuo, cujo centro é ostentado por uma cartela com o escudo real. Nas ilhargas surgem vários enrolamentos vegetalistas.

O *arco* é composto por um par de pedestais, um par de pilastras e uma arquivolta plena, com uma cartela na parte central com as insígnias da Ordem Militar de Santiago.

As paredes laterais são revestidas por azulejos da primeira metade do século XVIII.

Encontra-se em bom estado de conservação.



## CONCLUSÃO

Tornou-se importante a realização deste inventário, não só para dar a conhecer e valorizar um património, ainda muitas vezes “depreciado”, como também e acima de tudo contribuir para o estudo e caracterização desta realidade artística nesta localidade. No entanto, e apesar da análise formal ser complementada com bibliografia e informações inéditas provenientes do Arquivo Notarial de Setúbal, este estudo teria enriquecido se tivéssemos tido acesso aos arquivos paroquiais que, por falta de organização, não foi possível consultar.

O retábulo enquanto expressão máxima de fé e de arte foi largamente utilizado nos templos de Setúbal. As referências mais antigas, relativamente à aplicação destes equipamentos litúrgicos, surgem nas *Visitações Quinhentistas* de 1510, onde são comprovados as existências de vários exemplares móveis.

Apresentam-se de seguida as várias conclusões a que chegámos durante a concretização deste trabalho.

A encomenda é uma das questões mais importantes, pois dá informações relevantes no que diz respeito aos indivíduos mais influentes, bem como as Ordens religiosas e os grupos económicos mais abastados, responsáveis pela proliferação destes equipamentos. Desta forma concluiu-se que:

1. Tanto a sociedade civil como eclesiástica participou activamente na encomenda de retábulos, quer através de Confrarias, quer a título particular;

2. O poder de compra concentrava-se sobretudo, até inícios do século XVI, nos mareantes. A partir de então, começa-se a desenvolver a exploração salineira e o poder económico passa a pertencer, sobretudo, aos proprietários das marinhas de sal. Estas

tanto pertenciam a indivíduos da sociedade civil, sobretudo da elite, como a Confrarias e ao clero secular e regular.

3. As Ordens Religiosas também foram responsáveis pela encomenda deste tipo de equipamento litúrgico. Entre os conventos mais abastados, destacam-se os conventos femininos de Jesus, que contavam com o patrocínio régio, e de São João, cujo fundador foi D. Jorge, duque de Coimbra e mestre da Ordem de Santiago.

4. O patrocínio régio esteve presente em várias obras, nomeadamente nos retábulos da capela-mor da igreja do antigo convento de Jesus, num retábulo lateral da igreja matriz de São Julião, no retábulo da capela do Forte do Outão e no retábulo da capela do Forte de São Filipe. As obras que beneficiavam do patrocínio régio eram por vezes bastante inovadoras, tornando-se modelos a seguir noutras obras futuras.

Quanto aos usos e funções, predominam os retábulos devocionais a um só tema, seguindo-se por ordem decrescente os devocionais a três temas, os eucarísticos e os relicários. Estes últimos, referentes a quatro exemplares, confirmam o poder económico dos mareantes, com o retábulo principal da casa do Corpo Santo, e da ordem de São Francisco do convento de Jesus, onde existem três (um na capela-mor e dois no coro alto).

Relativamente a materiais, privilegiou-se o uso da madeira, sendo no entanto de destacar o retábulo do cemitério da Santa Casa da Misericórdia, onde foi utilizado o azulejo. Quanto às técnicas, predominam o douramento, sobretudo entre a segunda metade do século XVII e primeira metade do século XVIII, e os marmoreados na segunda metade do século XVIII e século XIX.

No que diz respeito à periodização, os retábulos remanescentes inserem-se entre os períodos de Prenúncios do Triunfalismo Católico e os Revivalismos. Mais de metade dos retábulos inventariados são da segunda metade do século XVIII (Tardo-barroco / Rococó) e do século XIX / primeira metade do XX (Revivalismos). Foram produzidos na sequência do terramoto de 1755 que destruiu toda a vila, e cujas freguesias mais atingidas foram a de São Julião, Nossa Senhora da Anunciada e São Sebastião.

As datações de alguns espécimes indicam que se tratavam de obras actualizadas. Esta situação deve-se ao facto desta localidade pertencer à Diocese de Lisboa – centro produtivo e artístico do país. Destacam-se seguidamente as datas mais antigas, existentes em Setúbal, para cada um dos períodos artísticos: 1614 para Prenúncios do Triunfalismo Católico, 1683 para o Barroco Pleno, 1721 para o Barroco Final, e 1749 para o período Tardo-barroco / Rococó.

Quanto às tipologias, predominam os retábulos de um corpo e três tramos, seguindo-se a de um corpo e um tramo e retábulos com arco. Menos frequentes são as tipologias de dois corpos e três tramos, três corpos e cinco tramos e os arcos triunfais retabulares. Apenas existem dois exemplares que não se inserem em nenhuma das tipologias vigentes. Situam-se no coro alto do antigo convento de Jesus e sua singularidade deve-se ao facto de não existir distinção entre o retábulo propriamente dito e o *arco*.

Entre as diversas artes que complementam o retábulo numa capela, destacam-se o azulejo, as pinturas parietais e pinturas sobre telas, e a talha dourada.

Finalmente, quanto à produção artística chegámos às seguintes conclusões:

1. As entidades mais abastadas que encomendavam os retábulos recorriam sobretudo a mestres de Lisboa;

2. Desconhece-se trabalhos de artistas com oficina aberta noutras centros artísticos.

3. Também existiam mestres entalhadores com oficinas abertas em Setúbal, que executavam diversas obras na vila e também para localidades circundantes.

4. A pouca documentação existente, aliada à destruição de alguns exemplares, que comprova a autoria de entalhadores locais, como é o caso do retábulo da capela-mor da igreja matriz de São Sebastião, de Francisco Alvares Landim, e o retábulo de São Jorge da igreja matriz de São Julião, de João da Fonseca, impossibilita a comparação com exemplares subsistentes e assim fazer eventuais atribuições.

5. A única obra subsistente, documentalmente comprovada do entalhador local Diogo Luís, é o arco triunfal da igreja de Nossa Senhora da Saúde

6. Ainda relativamente aos entalhadores locais, pelas datas das obras que dispomos e através do exemplar subsistente, podemos afirmar que seriam artistas habilidosos e actualizados. Esta situação, mais uma vez, deve-se ao facto desta localidade estar próxima de Lisboa, com bons acessos terrestres e sobretudo marítimos, o que proporcionava não só a circulação de serviços como também de práticas e ideias.

## FONTES MANUSCRITAS

### Arquivo Distrital de Setúbal

-Cartório Notarial de Setúbal

- Cota 5039 – livro 52 e 53
- Cota 5040 – livro 55 e 56
- Cota 5041 – livro 67
- Cota 5042 – livro 73
- Cota 5047 – livro 106
- Cota 5048 / 3 – livro 111
- Cota 2048 / 6 – livro 114
- Cota 5049 – livro 119
- Cota 5050 – livro 122, 124, 126
- Cota 5051 – livro 131
- Cota 5052 – livro 134
- Cota 5055 – livro 162

## FONTES IMPRESSAS

AMOR DIVINO, Sor Ana Maria do, *Memória Histórica do Convento de Jesus de Setúbal*, 1803.

BARBOSA, Inácio de Vilhena, “A Cidade de Setúbal”, in *As Cidades e Villas da Monarquia Portuguesa que teem Brazão d’ Armas*, Volume II, Lisboa, s.n., 1862.

- IDEM, *Monumentos de Portugal – históricos, artísticos e archeológicos*, Lisboa, Editores Castro Irmão, 1888, p. 497-500.
- BELEM, Fr. Jerónimo de, *Chronica seráfica da santa província dos algarves da regular observância no nosso seráfico padre S. Francisco, em que se trata da sua origem, progresso, e fundações dos seus conventos....*, 4 volumes, Lisboa, officina Ignácio Rodrigues, 1750-1758.
- CARDOSO, Luís, *Portugal Sacro-Profano ou catalogo alfabético de todas as Freguesias dos Reinos de Portugal, e Algarve, das Igrejas com os seus Oragos, do titulo dos Párocos e annual rendimento de cada huma: dos Padroeiros, que apresentam: juntamente com as léguas de distancia da Metropoli do Reino e da Cidade principal, e cabeça de Bispado, com o numero de fogos*, 3 volumes, Lisboa, officina Miguel Manascal da Costa, 1767 – 1768.
- CASTRO, João Baptista de, *Mappa de Portugal Antigo e Moderno, Nesta segunda edição revisto, e augmentado pelo seu mesmp Author, e recopila em Taboas Topográficas as Povoações principais da Extremadura, com a descripção exacta da Cidade de Lisboa e seu Termo, antes e depois do Terramoto: a que se ajunta o Roteiro terrestre do mesmo Reino, com as derrotas por travessia*, tomo 3, parte V, Lisboa, Officina Patriarcal de Francisco Luiz Ameno, 1763.
- COSTA, António Carvalho da, *Corografia Portugueza e descripçam topografica do famoso reyno de Portugal, com noticias das fundações das Cidades, Villas & Lugares, que contem; Varões illustres, Genealogias das Famílias nobres, fundações de conventos, Catalogos de Bispos, antiguidades, maravilhas da natureza, edificios, & outras curiosas observações*, tomo 3, Lisboa, Officina Real Deslandesiana, 1712.

- Documentos para a História da Arte em Portugal, Visitações de Alvalade, Casével, Aljustrel e Setúbal - Ordem de São Tiago -*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1969.
- LEAL, Pinho, “Setúbal”, in *Dicionário geográfico, estatístico, corográfico, heráldico, arqueológico, histórico, biográfico e etimológico de todas as cidades, vilas, freguesias de Portugal e de grande n.º de aldeias*, Lisboa, edição de Matos Moreiras, 1871.
- IDEM, *Portugal Antigo e Moderno*, Lisboa, Livraria Editora de Matos Moreira e Companhia, 1874.
- LEÃO, Duarte Nunes de, *Descrição do Reino de Portugal*, Lisboa, oficina de Simão Tadeu Ferreira, 1610.
- OLIVEIRA, Frei Nicolau de, *Livro das grandezas de Lisboa*, Lisboa, Impressão Régia, 1804.
- PEREIRA, Fernando António Baptista, *História da arte – época moderna, 1500-1800*, Lisboa, Universidade Aberta, 1992.
- PIMENTEL, Alberto, *Memória sobre a História e Administração do Município de Setúbal*, Lisboa, typografia de G. A. Gutierres da Silva, 1877.
- PORTELA, Manuel Maria, *Noticia dos Monumentos Nacionaes e Edifícios e Logares Notáveis do Concelho de Setúbal*, Lisboa, typographia de Matos Moreira e Cardoso, 1882.
- IDEM, *Diário Histórico Setubalense*, Setúbal, Tipografia Santos, 1915.
- SANTO ALBERTO, Francisco de, *Estragos do terramoto: vaticínio de felicidades sobre os habitantes da nobilíssima Villa de Setúbal na justificação em que virão no terramoto de 1755*, Lisboa, oficina junto a S. Bento de Xabregas, 1757.

SÃO JOÃO, Soror Leonor de, *Tratado da Antiga e Curiosa Fundação do Convento de Jesus de Setúbal*, 1630.

## **BIBLIOGRAFIA**

### **Bibliografia geral**

AA.VV., *História da Arte em Portugal*, 15 vols, Lisboa, Alfa, 1989.

AA.VV., *Robert Smith: Investigação na História da Arte*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2000.

ABREU, Laurinda Faria dos Santos, “Purgatório, Misericórdia e Caridade: condições estruturantes de Assistência em Portugal (séculos XV/XIX)” in *Dynamis*, 2000, p.395-415.

IDEM, “Confrarias e Irmandades: a Santificação do Quotidiano” in *Actas do Colóquio Internacional, A Festa*, Lisboa, Sociedade Portuguesa de Estudos do século XVIII, 1992, pp. 429 – 440.

AFONSO, Belarmino, “Confrarias e mentalidade barroca” in *Actas do I Congresso Internacional do Barroco*, volume I, Porto, Retoria da Universidade do Porto, 1991, pp. 17-53.

ALMEIDA, Fortunato de, *História da Igreja em Portugal*, II vols., Porto, Livraria Civilização, 1968.

ARAÚJO, António de Sousa, “Irmandades de Clérigos ou confrarias em Portugal” in *Itinerarium*, (28), 1982, p.401 – 425.

IDEM, “Subsídio para o Estudo das irmandades ou confrarias em Portugal” in *Itinerarium*, XX, n.º 85, 1974, pp.267 – 324.

- ATTWATER, Donald, *Dicionário de Santos*, Lisboa, Publicações Europa América, 1965.
- AZEVEDO, Carlos Moreira (dir.), *História Religiosa de Portugal*, 3 vols., Lisboa, Círculo de Leitores, 2000.
- AZEVEDO, Pedro A. d', "Extractos archeologicos das Memórias parochiaes de 1758 ", in *O Archeologo Português*, Volume VI, n.º 9, Março de 1901, p. 67-78.
- IDEM, *Dicionário de História Religiosa de Portugal*, 4 vols, Lisboa, Círculo de Leitores, 2000.
- BARREIRA, João, *Arte Portuguesa. Arquitectura e Escultura*, Lisboa, s.n., 1929.
- BAZIN, Germain, *Barroco y Rococó*, Barcelona, Ed. Destino, 1992.
- BERGER, Francisco Gentil, *Lisboa e os Arquitectos de D. João V*, Lisboa, Edições Cosmos, 1994.
- BORGES, Nelson Correia, "Do Barroco ao Rococó", in *História da Arte em Portugal*, vol. IX, Lisboa, Alfa, 1986.
- CAETANO, Marcello, "A antiga organização dos mesteres da cidade de Lisboa", Franz-Paul Langhans, *As corporações dos Ofícios Mecânicos. Subsídios para a sua História*, Volume I, Lisboa, Imprensa Nacional, 1946, pp. 9 – 75.
- IDEM, "Recepção e Execução dos Decretos do Concílio de Trento em Portugal" in *Revista da Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa*, vol. XIX, 1965, pp. 7 – 52.
- CALADO, Margarida, *Azeitão*, Lisboa, Editorial Presença, 1993.
- CARVALHO, Ayres de, *D. João V e a arte do seu tempo*, II vols., Lisboa, edição do autor, 1960-62.
- IDEM, "Novas Revelações Para a História do Barroco em Portugal", in *Separata de Belas Artes*, 2.ª série, n.º 20, Lisboa, 1964.

- IDEM, *As Obras de Santa Engrácia e os Seus Artistas*, Lisboa, Academia Nacional de Belas Artes, 1971.
- IDEM, “Documentário Artístico do Primeiro Quartel de Setecentos, Exarado nas Notas dos Tabelaões de Lisboa” in *Separata de Bracara Augusta*, Braga, s.n. vol. XXVII, fascículo 6, 1973.
- CARVALHO, Joaquim Ramos de, e José Pedro Paiva, “A Diocese de Coimbra no Século XVIII. População, oragos, padroados e títulos dos párocos” in *Revista de História das Ideias*, volume 11, 1989, p.189-214.
- CORREIA, Virgílio, “Entalhadores de Lisboa (séculos XVII e XVIII). Para a história da obra de talha em Portugal”, in *A Águia. Órgão da Renascença Portuguesa*, volume XIV, 2.<sup>a</sup> série, Porto, s.n., 1918.
- DAIX, Georges, *Dicionário dos Santos – do Calendário Romano e dos Beatos Portugueses*, Lisboa, Terramar, 2000.
- Enciclopédia Luso Brasileira de Cultura, Verbo, Edição Século XXI, 1998.
- ENES, Maria Fernandes, “As Confrarias do Santíssimo e das Almas no Âmbito da Cultura Barroca”, in *Actas do I Congresso Internacional do Barroco*, volume I, Porto, Reitoria da Universidade do Porto, 1991, pp.275-298.
- ESPANCA, Túlio, *Inventário Artístico de Portugal – Distrito de Beja*, Volume I, Lisboa, Academia Nacional de Belas-Artes, 1992-93.
- FRANCO, Anísio, “António de Oliveira Bernardes e a Unidade Decorativa do Barroco”, in *Jerónimos – Quatro Séculos de Pintura*, Volume II, Lisboa, Instituto Português do Património Arquitectónico, 1993.
- GOMES, Saúl António, “Notas e documentos sobre as confrarias portuguesas entre o fim da Idade Média e o século XVII: o protagonismo dominicano de Santa

- Maria da Vitória”, in *Lusitânia Sacra*, 2.<sup>a</sup> série, tomo VII, Lisboa, 1995, pp.89-150.
- GONÇALVES, Flávio, *História da Arte: Iconografia e Crítica*, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1990.
- GONÇALVES, Manuel Pereira, “Os Franciscanos em Portugal”, in *Actas do II Seminário sobre o franciscanismo em Portugal*, volume I, Lisboa, Fundação Oriente, 1996, p.261-286.
- IDEM, “História de alguns conventos da Província da Arrábida”, in *Actas do II Seminário sobre o franciscanismo em Portugal*, volume I, Lisboa, Fundação Oriente, 1996, p.301-330.
- GOUVEIA, António Camões, “O enquadramento pós-tridentino e as vivências do religioso” in *História de Portugal*, volume IV, Lisboa, Circulo de Leitores, 1993.
- GRILO, Fernando Jorge, “O Exercício da Fé – a Escultura Barroca no Convento dos Cardaes” in *O Convento dos Cardaes, Veios da Memória*, Lisboa, Quetzal, 2003.
- MAGALHÃES, Joaquim Romero de, “as Descrições Geográficas de Portugal: 1500 – 1650. Esboço de problemas” in *Revista de História Económica e Social*, 5, 1980, pp.15-56.
- MATTOSO, José (Direcção), *História de Portugal*, Lisboa: Círculo dos Leitores 1993.
- MECO, José “A Divina Cintilação – Talha, Azulejos, Mármore, Chinoiseries”, in *O Convento dos Cardaes, Veios da Memória*, Lisboa, Quetzal, 2003.
- MOURA, Carlos, “O limiar do Barroco” in *História da Arte em Portugal*, Vol. VIII, Lisboa, Alfa, 1986.

- PAMPLONA, Fernando de, *Dicionário de Pintores e Escultores Portugueses ou que Trabalharam em Portugal*, 5 vols., Lisboa, Livraria Civilização Editora, 1988-1991.
- PENTEADO, Pedro Manuel Pereira, “Confrarias portuguesas da época moderna: problemas, resultados e tendências da investigação” in *Lusitânia Sacra*, 2.<sup>a</sup> série, tomo VII, Lisboa, 1995, pp.15-52.
- PEREIRA, Paulo (Dir.), *Dicionário da Arte Barroca em Portugal*, Lisboa, Presença, 1989.
- IDEM, *História da Arte Portuguesa*, 3 volumes, Lisboa, Temas e Debates, 1999.
- REIS, Luís, *Cristóvão Figueiredo*, Lisboa, Artis, 1960.
- IDEM, *Jorge Afonso*, Lisboa, Artis, 1966.
- ROCHA, Manuel Joaquim Moreira da, “Dirigismo na Produção da Imaginária Religiosa no Século XVI – XVIII. As Constituições Sinodais” in Separata da Revista *Museu*, 4.<sup>a</sup> série, n.º5, Porto, s.n., 1996.
- ROSSA, Walter, *A Urbe e o Traço – Uma Década de Estudos sobre o Urbanismo Português*, Coimbra, Livraria Almedina, 2002.
- SERRÃO, Joaquim Veríssimo, *Livro das igrejas e capelas do Padroado dos Reis de Portugal, 1574*, Paris, Fundação Calouste Gulbenkian, Centro Cultural Português, 1971.
- SERRÃO, Joel (direcção), *Dicionário de História de Portugal*, Porto: 1984.
- SERRÃO, Vítor, “O Conceito de Totalidade nos Espaços do Barroco Nacional: A Obra da Igreja de Nossa Senhora dos Prazeres em Beja (1672-1698)”, in *Lusofonia, Revista da Faculdade de Letras de Lisboa*, n.ºs 21/22, 1996-97.
- IDEM, *História da Arte em Portugal. O Renascimento e o Maneirismo*, Volume III, Lisboa, Editorial Presença, 2001.

- IDEM, *História da Arte em Portugal. O Barroco*, Volume IV, Lisboa, Editorial Presença, 2003.
- IDEM, MECO, José, *Palmela Histórico-Artística – um inventário do património artístico concelhio*, Palmela, edições colibri e Câmara Municipal de Palmela, 2007.
- SILVA, Jorge Henrique Pais da, CALADO, Margarida, *Dicionário de Termos de Arte e Arquitectura*, Lisboa, Editorial Presença, 2005.
- VERISSIMO SERRÃO, Joaquim, *Livro das Igrejas e Capelas do Padroado dos Reis de Portugal (1574)*, Paris, Calouste Gulbenkian, 1971.
- IDEM, *História de Portugal*, Lisboa, Edições Verbo, 1990.
- VITERBO, Francisco de Sousa, *Dicionário Histórico e Documental dos Arquitectos, Engenheiros e Construtores Portugueses*, 2.<sup>a</sup> edição, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1988.

### **Bibliografia específica – Setúbal**

- A igreja do Mosteiro de Jesus de Setúbal*, Boletim da Direcção-Geral do Edifícios e Monumentos Nacionais, n.º 47, Lisboa, DGEMN, 1947.
- AA.VV. *Setúbal na História*, Edições Lasa, Setúbal, 1990
- AA.VV. *Caza da Sancta Mizericordia de Setúbal – Historia e Arte*, Setúbal, 1999.
- ABREU, Laurinda Faria dos Santos, *A Santa Casa da Misericórdia de Setúbal de 1500 a 1755: aspectos de Sociabilidade e Poder*, Setúbal, Santa Casa da Misericórdia, 1990.
- IDEM, “Confrarias e Irmandades de Setúbal: redes de sociabilidade e poder” in *Actas do I Congresso Internacional do Barroco*, volume I, Porto, Reitoria da Universidade do Porto, 1991, pp. 3 – 15.

- IDEM, *Setúbal na segunda metade do século XVIII. Os anos da reconstrução*, Lisboa, L.F.S.A., 1991.
- IDEM, *Memórias da Alma e do Corpo: A Misericórdia de Setúbal na Modernidade*, Viseu, Palimage, 1999.
- ALBINO, José Maria da Rosa, *Arrábida – publicação comemorativa do centenário da fundação do Antigo Círio da Arrábida de Setúbal*, Setúbal, Tipografia Sado, 1939.
- ALHO, Albérico Afonso Costa, *Cronologia Geral da História de Setúbal 1249 – 1910*, Setúbal, Escola Superior de Educação, 1980.
- ALMADA, Cármen, FIGUEIRA, Luís Tovar, *Igreja São Sebastião de Setúbal – Conservação e Restauro*, in *Revista Monumentos*, n.º 6, Lisboa, DGEMN, 1997, p. 72-74.
- ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de, “A Igreja de Jesus de Setúbal”, in *Separata da Revista da Faculdade de Letras*, II série, vol. VII, Porto, s.n., 1990.
- ANDERSEN, Hans Christian, *Uma Visita em Portugal em 1866*, Lisboa, ICLP, 1984.
- BARBOSA, Pedro G. e PEREIRA, F. A. Baptista, “Iconografia da Morte e Ressurreição de Cristo (desvios heterodoxos em dois painéis do Antigo Retábulo da Igreja de Jesus em Setúbal)” in *Prelo*, n.º 2, Lisboa, Casa da Moeda, 1984.
- BRAGA, Paulo Drumond, *Setúbal Medieval. Séculos XIII a XV*, texto policopiado, Lisboa, 1991.
- CALLIXTO, Carlos, “O Castelo de São Filipe” in *O Dia*, 13 de Dezembro de 1982.
- CARDOSO, João Luís, “Arqueologia da Região Meridional da Península de Setúbal” in *Almadan*, n.º 7, 2.ª série, Almada, Centro de Arqueologia de Almada, 1998, p.23-36.

- CARVALHO, João Carlos de Almeida, *Acontecimentos, Lendas e Tradições da Região de Setúbal*, 6 vols., Setúbal, Junta Distrital de Setúbal, 1968-1972.
- CASTRO, Afonso Macedo de, “Setúbal antigo. Compromisso da confraria de Nossa Senhora da Anunciada de Setúbal, no arquivo da actual Irmandade” in *O Setubalense*, (07-03-1943).
- CLARO, Rogério Peres, *Setúbal no século XVIII. As informações paroquiais de 1758*, Setúbal, Tipografia Rápida, 1957.
- COUTO, João, “O Calvário: Painel do políptico da Igreja do Convento de Jesus em Setúbal”, in *Separata do Boletim da Academia Nacional de Belas Artes*, Lisboa, s.n., 1940.
- DIAS, Pedro, *A Igreja de Jesus de Setúbal na Evolução da Arquitectura Manuelina*, Lisboa, Publicações Ciência e Vida, 1987.
- DUARTE, Ana, *Igreja e Capelas da Costa Azul*, Setúbal, s.d.
- DUARTE, Ana, PEREIRA, Fernando António Baptista (coord.), *Visões do Corpo*, Câmara Municipal de Setúbal, s.n., 2002.
- ENVIA, Manuel, *Coisas de Setúbal*, Setúbal, Tipografia Simões, 1947.
- FARIA, Carlos Vieira de, *Novo Fenómeno Urbano, Aglomeração de Setúbal. Ensaio de Sociologia Urbana*, Lisboa, Assírio e Alvim, 1981.
- FERNANDES, Isabel Cristina Ferreira, “A península de Setúbal em época islâmica” in *Arqueologia Medieval*, n.º 7, Porto, edições Afrontamento, 2001, p.185-196.
- IDEM, “Aspectos da litoriedade do Gharb al-Andalus: os portos do Baixo Tejo e do Baixo Sado” in *Arqueologia Medieval*, n.º 9, Porto, edições Afrontamento, 2005, p.47-60.
- FERREIRA, Herculano Amorim, “Os Açores, Setúbal e Lisboa vistos por uma dama escocesa em 1774-76”, in *Revista Municipal*, Lisboa, 1946.

- FERREIRA, José Martins, “Os Brasões de Armas de Setúbal”, in *Nova Vida*, ano 6, n.º 735, Setúbal, 1981.
- FLORES, Alexandre M., *Os livros de registo paroquial do Distrito de Setúbal. Sua importância para a História Económica, Social e Religiosa, séculos XVI-XIX*, Almada, edição do autor, 1988.
- FORTUNA, António Matos, “A riqueza fundiária da Ordem de Santiago no distrito de Setúbal” in *As Ordens Militares em Portugal e no Sul da Europa – Actas do II Encontro sobre Ordens Militares*, Lisboa, Edições Colibri / Câmara Municipal de Palmela, 1997, pp.231-268.
- LEMOS, Ana Maria Teves Franco de, *À Face, a Face Oculta dos Painéis de Setúbal*, Lisboa, s.n., 1993.
- MACHADO, José Timóteo Montalvão, “Setúbal sob o Domínio Filipino”, in *Separata de Arqueologia e História*, 8.ª série, Vol. IX, Lisboa, 1962.
- MARQUES, José, “A Ordem de Santiago e o Concelho de Setúbal, em 1341” in *As Ordens Militares em Portugal e no Sul da Europa – Actas do II Encontro sobre Ordens Militares*, Lisboa, Edições Colibri / Câmara Municipal de Palmela, 1997, pp.285-305.
- MARQUES, Luís, “A Estatuária no Distrito de Setúbal. Um Breve Olhar”, in *Movimento Cultural*, ano 2, n.º 31, Setúbal, 1986.
- MOREIRA, Bastos, “Monumentos de Evocação Militar – Castelo de São Filipe” in *Jornal do Exército*, Dezembro 1971
- NOGUEIRA, Lénia, MARTINS, Patrícia, TEIXEIRA, Álvaro, PINTOR, Vítor, *Paróquia e Igreja de S. Sebastião de Setúbal. História e Arte*, Setúbal, Paróquia de São Sebastião, 2004.

- OLIVAL, Fernanda, “A Ordem de Santiago e o Sal do Sado” in *Oceanos*, nº 4, Lisboa, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1990, pp. 93 – 96.
- OLIVEIRA, José Augusto, “A gestão dos conflitos entre os concelhos da Ordem de Santiago: o caso de Sesimbra e Setúbal”, in *As Ordens Militares e as Ordens de Cavalaria entre o Ocidente e o Oriente – Actas do V Encontro sobre Ordens Militares*, Palmela, Câmara Municipal de Palmela, 2009, p. 735-745.
- PEREIRA, Fernando António Baptista, “Pintura Antiga do Convento de Jesus de Setúbal. História de uma Colecção, séculos XV e XVI”, in *Movimento Cultural*, Setúbal, 1986.
- IDEM, “O Retábulo de Santiago” in *Oceanos*, n.º 4, 1990.
- IDEM (coord.), *Catálogo da Exposição, Santa Casa da Misericórdia de Setúbal – História e Arte*, Setúbal, Câmara Municipal de Setúbal, 1991-1992.
- IDEM, “O centro histórico de Setúbal e os seus principais valores patrimoniais” in *A Cidade*, Lisboa, Universidade Aberta, 1993, 501-513.
- IDEM, *Setúbal Cultural*, Setúbal, Câmara Municipal de Setúbal, 1994.
- PEREIRA, José Fernandes, “O Barroco do Século XVIII” in *História da Arte Portuguesa*, Volume III, Barcelona, Circulo de Leitores, 1995.
- IDEM, “O Barroco do Século XVII: transição e mudança” in *História da Arte Portuguesa*, Volume III, Barcelona, Circulo de Leitores, 1995.
- PEREIRA, Artur Alberto da Conceição, *Subsídio para a história dos círios da Arrábida provenientes de Setúbal*, Setúbal, 1982.
- QUINTAS, Maria Conceição, e BALTAZAR, Patrícia, *Génese da Revolução, 1640 Setúbal*, Setúbal, INAPA, Câmara Municipal de Setúbal, 1988.

- QUINTAS, Maria Conceição, *Monografia de Setúbal*, Setúbal, Junta de Freguesia de São Julião, 1993.
- IDEM, “A festa do Senhor do Bonfim no Aglomerado Urbano de Setúbal”, in *Cultura - Revista de História e Teoria das Ideias*, Volume X, Lisboa, Centro de História da Cultura da Universidade Nova de Lisboa, 1998, p. 411-421.
- IDEM, “Expressões da Vivência Religiosa no Aglomerado Urbano de Setúbal”, in *Cultura – Revista de História e Teoria das Ideias*, Volume X, Lisboa, Centro de História da Cultura da Universidade Nova de Lisboa, 1998, p. 189-215.
- RASTEIRO, Joaquim, “Noticias archeologicas da península da Arrábida” in *O Archeologo Português*, Volume III, 1997, p.1-49.
- RAU, Virgínia, *A Exploração e o Comércio do Sal de Setúbal. Estudo de História Económica*, Lisboa, 1951.
- IDEM, *Estudos sobre a História do Sal em Português*, Lisboa, Editorial Presença, 1984.
- REBELO, Capitão, *Conheça um pouco mais de Setúbal*, Setúbal, 1992.
- RIBEIRO, Américo, *Setúbal de outros tempos: um tesouro guardado*, Setúbal, s.n., 1992.
- RIBEIRO, Orlando, *A Arrábida: esboço geográfico*, Lisboa, Fundação Oriente e Câmara Municipal de Sesimbra, 2004.
- SILVA, Carlos Tavares da, SOARES, Joaquina, “Na Procura das Origens de Setúbal” in *Almadan*, n.º 3, Almada, Centro de Arqueologia de Almada, 1984, p.2-6.
- SILVA, Maria de Lurdes S. Pereira Reizinho, *Mortalidade e mobilidade sócio demográfica no concelho de Setúbal no século XIX*, Tese de Mestrado em Estudos de população e demografia Histórica apresentada à Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 1999.

SILVA, Carlos Tavares da, PEREIRA, Fernando António Baptista, *Convento de Jesus 500 anos Arqueologia e História*, Setúbal, 1989.

SILVA, José Custódio Vieira de, *A Igreja de Jesus de Setúbal*, Setúbal, SALPA, 1987.

IDEM, *Setúbal*, Lisboa, Editorial Presença, 1990.

SOARES, Joaquina, “Arqueologia Urbana em Setúbal: problemas e contribuições” in *Trabalhos de Arqueologia 14*, Lisboa, Instituto Português de Arqueologia, 2000, p.101-130.

### **Bibliografia específica – retábulos**

ALVES, Natália Marinho Ferreira, *A Arte da Talha no Porto na Época Barroca (Artistas e Clientela, Materiais e Técnicas)*, Porto, 1989.

IDEM, “A Actividade de Pintores e Douradores em Braga nos Séculos XVII e XVIII” in *Actas do Congresso Internacional do Barroco*, Porto, 1991.

BAZIN, Germain, “Morphologie du Retable Portugais“, in *Belas Artes*, n. ° 5, Lisboa, s.n., 1953.

FERREIRA, Sílvia, e Maria João Pereira Coutinho, “José Rodrigues Ramalho (c. 1660-1721): Um artista do Barroco Lusófono na Casa Professa de S. Roque ” in *Revista Brotéria*, Lisboa, 2004.

LAMEIRA, Francisco, “A Talha do Mosteiro De Santa Maria de Belém”, in *Jerónimos – Quatro Séculos de Pintura*, Volume I, Lisboa, Instituto Português do Património Arquitectónico, 1993.

IDEM, *A Talha no Algarve durante o Antigo Regime*, Faro, Câmara Municipal de Faro, 2000.

IDEM, “A Arte da Talha”, in *Monumentos*, Lisboa, Direcção Geral dos Monumentos Nacionais, n.º 15, 2001.

- IDEM, e SERRÃO, Vítor, “O retábulo protobarroco em Portugal (1619-1668)”, in *Promontoria. Revista do Departamento de História, Arqueologia e Património da Universidade do Algarve*, n.º 1, Faro, Universidade do Algarve, 2003.
- IDEM, e SERRÃO, Vítor, “O retábulo em Portugal: o barroco pleno (1668-1713)”, in *Promontoria. Revista do Departamento de História, Arqueologia e Património da Universidade do Algarve*, n.º 2, Faro, Universidade do Algarve, 2004.
- IDEM, e SERRÃO, Vítor, “O retábulo em Portugal: o barroco final (1713-1746)”, in *Promontoria. Revista do Departamento de História, Arqueologia e Património da Universidade do Algarve*, n.º 3, Faro, Universidade do Algarve, 2005.
- IDEM, *O Retábulo em Portugal, das origens ao declínio*, Revista Promontoria Monográfica História da Arte, n.º 1, Faro, Departamento de História, Arqueologia e Património da Universidade do Algarve e Centro de História da Arte da Universidade de Évora, 2005.
- IDEM, *O Retábulo da Companhia de Jesus em Portugal: 1619-1759*, Revista Promontoria Monográfica História da Arte, n.º 2, Faro, Departamento de História, Arqueologia e Património da Universidade do Algarve, 2006.
- IDEM, *O Retábulo no Algarve*, Revista Promontoria Monográfica História da Arte, n.º 3, Faro, Departamento de História, Arqueologia e Património da Universidade do Algarve e Região de Turismo do Algarve, 2007.
- MARTIN GONZÁLEZ, Juan José, “El Retablo en Portugal. Afinidades e diferencias con los de España”, in *Actas do II Simpósio Luso-Espanhol de História da Arte*, Coimbra, 1987.
- MARTINS, Fausto Sanches, “O Trono Eucarístico do Retábulo Barroco Português: Origem, Função, Forma e Simbolismo”, in *Actas do I Congresso Internacional do Barroco*, Vol. II, Porto, Câmara Municipal do Porto, 1991.

- MATOS, José Sarmiento de, “Retábulo da Igreja de Jesus de Setúbal”, *Oceanos*, n.º 2, Lisboa, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1989, p. 83.
- MECO, José, “Contaminações dos materiais e das formas: arcos triunfais retabulares” in *Actas do V Colóquio Luso-Brasileiro de História da Arte. A Arte no mundo Português nos séculos XVI, XVII, XVIII*, Faro, 2001.
- MINGUET, Philippe, *Estética del Rococó*, Madrid, Cátedra, 1992.
- PEREIRA, Fernando António Baptista, “Retábulo da Igreja de Jesus de Setúbal”, in *Oceanos*, n.º 2, Lisboa, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1989.
- PESSOA, José, *Retábulo da Igreja de Jesus de Setúbal*, Setúbal, Câmara Municipal de Setúbal, 1989.
- PIMENTAL, António Filipe, “O Tempo e o Modo: O retábulo enquanto discurso”, in *Actas del IX Simpósio Hispano-portugués de Historia del Arte*, Santiago de Compostela, 2002.
- PINTO, Machado, *O Mosteiro de Jesus de Setúbal. Crónicas como desapareceram painéis de azulejo e altares da Igreja de Jesus*, Setúbal, s.n., 1985.
- REIS, Mónica, “O Retábulo indo-português de Damão e Diu” in *Promontoria. Revista do Departamento de História, Arqueologia e Património da Universidade do Algarve*, n.º 5, Faro, Universidade do Algarve, 2007.
- REIS, Luís, “Reconstituição do Antigo Políptico da Paixão da Paixão da Igreja de Jesus de Setúbal” in *Estudos de Pintura Antiga*, 1943, p. 147-155.
- SANTOS, Reynaldo dos, *A Escultura em Portugal*, 2 vols., Lisboa, Academia Nacional de Belas Artes, 1948-1950.

SERRÃO, Vítor, “Uma Obra-Prima do Estilo Nacional: O Retábulo da Igreja de Santa Maria da Graça de Setúbal (1697-1700)”, in *Boletim Cultural da Póvoa de Varzim XXVI*, n.º 2, 1989.

RODRIGUES, Susete Filipa, *A Arte da Talha no Concelho de Tondela – Do Maneirismo ao Neoclássico*, Tondela, Câmara Municipal de Tondela, 2005.

SMITH, Robert, *A Talha em Portugal*, Lisboa, Livros Horizonte, 1963.

### **FONTES ELECTRÓNICAS**

AA. VV., *Inventário do Património Arquitectónico*, <http://www.monumentos.pt>.

AA. VV., *IPPAR*, <http://www.ippar.pt>